

Governador do Banco de Portugal reconhece

SITUAÇÃO PREOCUPANTE NA BOLSA DE VALORES



Tavares Moreira

O estado actual do mercado de acções está a causar algumas preocupações, admitiu esta manhã o Governador do Banco de Portugal, num encontro com jornalistas. Tavares Moreira, que participava nos pequenos almoços semanais organizados pelo Hotel Méridien, garantiu porém que o Governo «está atento para que não se gere uma situação perigosa como seria a existência de relações de 20 para 1 entre o preço das acções e o seu valor real».

Continua na pág. 24

Começaram as demolições na Arrábida

CLANDESTINOS: HOJE É O PRINCÍPIO DO FIM

Mais de uma dezena de barracas tinham sido destruídas ao fim da manhã de hoje no Portinho da Arrábida. Desde as seis horas da manhã que três buldózers, vários soldados da GNR, funcionários e tarefeiros da Câmara de Setúbal e trabalhadores de duas empresas de construções ali se concentraram.



Continua na pág. 11

Tractores iniciaram esta manhã a demolição de barracas na Arrábida



NOBEL DA PAZ PARA ELIE WIESEL

Pág. 13



VERÃO DE 86: falharam os turistas americanos

César Avila

Excursivo EFE/«DL»

O bombardeamento dos Estados Unidos a Trípoli e Benghazi, na Líbia, em Abril deste ano, foi o detonador de um autêntico estampido de cancelamentos norte-americanos em relação a férias na Europa.

Os cidadãos dos Estados Unidos temiam as represálias líbias em solo europeu. A consequência foi uma baixa espectacular do turismo norte-americano na Europa ocidental.

Outras das razões do desaparecimento, este ano, do turista norte-americano em território europeu tem a ver com a baixa do valor do dólar frente às principais moedas mundiais. Esta queda foi de 18 por cento em 1985. Está no entanto fora de dúvida de que foi o receio de sofrer atentados terroristas o principal motivo da desercção do turista americano.

Uma indústria de 42 000 milhões de dólares

Uma cadeia de sucessos de terrorismo internacional pôs em guarda os visitantes dos Estados Unidos desde o Outono passado: o aprisionamento do navio «Achille Lauro» (Outubro), aniquilamento de passageiros no aeroporto de Roma e Viena (Dezembro), explosão a bordo de um avião da TWA em voo de Roma a Atenas e o ataque terrorista a um disco-bar em Berlim ocidental (Abril).

No começo do Verão o presidente da Comissão Económica Europeia, o francês Jacques Delors, face ao alarme da indústria turística europeia perante a avalanche de cancelamentos norte-americanos, propôs uma reunião urgente dos funcionários comunitários no sentido de fazer frente à situação que se avizinhava. Receavam-se prejuízos avaliados em centenas de milhões de dólares.

Terá que aguardar-se o final do tempo de férias para se estabelecer, a partir de estatísticas oficiais, o verdadeiro saldo negativo sofrido pela Europa em relação à baixa registada no afluxo do turismo proveniente dos Estados Unidos. Não pode ignorar-se a importância da indústria turística no espaço europeu. Só na Comunidade Económica, que engloba doze nações no velho continente, esta indústria atinge os 42 700 milhões de dólares.

No início do Verão os países europeus faziam já uma ideia muito aproximada do que iria ser a fuga maciça dos visitantes vindos dos Estados Unidos: Grécia

(80 por cento de quebra no turismo norte-americano), Itália (70 por cento), França (50), Portugal (60), Grã-Bretanha (30), Alemanha (60) e em Espanha os 10 por cento de cancelamentos em Abril davam já uma imagem clara da extensão do desastre.

Novas rotas turísticas

E nem valeram os argumentos da contrapropaganda: a Europa é mais segura do que os próprios Estados Unidos. Diziam os europeus que no seu continente, nos últimos 16 meses, o terrorismo causara 70 mortos em Itália, França e Alemanha Ocidental, enquanto que a média diária de assassinatos na América do Norte se eleva a 52 casos. Por outro lado apontavam o endurecimento considerável implantado nas medidas policiais e militares antiterroristas na Europa. Referia-se ainda o comentário expresso no Parlamento britânico: a taxa de mortes violentas em Nova Iorque é dez vezes superior à de Londres...

O histérico medo dos americanos em viajar para a Europa no Verão de 1986 chegou a atingir o absurdo para não dizer anedótico. Entre outros houve o caso dos directores de cinema norte-americanos Steven Spielberg e Martin Scorsese que cancelaram a presença no Festival de Cannes por receio ao terrorismo, no que foram seguidos pelos actores Kim Basinger e Whoopi Goldberg. Por idêntico motivo a Orquestra Sinfónica de Atlanta não se apresentou em Paris.

Para onde foram este Verão os americanos? Segundo dados disponíveis nesta altura os viajantes norte-americanos deslocaram-se para a Ásia e para o Pacífico e levaram a um verdadeiro auge a indústria turística nacional. Hong-Kong e Taiwan viram crescer de 9 para 100 os visitantes dos Estados Unidos. E a Austrália nada menos de 20 para 100...

Japão, caro para os norte-americanos

O caso do Japão é diferente. Aí o número de turistas norte-americanos manter-se-á a níveis idênticos aos de 1985: cerca de 558 000 visitantes. A irresistível

ascensão do iene, a moeda nipónica, nos mercados internacionais de câmbio, aliada à queda do dólar, são conjuntamente responsáveis por este fenómeno.

Um número enorme de turistas norte-americanos escolheram este ano as paisagens nacionais para as férias de Verão. Segundo previsões estatísticas norte-americanas, 1986 acolherá, dentro das fronteiras dos Estados Unidos 92 milhões de visitantes compatriotas e 24 milhões de estrangeiros. Desta situação excepcional resultará um recorde de dividendos à indústria do turismo norte-americano: 280 000 milhões de dólares.

O Alaska, os grandes parques nacionais, as duas belas costas oceânicas nos Estados Unidos receberão este ano o grosso da emigração estival dos turistas com maior capacidade financeira mundial. E a este rio humano que no Verão de 1986 decidiu ignorar a Europa somam-se os estrangeiros nomeadamente procedentes do Canadá, México e Japão.

Também a sombra de Chernobyl

Há quem aponte a tragédia nuclear soviética de Chernobyl como causa próxima da avidez com que os turistas europeus escolheram este ano os Estados Unidos como meta das suas férias de Verão. A nuvem radioactiva, segundo pensam, contaminou a paisagem europeia. Tornava-se necessário fugir das suas consequências. E a América e a Ásia, tal como a África, eram terras mais seguras.

De qualquer forma, a indústria turística norte-americana padece de grave crise interna: excesso de capacidade. Só neste ano, os hotéis dos Estados Unidos aumentaram a sua oferta em 70 000 novos quartos, o que é demasiado mesmo para um país tão vasto como aquele.

É sabido que a indústria turística é um negócio que exige a tranquilidade da paisagem física e humana. Qualquer alteração à paz local e à convivência humana redundam em prejuízo para o turismo. Neste aspecto os especialistas europeus mostram-se pessimistas quanto ao futuro imediato do regresso dos visitantes norte-americanos ao velho continente. «O medo ao terrorismo na Europa foi tão forte — argumentam — que passarão dois ou três anos, se não houver outros contratempos, antes que os ricos turistas dos Estados Unidos voltem à paisagem europeia».

Doenças da silhueta e do adelgaçamento

Beja Santos

«Conheço uma amiga da minha prima, que perdeu 10 kg em 5 dias...» «tome a pastilha Berloque e emagrece sem choque», «experimente a Dieta F!», a «revolucionária Dieta Atkins»..., enfim vivemos num mundo com graves questões de subsistência, mas onde a febre de adelgaçar se anuncia em vagas maciças pelos cosméticos, pelos aparelhos da sofisticada ginástica, pelos redutores do apetite, pelos laxantes e diuréticos, por estranheza as de macrobióticos e vegetarianismo, e muito pouco através do aconselhamento do endocrinologista e nutricionista, da alimentação racional, da actividade física ao alcance de todos. Superstição e consumismo andam de mãos dadas.

Todas as negociações de emagrecimento fazem por omitir um princípio elementar: a fisiologia humana tem os seus próprios fiéis de balança, isto é tudo uma questão de equilíbrio entre a paparoca e a energia despendida. Se absorvemos mais calorias, do que aquelas que se queimam, engorda-se (ou eufemisticamente: ganha-se peso); se, pelo contrário, se consegue manter um equilíbrio entre a energia assimilada e a «queimada», manter-se-á um peso estável, o que, regra geral, é um bom indicador de saúde.

As fobias da silhueta começam habitualmente na adolescência (uma rapariga em cada três dá muita importância ao peso enquanto tal nível de preocupação nos rapazes é menor, pois só um em cada dez se diz bastante preocupado com o seu peso). Lisa Bergeron analisa o fenómeno na revista dos consumidores de Québec, «Protégez-vous», no número de Abril deste ano, referindo minuciosamente as alterações que o corpo regista por essa época: grande importância e instabilidade das massas de gordura que só se fixarão na idade adulta, na rapariga, enquanto nos rapazes é a massa muscular que conhece um desenvolvimento mais importante. Daí a corrida a qualquer preço ao adelgaçamento: dietas com um só alimento, dietas drásticas com bolachas e pílulas, comprimidos para enganar a fome, ou seja, julga-se emagrecer rapidamente privando o organismo da razão energética essencial. Depois, surge um tiro de aviso da patologia: a anorexia ou falta de apetite.

Conselho: alimentação variada, fuja das gorduras em excesso, dos açúcares, do «fast-food»; faça natação, caminhada, recorra a todas as habilidades para evitar o corpo molengão e adiposo (a partir dos 10% acima do peso recomendado, paira a ameaça da obesidade, pelo que a consulta ao nutricionista é mais do que recomendável).

Pior do que tudo é encarar que os quilos a mais têm uma

solução mágica, independentemente do tipo de personalidade, das pressões sociais, até da relação familiar ou profissional.

Não há soluções dietéticas de cardápio, ao contrário do que apregoam esses negócios fabulosos do adelgaçamento. É que cada pessoa tem as suas peculiaridades, e todos sabemos que qualquer desfazamento na quantidade e composição das proteínas, lípidos e hidratos de carbono que ingerimos pode produzir um desequilíbrio, no nosso organismo, e que pode desencadear obesidade ou magreza quando não se processa debaixo de uma estrita vigilância médica.

Conselho: não se fie em mensagens publicitárias, nem na dieta da vizinha. Fuja dos dispendiosos e inúteis cremes e sabonetes adelgaçantes: não seja crédula a ponto de lhe venderem um tratamento anti-celulite à base de chá ou comprimidos: os laxantes e diuréticos só servem para debilitar e, muitas vezes, só servem para agravar a doença; os redutores de apetite, usados durante um apreciável lapso

de tempo, são mesmo perigosos: os comprimidos à base de anfetaminas podem alterar o sistema nervoso, atacar o coração, isto é, podem provocar alterações para toda a vida: fuja de todos os desequilíbrios e radicalismos dietéticos (sabe-se que as dietas vegetarianas são paupérrimas em materiais plásticos, e por isso, são desaconselhadas por tempo indeterminado).

E ponto final com as advertências solenes de um nutricionista, o dr. Emilio Peres:

«Comer desequilibradamente é não comer de tudo o que é necessário nas proporções justas. De facto, devemos respeitar as proporções com que os vários grupos de alimentos estão representados na Roda dos Alimentos. Quando não comemos de tudo de forma variada e equilibrada, o organismo sofre de carências ou de excessos de certos nutrientes».

Sejamos francos: quantas vezes os quilos a mais não começam com o ripanço, da passividade consumista, com a desordem, na actividade física e no comer desequilibradamente?



Ler ou não ler

Luís Veiga Leitão: poeta da humanidade

José Carlos Gonzalez

Porque é que o Luís Veiga Leitão tem sido um poeta discretamente esquecido? Por ser do Porto, «carago»?

Tenho a tristeza de dizer que este país está a ficar sandeu, ensandecido, triste, pobre de espírito, diminuído mental, e, ao mesmo tempo, pretensioso, parvoíde. Não há desculpa que valha.

Interessa agora, ao que parece, pelas gazetas, tristíssimas de resto, pelo menos nos jornalários, falar de coisas de linguística parva, como se a linguística não fosse coisa feita e refeita pelo povinho; desinformando, arreando o espaço do futuro, ora pra trás ora pra diante, tudo cheio de citações, de livros que quase ninguém leu, ou mal, com conotações, arremessos, sabenças pobrezinhas, opiniões dogmáticas, caca.

Acontece que saíram, quase ao mesmo tempo, dois livros do Luís Veiga Leitão. Declaro-me desde já suspeito, por ser dele amigo do peito. Um foi o «Longo Caminho Breve», na Imprensa Nacional, digna edição, colectânea do muito e forte que este homem escreveu durante mais de quarenta anos. Honra, pois, à iniciativa da Imprensa Nacional.

Mas o que hoje mais me importa e interessa é o seu «Livro da Paixão» (da Ulmeiro) composto de textos proso-poéticos, porque se trata de algo que tem que ver com a união de um homem, da sua fidelidade, ao Amor — entenda-se, ao amor da Vida e da Beleza.

Quem já me tenha lido um pouco, nestas crónicas, sabe que odeio as citações. Desta vez, porém, não consigo resistir a duas:

«Um eléctrico ou um boi? Quem ama não tolera que o desmintam: Era um boi, unicórnio, pesado,



chocalhante. E tinha, e tem na testa, o primeiro número dos números».

E a segunda:

«Coração das águas densas. O sal, como escamas, brilha ao rás da pele. Ao inclinar o sol, vestem-se de translúcida cor».

Este livro, parece-me um caso raro. Porquê? Porque o

Luís Veiga Leitão não precisa de se confessar. Ele é, e sempre foi, um irremediável amoroso. Não só da mulher, das mulheres, mas como já disse, da vida, do maravilhoso-tenebroso da vida. Das infinitas possibilidades que o ser humano tem e que, pouco a pouco, malgrado as ameaças dos reagens, hão-de vir à tona, e dar o tom do novo homem.

Jornais de província (I)

Luís Miranda Rocha

De vez em quando reúnem-se algures na província representantes de jornais regionais, fazem aquilo a que se chama discutir os problemas da pequena imprensa e chegam quase sempre às mesmas conclusões: tal imprensa sobrevive mal, faltam apoios.

Assentam nisto as reclamações mais constantes, e são, em regra, de carácter financeiro. Fazem-se outras, pode-se dizer, de carácter ou teor técnico. E, enfim, nos últimos tempos tem-se ouvido falar de reclamações agora pode-se dizer que profissionais. É uma evolução, um progresso, e de sentido positivo, aparentemente. Mas tem muito que se lhe diga para além das aparências.

As reclamações de carácter financeiro são mais do que conhecidas. Tais jornais fazem-se com poucos recursos, a tendência é, geralmente, para as receitas se deixarem exceder pelas despesas. As receitas provêm da publicidade e das assinaturas, e são muitas vezes aleatórias, além de insuficientes. As despesas de produção têm subido incessantemente. Há os apoios oficiais — porte pago e subsídio de papel.

Mesmo com tais apoios, as dificuldades são grandes. Faz-se uma ideia do que aconteceria a uns 90 por cento desses jornais se tais apoios acabassem. E, no entanto, tais apoios são relativamente recentes. Como viviam

os jornais antes deles, eis o que hoje pode parecer um mistério. A explicação está no desproporcional agravamento da vida e das condições de vida de todo o País, principalmente de alguns dos seus sectores de actividade. A crise afectou sobretudo os sectores menos rentáveis, ou menos economicamente auto-suficientes, dependentes, pois, do poder económico. A imprensa era um desses sectores. As duas formas de apoio actualmente em prática — porque suportadas pelo Estado — tenderiam a reduzir essa independência e poderiam constituir condições para uma mínima auto-suficiência, tanto mais quanto nas atribuições se impõem critérios gerais, universais, não políticos, não ideológicos, apesar do Estado e do carácter político da sua administração.

E, na realidade, os jornais vão sobrevivendo. Sem tais apoios não sobreviveriam. Vão sobrevivendo, mas não melhorou consideravelmente a sua situação.

E, principalmente, tal imprensa não tem evoluído (progredido) muito. Faltam-lhe recursos para um sério investimento. Falamos agora de problemas de ordem técnica. Implicam-se, por um lado, com os problemas financeiros, e, por outro, com os problemas profissionais, chamemo-lhos assim, não ocorrendo outro termo.

Faltam profissionais

Há em Portugal, presentemente, qualquer coisa como três centenas e meia de jornais regionais ou meramente locais, de cobertura por vezes nem sequer concelhia. A maior parte dos concelhos, pelo menos, tem uma vida e uma história, uma tradição, actividades (sociais, culturais, económicas, etc.) específicas um mínimo, em que assenta alguma identidade própria, e o jornal ou jornais que aí se publicam têm uma justificação, aliás, não apenas teórica: prática, também, já que as comunidades locais lhes viabilizam a existência, lendo-os, pagando-lhes assinaturas, fazendo neles publicidade. Tais jornais, em cobertura informativa ou expansão, vão por vezes um pouco além do meio a que pertencem, e que, naturalmente, reflectem (de que reflectem os alcances e as dificuldades, as possibilidades e as limitações). Mas fazem-se num regime de quase total amadorismo e a qualidade deles, por vezes, nem chega a ser discutível. Precisariam de alguns profissionais, um jornalista, um gráfico, pelo menos, e para além dum bom gestor com quem nem sempre contam. Não têm, parece, capacidade financeira que lhes suporte uma estrutura profissional mínima. Por isso não são hoje muito diferentes — para melhor — do que eram há dez, vinte anos, trinta, e é duvidoso que se modifiquem nos tempos mais próximos, se entretanto puderem subsistir (e poderão subsistir se não lhes faltarem os apoios que já têm de Lisboa, e também se as comunidades que servem não perderem o sentido do que são, das raízes, das radicações, etc., etc.).

Umas (poucas) dezenas de jornais regionais (de cobertura e expansão mais do que concelhia, abarcando determinado número de concelhos em termos de cobertura e expansão, mas difícilmente conseguem expansão se não fizerem cobertura) também não parecerão jornais a mais. Só que tais jornais apenas em quantidade de informação, de publicidade, de tiragem, são diferentes dos outros. Em qualidade, e em regra, não são melhores jornais regionais do que os outros são também em regra, que há sempre excepções — jornais locais. Alguns terão uma estrutura empresarial, mas mínima, e funcionando muito a um nível incerto entre o amadorismo e o profissional. No tocante à informação que praticam e à sua qualidade, é visível que esse funcionamento está mais próximo do profissionalismo do que do amadorismo. As causas disso são predominantemente financeiras, como é fácil de entender. Tais jornais são apenas um pouco mais ambiciosos do que outros, e têm um campo de acção mais alargado. Mas condições nem por isso mais favoráveis. Para o público, o seu estatuto regional é sempre algo duvidoso. E há a concorrência dos jornais locais,

também e não raro. Há ainda, em muitos casos, a concorrência dos jornais de Lisboa e do Porto.

Os dedos das mãos chegarão para contar os jornais de província assim (regionais) que se possam dizer de relativa qualidade. Dizer que lhes falta isso é dizer que lhes falta profissionalismo, que lhes faltam profissionais. Terão, pr vezes, mas biscateiros. E precisariam, por exemplo, de meia dúzia de profissionais funcionando a tempo ineiro.

A questão dos profissionais que faltam (fazem falta, sente-se-lhes a falta, vê-se a falta que fazem) é, certamente, questão de jornalistas, não tanto de gráficos: é que, em princípio, um jornalista tem de ter algumas noções de grafismo (jornalístico), e, em última análise, as oficinas contam com profissionais desse sector capacitados para a resolução de certos problemas.

A questão dos profissionais não se põe com tanta premência em tratando-se de outras funções. E não porque os outros sectores — administração, publicidade, por exemplo, exijam menos profissionalismo ou não tenham especiais exigências, de competência, de rigor e de noção das especificidades dessas funções, no sector. O que se passa é que, pelo menos aparentemente, é mais fácil (ou menos difícil) encontrar profissionais competentes e habilitados para essa função do que para a função jornalística. (Mas esta avaliação é um tanto empírica, e pode ser

que esteja errada).

Estes problemas hão-de pôr-se com mais ênfase em tratando-se dos jornais regionais ou de vocação regional, porque são eles que constituem a necessidade mais premente, hoje, em Portugal.

É conhecido o contexto em que esta necessidade se situa. O País precisa de descentralizar-se, regionalizar-se, crescer em todos os campos, criar centros de referência alternativos a Lisboa e Porto, principalmente no interior. Esses centros urbanos terão, então, a sua própria imprensa, os seus jornais, digamos, «a sério» —, como ainda está longe de acontecer na maior parte dos casos — que permitam à população que lê jornais, preferir-lhes aos de Lisboa e Porto.

Haverá essa imprensa, esse jornais, quando houver tais centros. Haverá tais centros quando houver regiões, e talvez possa haver regionalização antes de haver regiões. É, porventura, uma questão de visão e da capacidade das pessoas, das populações, para vencerem as dificuldades e as oposições que se lhes levantam.

Mas a imprensa é, obviamente, um reflexo do estado e da vida em que se encontram o social, o cultural, económico, ordem dos factores, se preferirmos, arbitrária. E seria optimismo ou estultícia pensar que esta relação (se não causa efeito, pelo menos muito próxima disso) se pode inverter por acção de qualquer voluntarismo.

Nas cideias de Jacarta

Deputado australiano quer visitar timorenses detidos

O deputado trabalhista australiano Bob Tickner, de Nova Gales do Sul, solicitou formalmente autorização ao Governo de Jacarta para visitar Timor-Leste e os timorenses detidos pela Indonésia, informaram fontes partidárias. O pedido surge na sequência da detenção de três estudantes ti-

morenses, em Setembro passado, e o objectivo da visita consiste em tomar conhecimento das «violações aos Direitos Humanos que continuam a ocorrer na ex-colónia portuguesa».

Em Londres, a Amnistia Internacional pediu também au-

torização para ter acesso aos três estudantes — António Gonçalves, João de Freitas da Câmara e Francisco Fernandes, detidos por elementos da polícia secreta indonésia junto da Universidade Católica de Jacarta. Um comunicado do representante da Fretilin, em Darwin, Ágio Pereira, afir-

mou entretanto que a detenção dos estudantes verificou-se na sequência de uma acção militar indonésia, em Timor-Leste.

Notícias provenientes de Jacarta sublinharam que foram encontradas armas e explosivos na posse dos três estudantes detidos.

LISBOA/PORTO/LISBOA

UMA VIAGEM A PREÇO ACESSÍVEL?

É DAR POUCO DINHEIRO POR MUITO CONFORTO!

AGORA, NOVO SERVIÇO LISBOA/PORTO/LISBOA, COM 2.ª CLASSE MUITO CONFORTÁVEL, DE GRANDE CAPACIDADE.



Uma viagem a preço acessível não se traduz apenas no pouco dinheiro que se paga. Revela-se, sobretudo, no muito conforto que se obtém. A 2.ª classe do novo Serviço Lisboa/Porto/Lisboa oferece, nomeadamente, grande capacidade de lugares, espaço muito amplo, ar condicionado, assentos anatómicos, carruagens insonorizadas de pouca vibração e excelente serviço de bar. Um ambiente muito confortável, quase ao nível da luxuosa 1.ª classe, com a vantagem do preço mais acessível. Bastante veloz, este novo material de avançada tecnologia ferroviária apresenta características de elevada segurança, destacando-se as portas de bloqueio automático e o sistema especial de travagem.

Lisboa → Porto 10-25
7-25
Porto → Lisboa 20-35
17-00



Comboio, a opção decisiva.

Governo português satisfeito com os resultados da cimeira entre Reagan e Gorbachev

O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Azevedo Soares, afirmou ontem que o Governo português «ficou muito satisfeito com os progressos muito significativos» alcançados durante a cimeira entre Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev.

Azevedo Soares, que participou em Bruxelas no encontro dos países membros da NATO para apresentação de uma exposição do secretário norte-americano George Shultz, sobre a cimeira, indicou que esses progressos se expressam na apresentação de novas propostas e numa maior flexibilidade no tratamento dos assuntos.

«Os progressos significativos verificaram-se na forma como cada uma das partes, em relação às diversas matérias tratadas, apresentou novas propostas e uma maior flexibilidade no tratamento dos assuntos», disse.

Azevedo Soares justificou a não assinatura de um «acordo» afir-

mando que devido à proximidade das posições das duas superpotências é necessário «agir com maior prudência para não criar falsas expectativas».

PS manifesta desapontamento

Ao contrário do Governo português, o Secretariado Nacional do PS manifestou o seu «desapontamento» pelo «fracasso das conversações», considerando que «na hora actual, deve sobrevir não o pessimismo, mas a clareza orientada para a alteração das condições que originaram o fracasso».

Não é aceitável que os problemas específicos das relações bilaterais entre os Estados Unidos e a União Soviética se sobreponham aos interesses globais da Humanidade. «Se Reiquejavique não deu o contributo esperado à causa da paz, que não se torne pelo menos em causa de retrocesso», defende o Secretariado do PS.



O embaixador durante o encontro com a Imprensa

"É possível o entendimento entre os EUA e a URSS"

- disse o embaixador soviético em Lisboa

O embaixador da União Soviética em Lisboa, Vdovine, disse esta manhã que a cimeira de Reiquejavique demonstrou que o entendimento entre o seu país e os Estados Unidos é possível, apesar de se terem malogrado as conversações entre Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev. O chefe da diplomacia da URSS em Lisboa disse mesmo que «não há razões para desespero», nem nunca como hoje se tornou tão importante e necessário o diálogo entre Moscovo e Washington.

Numa conferência de Imprensa convocada para a sede da missão diplomática soviética, o embaixador Vdovine recordou as principais fases das negociações de Reiquejavique, durante as quais a URSS apresentou propostas que foram aceites pela delegação norte-americana. Estão neste caso aqueles que dizem respeito à redução em 50 por cento do arsenal de armas nucleares: ao projecto de um acordo sobre mísseis de médio alcance estacionados na Europa e a sua completa liquidação até ao ano 2000.

Relativamente a este ponto — ao acordo sobre armamentos estratégicos — o embaixador da URSS revelou que Mikhail Gorbachev não inclui a questão relativa ao potencial nuclear francês e inglês, propondo embora que o mesmo não seja aperfeiçoado. «Foi uma grande concessão da nossa parte», disse o diplomata.

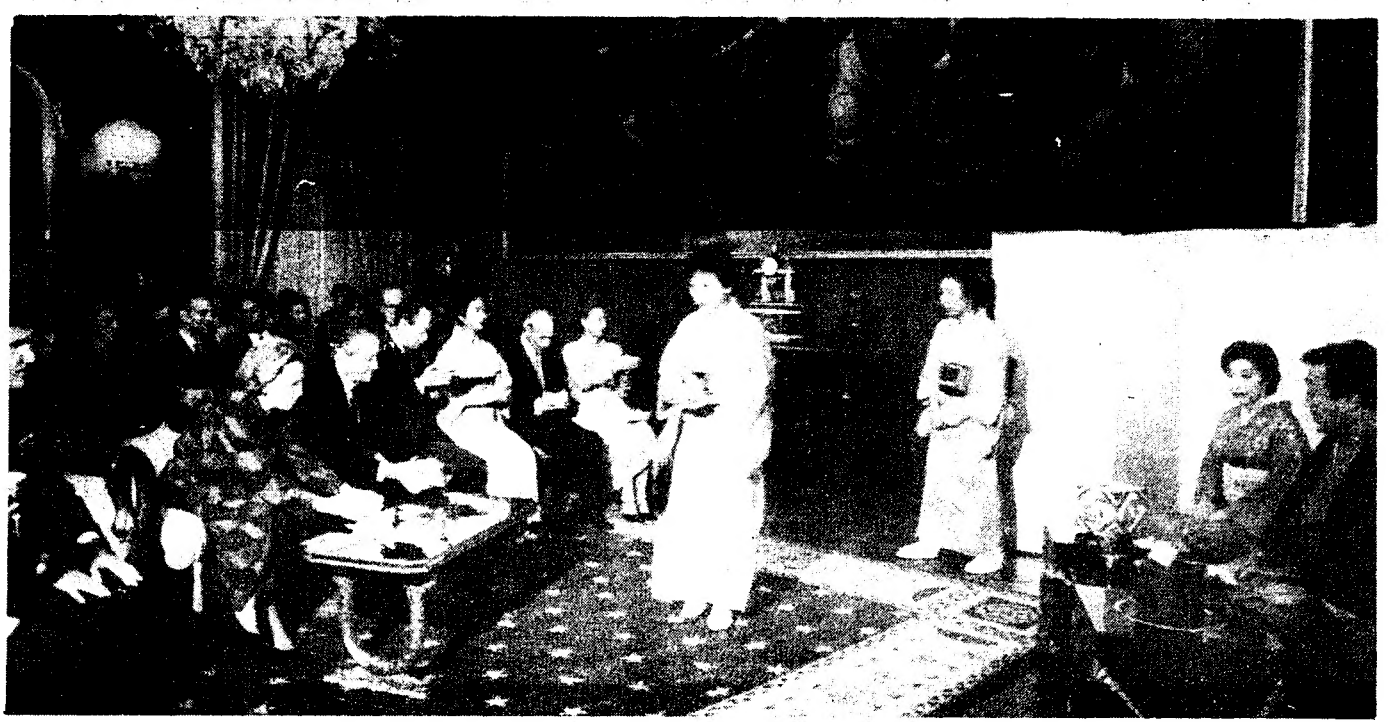
Foi também revelado que as duas partes chegaram a acordo sobre os mísseis soviéticos na Ásia.

No entendimento do embaixador soviético, muito se avançou até ao momento em que foi discutida a proposta relativa à chamada «guerra das estrelas». Os soviéticos autorizariam os americanos a procederem às suas investigações laboratoriais, desde que estes abdicassem de as fazerem no espaço. Ronald Reagan não aceitou, malgrado do-se as conversações. Nenhum dos acordos foi assinado: «A questão fulcral ficou sepultada», disse o embaixador.

Ministros angolanos no aeroporto de Paris

O comprometido silêncio do Governo português relativamente ao caso da retenção dos passaportes de dois membros do Governo da República Popular de Angola, após um apressado desmentido que se verificou ser inexacto, veio chamar a atenção para a utilização de listas de suspeitos «terroristas» de cidadania portuguesa, listas essas que só poderão ter sido elaboradas como fichas da PIDE/DGS ou a partir dos ficheiros da PIDE/DGS.

O caso ocorrido no aeroporto Charles de Gaulle, com os ministros da Indústria e da Justiça de Angola, respectivamente Henrique Carvalho Santos e Fernando França Van Duinen, não merece a qualificação de prisão. Os ministros angolanos não foram presos. Viram os seus passaportes retidos após terem sido submetidos à leitura pelo computador e foram conduzidos a uma sala dos serviços de segurança do aeroporto Charles De Gaulle, onde esclarecida a sua identidade e cargos, os passaportes lhe foram devolvidos. Mas neste incidente com o controlo policial de um aeroporto de Paris, ficou provado que o Governo português forneceu dados sobre «cidadãos portugueses», ou naturais de ex-colónias que, ao tempo da elaboração das fichas, eram «cidadãos portugueses». As listas de que dispõem os serviços de segurança franceses, segundo terão informado, não foram resuscitadas nos arquivos franceses, foram-lhes fornecidas e recentemente.



Mário Soares e Maria Barroso durante a cerimónia do chá

Japoneses servem chá ao Presidente da República

O Presidente da República foi ontem homenageado pelo cônsul-honorário em Tóquio, Yoshiharo Naya, com uma cerimónia do chá realizado no Palácio de Belém pela escola japonesa de Uransenke.

Nun discurso proferido na cerimónia, Mário Soares mos-

trou-se impressionado pelo «ambiente de serenidade e de cortesia da cerimónia de chá e do simbolismo de que se reveste». «Dizem-me, afirmou, que há semelhanças entre o ritual desta cerimónia e o ritual da liturgia católica e que a essa circunstância não seria estranho

o facto de o fundador desta arte no Japão, Sen Rikyu, ter sido amigo de missionários portugueses».

Para o Presidente da República, «a celebração da arte do chá», «neste quadro histórico e aqui», adquire «o sentido amplo de um novo acto de re-

novação cultural de amizade entre Portugal e o Japão». Na cerimónia realizada no Palácio de Belém estiveram presentes, entre outros, as mulheres do Presidente da República e do cônsul-honorário, o embaixador do Japão e o consul-geral honorário do Japão.

RANK XEROX

Laser Xerox 4045 a impressão que é uma certeza

Em termos de impressão, não se deixe ficar pelas vagas impressões, exija um Sistema de Impressão que lhe garanta a certeza de resultados eficazes.

Xerox 4045 é um Sistema de Impressão Electrónica Laser que lhe garante uma grande produção a baixo custo, ao combinar um largo leque de performances inéditas numa impressora compacta de secretária.

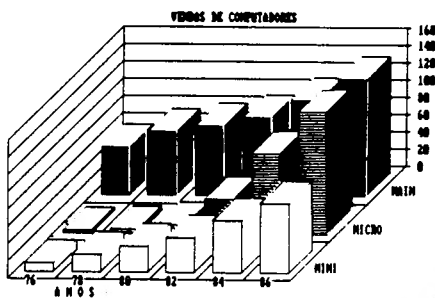
Concebida para o ambiente de escritório, pode ser partilhada por vários computadores pessoais, integrando-se em redes locais.

É compatível com a maioria dos computadores, sendo a impressora ideal para o trabalho descentralizado dos grandes sistemas informáticos. Imprime os dados recebidos a alta velocidade, 10 páginas/minuto, oferecendo as características vantajosas do conceito Xerox de impressão a laser: qualidade, rapidez, economia, flexibilidade, silêncio, simplicidade. Xerox 4045 revoluciona o conceito da impressão tradicional. Acesso imediato a centenas de fontes de caracteres,

logos, assinaturas, criação do impresso electrónico. Perfeita execução de gráficos de alta resolução. Grande flexibilidade de suporte de impressão incluindo papel normal. Laser Xerox 4045 a certeza da impressão perfeita.

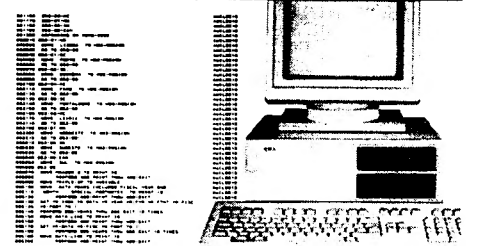


Informe-se já, através da linha directa ☎ 01-54 04 88



!"#\$%&'()*+,-./
0123456789;<=>?
@ABCDEFGHIJKLMNO
PQRSTUVWXYZ[\]^_`
'ab
pq

BANCO ABC INTERNACIONAL			
EXTRATO DE CONTA	EXTRATO DE CONTA	EXTRATO DE CONTA	EXTRATO DE CONTA
DATA: 15/10/86	DATA: 15/10/86	DATA: 15/10/86	DATA: 15/10/86
VALOR: 1234,56	VALOR: 1234,56	VALOR: 1234,56	VALOR: 1234,56
DEBITO: 100,00	DEBITO: 100,00	DEBITO: 100,00	DEBITO: 100,00
CREDITO: 1134,56	CREDITO: 1134,56	CREDITO: 1134,56	CREDITO: 1134,56



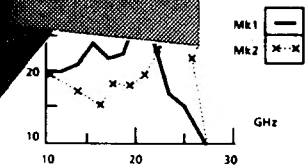
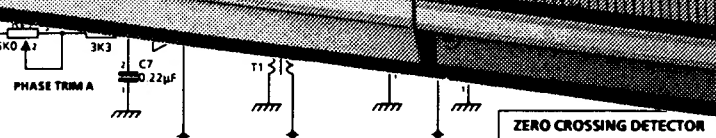
12271600-2259355101



30-K-123456789

RANK XEROX

Helvetica6i2-P
Helvetica7i2-P
Helvetica8i2-P
Helvetica9i2-P
Helvetica10i2-P
Helvetica11i2-P
Helvetica12i2-P
Helvetica14i2-P
Helvetica18i2-P
Helvetica24i2-P



LIBRERIA SERRAVALLO
Espresso, 1986
La Xerox 4045 è la prima stampante laser a colori che ha ottenuto il premio "E" della rivista "E" per la sua qualità di stampa. La Xerox 4045 è la prima stampante laser a colori che ha ottenuto il premio "E" della rivista "E" per la sua qualità di stampa. La Xerox 4045 è la prima stampante laser a colori che ha ottenuto il premio "E" della rivista "E" per la sua qualità di stampa.

Consigo, caminhamos para o futuro.

Governador de Macau defende a permanência de quadros portugueses no território

O governador de Macau admitiu ontem a possibilidade de quadros portugueses continuarem a trabalhar em Macau, ou mesmo na China, depois da transferência da administração do território para aquele país asiático.

Pinto Machado, que falava depois de uma audiência que teve com o ministro de Estado e da Administração Interna, Eurico de Melo, disse que a presença de portugueses em Macau «é desejada pelas autoridades da China e pela população de Macau».

O governador do território, que qualificou Macau como «árvore de raízes várias», entende que a saída completa de portugueses do território poderia provocar «uma involu-

ção». De acordo com Pinto Machado, a presença de portugueses deveria manter-se na administração e nas áreas onde a tecnologia e técnicos portugueses contribuísem para «colmatar lacunas importantes no tecido industrial» do território.

Os portugueses — continuou Pinto Machado — poderão também contribuir para suprir «as necessidades da própria República Popular da China», principalmente nas áreas técnicas.

Respondendo a uma pergunta dos jornalistas, o governador manifestou o desejo de que «o fato de Macau seja feito por um bom alfaiate, à justa medida de Macau. E a medida de Macau não é a medida de Hong Kong. É, em determinados aspectos, mais complexa».

Defesa da autonomia dos Açores implica combate ao separatismo

— considera o PCP

Os comunistas açorianos afirmaram que a defesa da autonomia «implica o combate contra as tendências separatistas existentes na área do actual poder regional».

A direcção do PCP da Região Autónoma acrescenta num comunicado que distribuiu, que a defesa da autonomia «exige ainda um combate não menos firme, contra os conceitos e práticas centralistas que subsistem em certos sectores retrógrados do poder da República».

O documento anuncia o desenvolvimento de esforços no sentido de intensificar o diálogo com os que «repudiam o centralismo e o separatismo e que dese-

jam a realização de uma política regional capaz de resolver os problemas existentes». Sobre a situação política, social e económica, os comunistas referem que existe «uma degradação e agravamento geral da situação que afecta a maioria da população da região» e apontam como urgente os reforços do movimento sindical «no sentido de se neutralizarem as acções desenvolvidas pela direita e que visam paralisar e colocar ao serviço do patronato» organismos sindicais.

O PCP manifestou-se ainda disponível para cooperar na busca de resoluções destinadas a fazer face às consequências das cheias que afectaram os Açores no princípio de Setembro.

Almoço em Moncloa com Gonzalez

Constâncio nega boicote à cimeira de Guimarães

Vítor Constâncio almoçou hoje, em privado, no palácio de Moncloa, com Felipe Gonzalez, Primeiro-Ministro espanhol e secretário-geral do PSOE. O almoço foi precedido de um encontro entre os líderes do PS português e do PSOE, acompanhados de outros dirigentes, durante o qual foi analisada a situação política nos respectivos países, o reforço das relações entre os dois partidos e a estratégia a adoptar na reunião de Bona da Internacional Socialista, prevista para depois de amanhã.

Ontem, a delegação do PS, que integra ainda Jorge Sampaio, Manuel Alegre e Filipe Madeira, manteve uma sessão de trabalho com membros da comissão executiva do PSOE, na sede deste partido, em Madrid. Do lado do PSOE, estiveram presentes o presidente do partido, Ramon Rubial, Elena

Flores, secretária de Relações Internacionais, Txiqui Benegas, secretário de organização e candidato à presidência do Governo autónomo basco, Fernando Marugan, secretário executivo de Economia e Pedro Bofill, porta-voz do PSOE.

Interrogado pelos jornalistas sobre a próxima reali-

zação, em Guimarães, da cimeira Gonzalez-Cavaco, o secretário-geral do PS referiu que a sua ida a Madrid «não teve por fim limitar a importância da cimeira». Acrescentou que no encontro com os responsáveis do PSOE «foram abordados temas relacionados com a adesão de ambos os países à CEE, mas não questões de Estado».

Madrid contra Guimarães

Entretanto, as autoridades de Madrid manifestaram preocupação pela escolha de Guimarães para a reunião entre Gonzalez e Cavaco, não tanto por eventuais interpretações histórico-políticas, mas pelas condições em que

irão trabalhar os jornalistas.

Segundo fontes do Governo espanhol, citadas pela ANOP, os jornalistas terão de ficar instalados a vários quilómetros da cidade, o centro de imprensa também fica afastado do local da cimeira e as garantias técnicas de meios de comunicação para as dezenas de profissionais espanhóis e portugueses são igualmente inadequadas.

«Vamos fazer todos os esforços para que sejam criadas condições mínimas para que os jornalistas possam estar e trabalhar», indicaram as mesmas fontes, estranhando que não tenha sido reservado a tempo o único hotel da cidade, onde, na mesma altura, decorrerá uma convenção sobre vendas.

Terminam hoje jornadas parlamentares do PSD

Iniciaram-se ontem no Palácio de S. Bento as jornadas parlamentares do PSD cujos trabalhos encerram hoje com uma alocução do Primeiro-Ministro, Cavaco Silva.

No primeiro dia das jornadas, os deputados sociais-democratas reuniram-se em grupos sectoriais com membros do Governo dos respectivos departamentos para fazerem um balanço da última sessão legislativa e planearem a que se inicia a 16 do corrente.

Hoje, os deputados reunem-se em plenário durante todo o dia tendo ouvido logo de manhã o relatório do líder parlamentar, António Capucho.

Articulação entre o partido e o Governo, atendimento dos eleitores, alterações ao

regulamento interno do grupo parlamentar e debate das iniciativas legislativas a apresentar na Assembleia durante o ano parlamentar que agora começa, são alguns dos temas em debate.

Com intervalos apenas para almoço e para jantar a reunião plenária dos deputados sociais-democratas deverá prolongar-se até às 23 horas, altura em que se realizará a sessão de encerramento. «Pôr a casa em dia»

Interrogado ontem a meio da manhã, António Capucho disse que se generaliza entre

os deputados do seu partido a ideia de que o PSD deve contribuir para «pôr a casa em dia».

Capucho recordou então que, vindos da sessão legislativa anterior, continuam pendentes mais de 250 diplomas, alguns dos quais urgentes e de grande importância, como os que se referem à segurança interna, leis da Rádio e da TV.

Na ocasião, o líder do PSD fez questão de frisar que o seu partido só dispõe da possibilidade de reservar para matérias de seu interesse três plenários ao longo do ano pelo que terá de ser muito selectivo na escolha das prioridades. Por outro lado, lembrou iniciativas dos sociais-

democratas que lograram aprovação na sessão legislativa anterior e falou da posição da sua bancada quanto à revisão do Regimento da Assembleia, que está em curso.

Quanto a este último aspecto disse que o PSD está a ponderar se vai ou não aprovar uma proposta no sentido de que passe a ser de quatro anos o mandato do Presidente da Assembleia. Nesta matéria, os sociais-democratas pretendem contribuir para o reforço dos poderes das comissões e da conferência de líderes parlamentares, «aligeirando os desperdícios de tempo no plenário com questões processuais ou secundárias».

Convenção da esquerda não segrega ninguém

A necessidade de unir a «família da esquerda portuguesa», dividida mais por «razões conjunturais do que por questões de fundo», é a principal intenção da Convenção da Esquerda Democrática marcada para Novembro.

Isto mesmo foi sublinhado por alguns patrocinadores da iniciativa, ontem, no Porto, em conferência de imprensa que serviu também para dar conta das jornadas regionais que a antecederão.

Para os organizadores das jornadas regionais, marcadas para os dias 8 e 9 de Novembro, a Convenção a nível regional «é um espaço aberto que integra personalidades de diversos quadrantes da esquerda democrática».

Alberto Martins, da comissão executiva regional, disse que a ideia da Convenção constitui o «início de um processo de debate que se quer aberto» e os «grandes resultados a alcançar são de natureza de projecto, que pretende afinar as grandes linhas da esquerda».

Alberto Martins frisou também «a ideia de pluralismo» da Convenção, sublinhando que «não há quaisquer tipos de segregações pessoais, profissionais ou outras».

Na conferência de imprensa, o dirigente socialista Carlos Lage apelou para os homens de cultura do Porto participarem nesta reflexão e «mostrarem que são capazes

de pensar o país e a cidade».

O apelo foi também extensivo aos autarcas do distrito e outras personalidades interessadas em retomar a «reflexão autónoma» abandonada durante a Primeira República e o salazarismo.

Carlos Lage disse que os temas a debater na Convenção do Porto vão desde «O homem, a cultura e a comunicação» ao «Papel da empresa» e à «Crise de valores e de identidade de esquerda democrática», que contém em si alguns pressupostos de base sobre a reflexão que se irá travar.

«Nós também queremos contribuir para aquilo a que alguém chamou a crise de representação de futuro» disse o dirigente do PS que

acrescentou ser necessário ir ao encontro de novos valores de carácter social e cultural.

«A tolerância, a reforma do Estado e o desenvolvimento económico, social e cultural são os novos horizontes dos portugueses e a esquerda democrática deve preparar-se para dar o seu contributo», afirma o documento distribuído na conferência de imprensa.

O texto defende que a esquerda deve «pensar as suas novas tarefas, alargar as suas fronteiras e renovar profundamente os seus métodos de trabalho, mantendo vivas as suas mais perenes inspirações: a da solidariedade e a do combate pela igualdade».

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

17.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

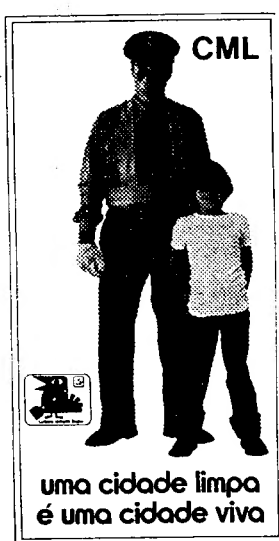
Execução Ordinária n.º 29 1.ª secção. Exequentes: João Norberto da Palma Carlos, executado: Alberto Fernandes Morgado, ausente em parte incerta e com última residência conhecida Praceta da Índia, n.º 10 1.ª-Esq.º - Rio de Moura 2735 CACÉM.

Lisboa, 8 de Outubro de 1986

O JUIZ DE DIREITO
António Costa Marques

O ESCRIVÃO DE DIREITO
Joaquina da A. Figueira de Matos

DL - 14/10/86 - 1.ª Pub.



AGARRE-SE À ESTRADA

Veja o estado dos pneus



"Ensino público não será confessional"

— segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo, hoje publicada

É publicada hoje no «Diário da República», I Série, a Lei de Bases do Sistema Educativo, referenciada por Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro. Entre outros princípios gerais a lei estabelece que «o Estado não pode atribuir-se o direito de programar a educação e a cultura segundo quaisquer directrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas», «o ensino público não será confessional» e «é garantido o direito de criação de escolas particulares e cooperativas».

O sistema educativo compreende a educação pré-escolar, a educação escolar e a educação extra-escolar.

A educação pré-escolar destina-se a crianças entre os três e os seis anos, incumbindo «ao Estado assegurar a existência de uma rede de educação pré-escolar». A rede pré-escolar é constituída por instituições próprias, de iniciativa do poder central, regional ou local e de outras entidades, colectivas ou individuais, designadamente associações de pais e moradores, organizações cívicas e confessionais, organizações sindicais e de empresa e instituições de solidariedade social.

A educação escolar inclui o ensino básico, secundário e superior.

Quanto ao ensino básico é finalmente consagrada a escolaridade obrigatória de nove anos divididos em três ciclos: o primeiro de quatro anos, o segundo de dois anos e o terceiro de três.

No primeiro ciclo, o ensino é globalizante, da responsabilidade de um professor único, que pode ser coadjuvado em áreas especializadas; no segundo ciclo o ensino organiza-se por áreas interdisciplinares de formação básica e desenvolve-se predominantemente em regime de professor por área; no terceiro ciclo o ensino organiza-se segundo um plano curricular unificado, integrando áreas vocacionais diversificadas e desenvolve-se em regime de um professor por disciplina ou grupo de disciplinas.

Ingressam no ensino básico as crianças que completam os 6 anos até 16 de Setembro; as crianças que completam os 6 anos de idade entre 16 de Setembro e 31 de Dezembro, podem ingressar no ensino básico, se isso for requerido pelo encarregado de educação em termos regulamentares. A obrigatoriedade de frequência do ensino básico, que é gratuito, termina aos 15 anos.

O primeiro ciclo do ensino

ensinos recorrente de adultos, ensinos à distância e ensino de português no estrangeiro.

A lei inclui ainda capítulos sobre formação de educadores e professores; recursos materiais (rede escolar, regionali-

zação, edifícios escolares, estat. elecimentos de educação e ensino, recursos educativos, financiamento da educação e de ensino e recursos educativos) administração do sistema educativo e desenvolvimento

e avaliação do sistema educativo.

No capítulo sobre «Administração do Sistema Educativo», é criado o Conselho Nacional de Educação, com funções consultivas «sem prejuízo

das competências próprias de soberania, para efeitos de participação das várias forças salariais e económicas na procura de consensos alargados relativamente à política educativa, em termos a regular a lei».

básico tem por objectivo proporcionar o desenvolvimento da linguagem oral, e a iniciação e progressivo domínio da leitura e da escrita, das noções essenciais da aritmética e do cálculo, do meio físico e social, das expressões plásticas dramática, musical e motora; o segundo ciclo visa desenvolver a formação humanística, artística, física e desportiva, científica e tecnológica e a educação moral e cívica: o objectivo fundamental do terceiro ciclo é a aquisição sistemática e diferenciada da cultura moderna, nas suas dimensões humanística, literária, artística, física e desportiva, científica e tecnológica, bem como a orientação escolar e profissional.

O apoio ao desenvolvimento psicológico dos alunos e a sua orientação escolar e profissional são realizados por serviços de psicologia e orientação escolar profissional, inseridos em estruturas regionais escolares.

Em escolas especializadas do ensino básico podem ser reforçadas componentes do ensino artístico ou de educação física, ou educação física e desportiva, sem prejuízo da formação básica.

Os cursos de ensino secundário duram três anos, são predominantemente orientados para a vida activa ou para o prosseguimento de estudos, contendo todas elas componentes de formação de sentido tecnológico e profissionalizante e de língua e cultura portuguesas, adequadas à natureza dos diversos cursos. No ensino secundário cada professor é responsável, em princípio, por uma só disciplina.

O ensino superior compreende o ensino universitário e o ensino politécnico. O ensino universitário confere os graus de licenciado, mestre e doutor, enquanto o politécnico confere o grau de bacharel.

A lei aponta ainda como modalidades especiais de educação escolar a educação especial, formação profissional,

Crédito BPA à Habitação

O SEU PROJECTO AGORA JÁ É VIÁVEL

Se quer adquirir ou mandar construir a sua casa — ou, ainda, realizar obras de beneficiação na que habita — tem agora à sua disposição quatro regimes de crédito que o **BPA** lhe oferece à medida das suas possibilidades de pagamento.

4 opções para que possa ter habitação própria, uma segunda casa ou um imóvel para rendimento



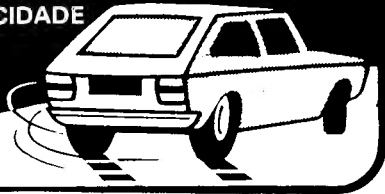
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Sempre na primeira linha...

Crédito BPA à Habitação

insere-se no novo Regime Geral de Crédito para a Habitação que o Governo acaba de instituir.

O PISO MOLHADO REDUZ A ADERÊNCIA
MODERE A VELOCIDADE



Sorteio dos 10 jurados foi espectáculo

Advogados pedem suspensão da audiência

O tribunal de Monsanto — agora com duas salas a funcionar em simultâneo — teve ontem um dia 'histórico': o sorteio dos oito jurados efectivos e dois suplentes que a partir de hoje integrarão o colectivo de juizes (para matéria de facto) que irá julgar o chamado «II Processo das FP-25».

Uma recepcionista, um empregado de pastelaria, um fiel de armazém, um vendedor, um maquinista de teatro, uma costureira, um reformado, duas domésticas e um sargento das Forças Armadas na reserva foram os 'felizes contemplados', depois de numerosas e inenarráveis peripécias, a dar bem uma imagem do País que somos.

No final, e já com os 10 jurados sentados em confortáveis poltronas ao lado dos três juizes de carreira e de direito — Luiz Vaz das Neves, presidente, e Maria João Romba e Carlos Moreira, vogais — dois advogados, Jorge Fagundes e João Nabais, pediram o adiamento da presente audiência, de forma a que a ré Natércia, sua constituinte, «disponha de tempo de apresentar o seu rol de testemunhas e para que os seus advogados possam organizar a sua respectiva defesa». Isto porque, pasme-se, esses advogados não haviam sido notificados pelo Tribunal...

O colectivo de juizes decidirá hoje se o julgamento começa esta tarde às 14 e 30 ou se, pelo contrário, o requerimento dos referidos advogados será atendido.

Do sorteio...

Neste julgamento das FP-25 que decorre em simultâneo com o primeiro, quase a entrar nas alegações finais — serão julgados 29 réus, treze dos quais presentes e 16 à revelia.

A grande novidade é a existência de jurados. No passado dia 6 efectuou-se um sorteio onde foi feita uma pré-selecção de 100 cidadãos com capacidade eleitoral e, como tal, disponíveis para efeitos de juri em qualquer julgamento.

Ora bem: desses 100 cidadãos ontem apareceram em Monsanto 52, na sua maioria esmagadora nervosos e receosos, dizendo mal da vida por terem sido contemplados em tal sorteio. Isto de ter que decidir da sorte de réus de uma coisa chamada FP-25, tem que se lhe diga...

O juiz-presidente, homem jovem e, ao que parece, interessado em resolver humanamente os casos que lhe vão aparecendo, optou por um processo longo para, dos 53 hipotéticos jurados presentes, escolher 10. Quis saber, primeiro, das 'vidas' de cada um, mas depressa se aperce-

beu que as dificuldades, reais ou inventadas, eram mais que muitas.

Na verdade, naquela sala de tudo apareceu um pouco. Desde um cidadão que garantiu sofrer de claustrofobia (**Senhor doutor juiz, eu até já me custa estar aqui hoje nesta sala, fechado há tanto tempo, quanto mais vir cá todos os dias...**) até aos vários que garantiram que mal sabiam ler e escrever, aquilo foi um espectáculo...

...Um espectáculo que durou três horas. Um escrivão, qual mágico tirando coelhos da cartola, tirava, de uma caixa de papelão, números previamente atribuídos aos possíveis jurados. Estes, em muitos casos, pensando talvez que assim escapavam, colocavam-se, meio escondidos, a um canto. E quando o seu número e nome saíam, lá se aproximavam do juiz-presidente, suspirando desculpas: «Pouco sei ler e escrever», «toda a vida guardei ovelhas», «não percebo nada de política», «tenho contrato a prazo e não posso faltar ao trabalho», «tenho um filho mongolóide», «a minha mãe tem 90 anos e sou eu quem trata dela», «a minha mulher é diabética em último grau e eu não a posso deixar sozinha», «moro longe, em Odivelas, tenho um filho que está num colégio e é levado a casa às seis da tarde, e eu não o posso deixar sozinho até voltar ao Tribunal», «vou perder um balúrdio se ficar como jurado», «tenho uma hérnia», meu Deus, tantas as desculpas reais ou inventadas as que passaram ontem à tarde naquela sala de Monsanto!

(Um parêntesis: ao contrário do que sucedeu com o primeiro julgamento, os jornalistas, por acertada e louvável decisão do juiz Luiz Vaz das Neves, podem assistir ao que se passa, não através de circuitos internos de televisão, mas na própria sala de audiências. O que se regista com agrado.)

Voltando à escolha dos jurados: depois de numerosas peripécias (que incluíram, por exemplo, a rejeição de quatro sorteados, dois pela acusação e outros dois pela defesa), chegou-se finalmente aos dez cidadãos que durante alguns meses vão ter a missão de acompanhar diariamente o julgamento para depois ajudarem a decidir da sorte dos réus. E o que eles

talvez nem sequer suspeitam é que, pelo menos em princípio, devem ler o processo, que tem... à volta de 80 mil páginas...

Greve de fome

Honório Marques, réu neste segundo caso das FP-25, decidiu entrar em greve de fome até ser transferido para a Penitenciária de Lisboa.

Em carta manuscrita a que a NP teve acesso, Honório Marques, que iniciou a greve domingo passado, exige a sua transferência imediata para a EPL, cadeia onde se encontram também a sua irmã Maria Helena Marques e companheiro José Neves, réus do primeiro processo, há um ano em Tribunal.

O arguido alega, além da degradação da cadeia de Monsanto, constituir «uma arbitrariedade» estar separado do colectivo dos «presos políticos» enquanto os julgamentos decorrem e, ainda, o facto de os seus familiares «não terem disponibilidade económica para andarem permanentemente entre as cadeias de Lisboa».

A advogada Luísa Seco apresentou também um requerimento pedindo ao juiz-presidente para providenciar no sentido de Honório Marques e António Oliveira Alves, seus constituintes, serem transferidos para a EPL.

Nomes e idades

Mas deixemos esse aspecto, e registemos os nomes destes homens e mulheres: Amândio Clementino, 42 anos, vendedor; António Rodrigues, 29, pasteleiro; António Correia Martins, 50, fiel de armazém; Fernanda Correia, 25, recepcionista; Augusto Robalo Ramos, 59, reformado; Carlos Alberto Costa, 28, maquinista do S. Carlos; Maria José Guedes, 67, doméstica; Lídia Almeida Reis, 36, costureira; e os suplentes Armando Pereira Figueira, 66, sargento na reserva, e Maria Fernanda Pinheiro Vaz, 42, doméstica. Todos irão receber 2400\$00 por sessão (o juiz-presidente pode aumentar essa verba se houver casos em que tal se justifique, tendo em conta nomeadamente os gastos com transportes e a situação de cada um dos jurados). Ontem, todos os presentes, mesmo os que não foram escolhidos, receberam mil escudos.

O julgamento recomeça esta tarde às 14 e 30 — mas se o juiz-presidente deferir o requerimento dos dois advogados atrás referidos, a sessão será adiada. Caso contrário, os réus apresentarão as respectivas contestações e será lida a acusação.

Ribeiro Cardoso



Mário Castrim

Assistimos, pela televisão, a uma intensa campanha para a utilização das cartas.

Ao princípio, confesso, desnorteei-me e até levei a mal. Francamente, levei a mal.

Havia lá direito que fizessem publicidade aos jogos de azar!

Jogo de azar é jogo do diabo. E depois, que diabo, isto aqui

ainda não é Macau. Macau onde, também, a televisão me informou, Portugal obtivera a

concessão do jogo até ao ano 2005. Com todas as vantagens

que o diabo, perdão!, que o jogo nos concede. Parabéns

aos concessionários. Só um pouco tarde vim a

compreender que as cartas eram as dos CTT, também

conhecidas, nos meios intelectuais e nos prontuários

da correspondência amorosa, por missivas.

Eu, aliás, também acho que sim, que as pessoas devem

comunicar. As pessoas devem escrever cartas. Embora

algumas dúvidas me assalem. Se eu escrever uma carta à RTP

eles vão dar dignidade ao Telejornal? Se eu escrever ao

ministro da Educação o ensino melhora? Se eu comunicar

com o Reagan, ele desiste de meter as estrelas ao barulho?

Uma carta ao Vargas Llosa bastará para ele cobrir a cara,

de vergonha? A CIA deixará a Nicarágua em paz, se eu a

insultar por carta? Se eu escrever ao Álvaro Barreto

também ele deixará em paz o Alentejo? Os locutores da

Rádio e da Televisão falarão melhor o português, se eu lho

pedir expressamente? Para além destas dúvidas,

outras certezas subsistem. Exemplo: um milhão de

portugueses ainda não sabe escrever; dois milhões já não

podem escrever: três milhões nunca o souberam; quatro

milhões não podem, por motivos económicos — sim,

porque levar pela cara com uma estampilha, equivalente a

quase quilo de pão, custa! sem falar, obviamente, nos muitos

e muitos portugueses que não têm ninguém a quem escrever.

A propaganda não dará, pois, os frutos que se esperam, ao

nível da comunicação. Até porque muitos e muitos

portugueses ainda não receberam a carta que lhes foi

remitida em Abril de 1974: a carta de alforria.

Portugal liberta

carbo-verdianos

da obrigatoriedade de vistos

Uma nota da Embaixada de Portugal na Cidade da Praia anuncia ontem que deixam de ter efeito as restrições à concessão de vistos a cidadãos cabo-verdianos. Estas restrições, anunciadas em Setembro pelo Ministério português dos Negócios Estrangeiros, preocupavam marcadamente os cidadãos cabo-verdianos que se deslocam frequentemente ao nosso país para visitar familiares ou passar férias.

O documento da Embaixada, chefiada por José Fernandes Fafe, refere que esta decisão do Governo português — que abrange outros países além de Cabo Verde — fica a dever-se às «excelentes relações» existentes entre Portugal e Cabo Verde. O facto de a concessão dos vistos ter que ser autorizada por Lisboa atrasaria grandemente as deslocações e poderia mesmo ter efeitos negativos no caudal de passageiros transportados pelos dois voos semanais que ligam o Sal a Lisboa — um assegurado pela TAP e o outro pelas Linhas Aéreas de Cabo Verde (LACV).

Com epicentro ao largo de São Vicente

“Falha de Messejana” provocou pequeno sismo no Algarve

Um sismo de 3,6 graus na Escala de Richter foi sentido no domingo à noite em Portimão, devido a «movimentos considerados normais na denominada 'Falha de Messejana'», segundo revelou um informador do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INMG). O abalo, que foi também sentido em Silves, Vila do Bispo e Algezur, cerca das 21 e 30, não provocou prejuízos ou danos pessoais.

A «Falha de Messejana» é uma conhecida zona sísmica que atravessa o Alentejo e se prolonga

pelo mar. O epicentro do tremor de terra situou-se a 30 quilómetros a Oeste do cabo de São Vicente.

«A actividade sísmica em Portugal foi este ano ligeiramente superior à média habitual, já tendo sido registados doze movimentos sísmicos, mas tal facto não tem qualquer significado especial», disse a mesma fonte do INMG, depois de salientar «não ser possível precisar para já se o abalo de Portimão teve ou não teve algo a ver com o terramoto em El Salvador».

Estrangulou a mulher na Travessa do Fala-Só

Movido por ciúmes, um cidadão angolano, Jorge Van Dunen, de 22 anos, assassinou por estrangulamento, na tarde de sábado, a mulher que, há tempos vinha reivindicando o divórcio, Maria Gomes Van Dunen, de 19 anos. O crime ocorreu no quarto de uma pensão na Travessa do Fala-Só, em Lisboa, onde o homicida conseguiu levar a mulher, numa

última tentativa que pudesse levar à reconciliação.

O casal, consorciado desde 1984, tinha dois filhos, Nivaldo, de dois anos, e Sónia, de um ano. Jorge Van Dunen entregou-se voluntariamente na Esquadra da PSP no Campo Grande, onde confessou o crime, tendo posteriormente sido transferido para a Penitenciária, onde irá aguardar julgamento.

Falta de água durante mais três ou quatro dias

A falta de água que, desde o passado fim-de-semana tem atingido várias zonas da Grande Lisboa, devido às trovoadas que têm cortado o fornecimento de energia eléctrica, vai continuar nos próximos três a quatro dias, desde que o consumo não aumente.

«Para além das trovoadas que levaram ao corte de fornecimento de energia a várias estações de captação, as solicitações do consumo mantêm-se superiores à produção», declarou ao «DL» uma fonte do Gabinete de Relações Públicas da EPAL.

A existência deste pequeno déficite, a par com as fortes trovoadas que têm vindo a paralisar as estações de captação de água por corte de fornecimento de energia eléctrica, tem sido particular-

mente sentida na zona da Grande Lisboa.

Durante o fim-de-semana, as trovoadas que se abateram sobre a Grande Lisboa levaram à paralização de várias captações do Vale do Tejo, com especial relevo para o conjunto dos poços das Lezírias, do Carregado, Alenquer, Espadanal e Quinta do Campo. «Ainda a noite passada as captações no Tejo-Valadas 1, 2, 3 e 4 estiveram paradas, o mesmo acontecendo esta manhã no

Carregado, Quinta do Campo, Vale da Pedra, Ota, e alguns poços das Lezírias e de Valadas», adiantou a mesma fonte.

Esta situação provocou uma diminuição dos valores produzidos na ordem dos 70 mil metros cúbicos, e os valores armazenados, estimados pela EPAL em cerca de 300 mil, apenas atingiam os 230 mil metros cúbicos.

O ponto da situação feito ao fim desta manhã ao «DL» prevê o restabelecimento do fornecimento para os próximos três ou quatro dias desde que «não haja retorno às temperaturas verificadas nos últimos dias e se mantenha a pluviosidade, condições que determinam

uma baixa do consumo».

Contudo, o restabelecimento ao concelho de Lisboa e aos concelhos limítrofes da Amadora, Oeiras, Cascais, Sintra e Loures será, naturalmente, gradual, «com os patamares mais altos a serem os últimos a registarem a normalização».

«Tenho que emigrar»...

«De certeza que vou ter que emigrar», comentou ao «DL» um leitor da Amadora que, desde a passada sexta-feira não tem água em casa.

No caso dos habitantes daquele município, o «DL» não conseguiu apurar se a falta de água se relaciona directamente, porque anterior, às perturbações originadas pelas tro-

voadas do fim-de-semana.

No entanto, um informador da Câmara Municipal da Amadora adiantou ao «DL» que «a EPAL tem informado o Município de que não consegue abastecer todo o concelho». Naturalmente, as faltas de energia que levaram às avarias e determinaram as paralizações nas estações de captação, vieram agravar ainda mais uma situação de «défícite normal» que apenas estará resolvida com a entrada em funcionamento, prevista pela EPAL para 1987, do sub-sistema de Castelo de Bode.

Até lá, a registar apenas o paradoxo de que, com as primeiras chuvas de Outono, a água falta nos canos...

Bombeiro sofreu intoxicação em incêndio nas Amoreiras

Um incêndio de pequenas proporções, mas que levantou enorme nuvem de fumo, deflagrou ao princípio desta madrugada, na cave do prédio n.º 4 da Rua Prof. Carlos Alberto da Mota Pinto, às Amoreiras, em Lisboa, tendo sofrido intoxicação um elemento do Bata-

lhão de Sapadores Bombeiros, João Correia Barreto, de 33 anos, que teve de receber tratamento no Hospital de S. José.

Na cave, onde ocorreu o sinistro, de causas ainda desconhecidas, está instalado um depósito de papéis.

Lutou com agente da PSP abandonando revistas do Irão

De uma residência na Rua do Alto do Duque, em Lisboa, um desconhecido roubou um par de brincos com brilhantes no valor de 1.500 contos, tendo ainda travado luta com um agente da PSP que o surpreendeu já à saída. Na fuga assaltante, que terá ficado ferido no rosto, deixou abandonadas dez revistas oriundas da República Islâmica do Irão.

A ocorrência é relatada no piquete da Polícia Judiciária, relativo ao último fim-de-semana, onde constam ainda dois assaltos em Outeiro de S. Julião, Olivais, sendo o primeiro a um escritório de onde foi levado um gravador, e o outro a uma residência que ficou desfalcada de um gravador, um auscultador, um rádio amplificador, um fio de prata e uma pulseira do mesmo metal.

Completo 100 anos pessoa mais idosa de Fafe

A mais idosa pessoa do concelho de Fafe completou ontem cem anos de idade. Maria de Castro nasceu em 13 de Outubro de 1886 na Freguesia de Ribeiros, residindo actualmente no lugar de Crasto, freguesia de Revelhe. A popula-

ção da freguesia e a Junta organizaram uma festa de aniversário à qual se associou a Associação de Reformados de Fafe e o presidente da Câmara local que entregou à aniversariante uma placa comemorativa da efeméride.

General Altino de Magalhães à frente da Liga dos Combatentes

O general Altino de Magalhães foi eleito para o cargo de presidente da nova Direcção Central da Liga dos Combatentes, formando elenco com o contra-almirante Álvaro Toste da Silva Cardoso, coronel piloto-aviador Carlos Manuel Ma-

chado Ferreira dos Santos e o tenente-coronel José Manuel Marinho Falcão.

Ao acto de posse estiveram presentes o ministro da Defesa, Leonel Ribeiro de Almeida, e o general Firmino Miguel, na qualidade de sócio de honra da Liga.



Ficaram em casa 44% dos portugueses

Também nas férias somos os "pobres" da Europa

Do total de portugueses que não fizeram férias no ano passado, 44 por cento alegaram razões financeiras, de acordo com uma sondagem realizada nos 12 países membros da CEE e divulgada no último número do boletim «Comunidade Europeia».

Além dos portugueses, também os irlandeses, gregos, espanhóis e britânicos apontaram motivos financeiros para ficarem em casa optando por alternativas mais baratas, enquanto dois terços dos italianos, belgas e dinarqueses afirmaram que ficaram em casa por opção pura e simples.

De acordo com a sondagem em apreço, foram de férias 80 por cento dos entrevistados pertencentes a profissões liberais e executivos, 71 por cento dos empregados, 56 por cento dos pro-

prietários de comércio e 51 por cento dos trabalhadores manuais.

Entre os menos viajados no que se refere a opção de férias figuram os reformados, com 49 por cento, os desempregados, com 41, e os agricultores e pescadores, com 25 por cento.

O local de residência também influiu nas idas ou não para férias. Assim, cerca de dois terços dos habitantes de cidades gozaram férias fora de casa, contra 45 por cento dos residentes em aldeias e 38 por cento dos que vivem

nos campos.

Outro factor que condicionou as opções feitas foi o da idade: a sondagem mostra que desfrutaram as férias da residência habitual 62 por cento dos inquiridos com menos de 40 anos e 50 por cento com idade superior.

Ter ou não ter filhos também não constituiu obstáculo de maior, uma vez que 44 por cento das famílias com mais de dois ou três descendentes escolheu temporariamente outro lar. Cerca de 65 por cento dos casais sem filhos ou com um filho (60 por cento) também partiram para férias.

A sondagem do boletim revela, finalmente, que em 1985, apenas um por cento dos europeus invocou o medo do terrorismo para não passar férias no estrangeiro.

Revelou Provedor de Justiça

Situação de 60 mil

portugueses

preocupa

espanhóis

O provedor português de Justiça afirmou ontem à sua chegada a Lisboa, que a declaração assinada em Madrid, com o seu homólogo espanhol (defensor do Povo) evidencia preocupação com os portugueses não documentados que vivem em Espanha. O dr. Ângelo de Almeida Ribeiro, que visitou oficialmente o país vizinho, juntamente com o seu adjunto, Luís da Silveira, e com o alto comissário contra a Corrupção, tenente-coronel Costa Brás, a convite do defensor do Povo de Espanha, disse que em Espanha se encontram entre 50 a 60 mil portugueses em situação ilegal.

O provedor de Justiça, referiu depois que o seu homólogo espanhol tem dado especial atenção aos problemas destes portugueses que não têm Previdência e são forçados a aceitar contratos de trabalho menos favoráveis, dada a sua situação. Entre outras iniciativas, o defensor do Povo de Espanha pediu oportunamente a inconstitucionalidade de alguns artigos da lei espanhola relativa a estrangeiros.

A declaração assinada no domingo em Madrid, entre Almeida Ribeiro e Joaquim Ruiz — Gimenez Cortés prevê a realização de reuniões periódicas de trabalho entre as duas instituições, que terão lugar alternadamente em Portugal e Espanha e, se possível, uma vez por ano. Os encontros decorrerão sem prejuízo de um contacto directo e permanente «que facilite um melhor conhecimento recíproco e uma frutífera colaboração» adianta o documento.

O acordo estabelece que nas reuniões periódicas serão analisadas questões que «possam afectar os direitos fundamentais dos cidadãos portugueses em Espanha e dos espanhóis em Portugal», com especial atenção para os problemas provocados pela emigração, transporte e turismo.

Temporal

nos Pirenéus

não afectou

"Sud-Express"

O comboio Sud-Express, de Portugal para França, não foi afectado pelo mau tempo que ontem provocou o corte das circulações rodoviárias e ferroviárias nos Pirenéus Orientais. Segundo um porta-voz do Serviço de Relações Públicas da CP, a fronteira franco-espanhola fechou ontem em Cerebere e Perthus devido a chuvas violentas que afectaram também a circulação nas principais vias ferroviárias e rodoviárias daquela zona.

Cem mil toneladas de milho correm o risco de apodrecerem no Ribatejo

Indústrias compram em Lisboa aquilo que é mais caro na EPAC

Mais de duas mil toneladas de milho aguardam desde sábado descarregamento às portas dos celeiros da EPAC em Vale de Figueira, mas a empresa afirma que a sua capacidade de armazenamento já chegou ao limite. Face ao impasse gerado pela sobrelotação dos celeiros da EPAC na região, a empresa decidiu proceder a transferências do cereal para os silos de Caldas da Rainha e Alcains, como recursos mais imediatos, mas nem estes poderão solucionar por si a situação — reconheceu entretanto um responsável da empresa.

Com um ano excepcional de produção de cereal, a EPAC diz que os seus silos «já estão cheios» e, no recurso a processos alternativos, nem o silo portuário do Beato escapou, «facto que

nunca aconteceu neste País» — afirmou um dos responsáveis da empresa.

Os agricultores, sem estruturas próprias de armazenamento e secagem, temem não só as chu-

vas que se avizinham, mas também o «aproveitamento oportunista da situação pelos intermediários», segundo um dirigente da Federação dos Agricultores de Santarém.

Os agricultores atingidos consideram que um dos factores que contribuiu para esta situação é o facto da EPAC «se encontrar em desvantagem» na comercialização do produto, com o mínimo de 42 escudos por quilo, enquanto o sector privado o vende por 41 escudos e alguns intermediários — segundo fonte da EPAC — já o transaccionam a 37 escudos.

Aliás, um outro informador da EPAC disse esta manhã ao «DL»

ter conhecimento que há barcos da bolsa livre de cereais que atracam a Lisboa e vendem o milho a 36 escudos. Perante uma situação destas, é lógico que os industriais escolhem o porto de Lisboa em vez dos silos da EPAC.

«Situação catastrófica»

O quadro só poderá ser alterado perante uma destas hipóteses: a baixa do preço do milho ou a imposição, por parte do Governo, de que os industriais o comprem apenas na EPAC. De outro modo, segundo a mesma fonte esta manhã contactada em Santarém pelo «DL», será «o caos, o pandemónio e a miséria».

De acordo com o mesmo in-

formador, que desconhece as razões de tão «catastrófica situação», mas admite que tenha algo a ver com a CEE e a negligência do Governo em solucionar o problema, os secadores da EPAC terão que parar dentro de dois/três dias. Se isso acontecer, como tudo indica, os agricultores correrão o risco de haver um prejuízo de 4500 mil contos, o equivalente às 100 mil toneladas de milho que ainda se encontram nos campos.

O agricultor — e aqui entra-se num ciclo vicioso próprio desta época do ano — quer desfazer-se do seu milho, uma vez que o Ribatejo é uma zona por excelência de cheias. E, caso o Governo não determine qualquer daquelas duas situações (baixa do seu preço para que a EPAC o possa comprar em condições de igualdade do milho internacional, escoando ao mesmo tempo parte dos seus excedentes para a indústria), o perigo de perder toda a produção é iminente para a maioria deles.

Há, pois, industriais que, ao corrente de todos estes problemas, sobretudo os intermediários menos escrupulosos, já oferecem 32 escudos por cada quilo de milho ao produtor. Enquanto isso a EPAC, que também gostaria — segundo aquela fonte — de entrar no mercado com tal preço, vê-se impossibilitada, porque se trata de um organismo de intervenção tutelado pelo Governo.

Recorde de campanha

Neste momento, a situação não é mais grave porque a EPAC está a comprar o milho húmido e a secá-lo. O milho

seco está, por ora, salvo. Há ainda o problema do verde, o que se encontra ainda por colher. Mas, quando pararem os secadores da EPAC e os secadores particulares, como acima se diz, será o «caos e a miséria». Se, entretanto, o Governo não tomar medidas de fundo para que o sector não se afunde perante o recorde de campanha que constitui no Ribatejo a colheita global deste ano: 100 milhões de quilos.

No entanto, uma das formas de solução do problema, segundo a Federação, seria a interrupção de importação de cereal pelo período de três meses, dada a inexistência de estruturas capazes para a recolha do cereal.

«É um drama» — sublinhou o responsável da EPAC, para quem o difícil escoamento do cereal este ano está a agravar a situação.

«À porta dos celeiros de Vale de Figueira encontram-se 200 tractores, numa extensão que já atinge os dois quilómetros e meio, prova de que a capacidade de armazenamento regional da EPAC, para o trigo, que ronda as 733 mil toneladas, é insuficiente.

Para receber mais cereal — disse — é necessário que a empresa escoe o que tem e esse processo sofreu este ano uma quebra bastante grande, principalmente no se que se refere ao milho, cuja produção registou este ano uma expansão no Ribatejo.

Parte importante do milho destinava-se ao sector pecuário, mas as empresas começaram a substituí-lo por matérias-primas mais baratas.

Por vontade do poeta

Património de Ruy Cinatti legado à Casa do Gaiato

O poeta Ruy Cinatti, ontem sepultado no Cemitério dos Inglesinhos, em Lisboa, deixou o seu património à Casa do Gaiato e à obra do Calvário — apurou a agência NP junto de um seu amigo que o acompanhou nos últimos anos de vida.

José Duro, que conviveu com o poeta até à hora da sua morte, salientou, contudo, que mais do que um património financeiro, Ruy Cinatti deixou «uma herança cultural muito grande, parte da qual não está suficientemente divulgada ou sequer publicada».

Entre esse património existem diversas obras alinhavadas pelo poeta, que deixou indicações a uma editora portuguesa encarregada do trabalho a realizar para a sua publicação.

No funeral, que saiu da Igreja das Mercês para o Cemitério dos Inglesinhos, além de um representante do Presidente da República, e da Secretaria de Estado da Cultura, Teresa Gouveia, es-

tiveram presentes Amália Rodrigues, Maluda, Sophia de Mello Breyner, Francisco Sousa Tavares, Almeida Faria, Eduardo Lourenço, Helena Cidade Moura, Alçada Baptista, entre outros amigos do poeta.

Nas cerimónias fúnebres celebradas na Igreja, participaram dois padres que conviveram de perto com Ruy Cinatti, um dos quais durante a sua estadia em Timor nos anos 50, e foram lidos textos do poeta.

Nascido em 1915 em Londres, Ruy Cinatti era formado em Antropologia e Etnologia pela Universidade de Oxford e deixou, além da sua obra de poeta larga bibliografia científica, da qual fazem parte «Reconhecimento em Timor», «Vocabulário de algumas plantas timorenses» e «A cultura megalítica do Timor português».

Relativamente àquele território, a sua poesia foi também utilizada nos textos de músicas do folclore de Timor.

VAMOS VIVER O PAÍS TERRA A TERRA

50% de redução

Esta, na hora de se meter no comboio e conhecer Portugal de verdade.

O País terra a terra. Agora, os destinos certos são Vila Real e Leiria.

Porque, entre 4 e 19 de Outubro, a CP oferece-lhe 50% de redução no seu bilhete inteiro de ida e volta.

Basta que as suas viagens tenham início em Período Verde e não sejam interrompidas.

É tempo de viver Portugal.

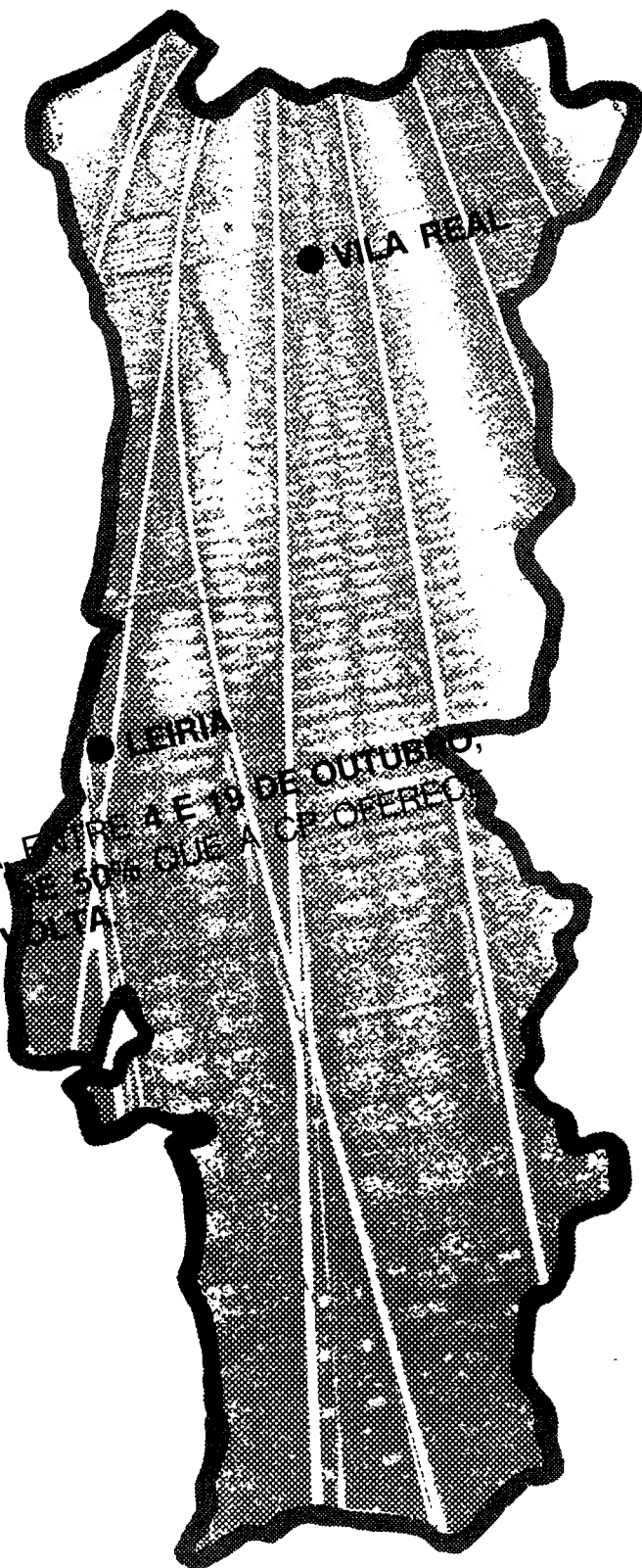
Vale a pena ir de comboio.

VISITE VILA REAL E LEIRIA, ENTRE 4 E 19 DE OUTUBRO, E APROVEITE A REDUÇÃO DE 50% QUE A CP OFERECE NOS BILHETES DE IDA E VOLTAS.

Para mais informações, contacte a estação mais próxima ou a sua Agência de Viagens



Comboio, a opção dinâmica.



Código de barras vai ajudar o consumidor

O consumidor perderá menos tempo no acto de pagamento dos produtos alimentares e poderá controlar, com mais eficácia, a sua qualidade através do sistema de código de barras — anunciaram dirigentes da Codipor.

Os dirigentes da Associação Portuguesa de Identificação e Codificação de Produtos (CODIPOR) apresentaram ontem aquele sistema, acrescentando que, para o comércio, ele irá permitir um controlo de entrada e saída de mercadorias, facilitando desse modo a planificação financeira e eliminando a etiquetagem.

A indústria, segundo os dirigentes da Codipor, poderá realizar a numeração uniforme dos artigos, obter acesso fácil aos dados actuais de vendas e conseguir a mecanização das transacções administrativas.

O sistema de código de barras, internacionalmente designado por EAN, introduz uma numeração mundial uniforme de artigos de uso diário.

A Codipor é, desde Novembro de 1985, membro da «International Article Numbering Association» e tem 150 empresas associadas no ramo da produção, nacionais e multinacionais.

Aquela associação realizará as primeiras Jornadas Nacionais Codipor, com a participação de especialistas de renome internacional, em Lisboa, em 5 e 6 do próximo mês.

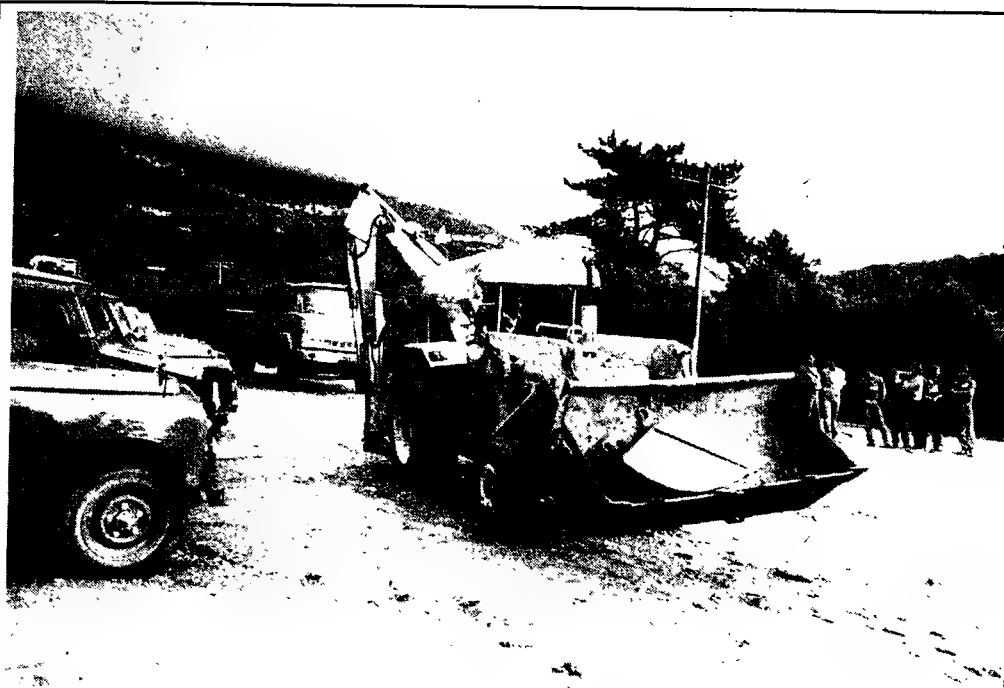
Em cada unidade final de apresentação à venda, figura uma sequência numérica e a correspondente representação em barras ópticas que permite distinguir essa unidade em todo o espaço geográfico e em todo o sector económico aderente ao EAN.

Cada sequência identifica um único produto, tornando-o inconfundível em todas as relações e procedimentos associados à fabricação, armazenagem, distribuição e consumo.

O código EAN compreende 13 dígitos, indicando os três primeiros o país de origem do produto, 560 no caso de Portugal, os quatro seguintes o produtor/fabricante ou distribuidor, os cinco seguintes o artigo propriamente dito e sendo o último um dígito de controlo.

Terminais substituirão caixas registadoras

Com a introdução deste sistema nas empresas, as caixas registadoras tendem a desaparecer e a serem substituídas pelos terminais ponto de venda (TPV), ligados ou não a um computador, em que as mercadorias são registadas através de leituras ópticas que por meio de raios laser lêem o código de barras impresso nas embalagens. Após a leitura, é recebido no TPV em fracções de segundo o preço do artigo.



Começaram as demolições no Portinho da Arrábida

Continuação da pág. 1

Duas horas depois davam início à operação denominada «Mar/Serra», visando a demolição das alegadas 658 habitações clandestinas da área do Portinho da Arrábida.

O engenheiro Amílcar, técnico da Câmara Municipal de Setúbal e chefe desta operação disse ao «Diário de Lisboa» que tudo estava a correr conforme o previsto, salvo quanto à chuva.

«Não estava no nosso programa este contratempo, razão por que até ao momento o nosso trabalho quase se não vê». No entanto, viram os repórteres do «DL», que havia já 13 casas demolidas, mais nove sem recheio numa das clareiras da mata sobranceira ao Creiro.

A força de meia centena de homens da GNR de Setúbal comandada por um dos seus oficiais impediu o acesso ao local de todos os «clandestinos». Apesar de tudo, a nossa reportagem contactou com dois deles que nos afirmaram ter havido ontem à tarde um acordo entre a Comissão dos Utentes da Arrábida e o secretário de Estado do Ambiente, no sentido de a demolição ser adiada até ao próximo fim-de-semana.

O engenheiro Amílcar desmentiu ao «DL» que isso

fosse verdade, se bem que não ignorasse — afirmou — que os utentes se tinham reunido até esta madrugada e haviam contactado Carlos Pimenta.

Alguns dos clandestinos da Arrábida dormiram nas suas barracas e puderam, ao princípio desta madrugada, salvar os seus haveres. Outros, talvez colhidos de surpresa, ao tentarem chegar ao local foram proibidos de para aí se encaminharem. As ordens da GNR, colocada à entrada do carreiro que dá acesso ao Creiro era peremptória: só às 18 e 30 de hoje os moradores das barracas poderiam descer a encosta. Os mais avisados, aqueles que se reuniram até de madrugada, puderam acompanhar à distância, a primeira parte da operação «Mar/Serra» que, por enquanto, ainda não lhes tocou.

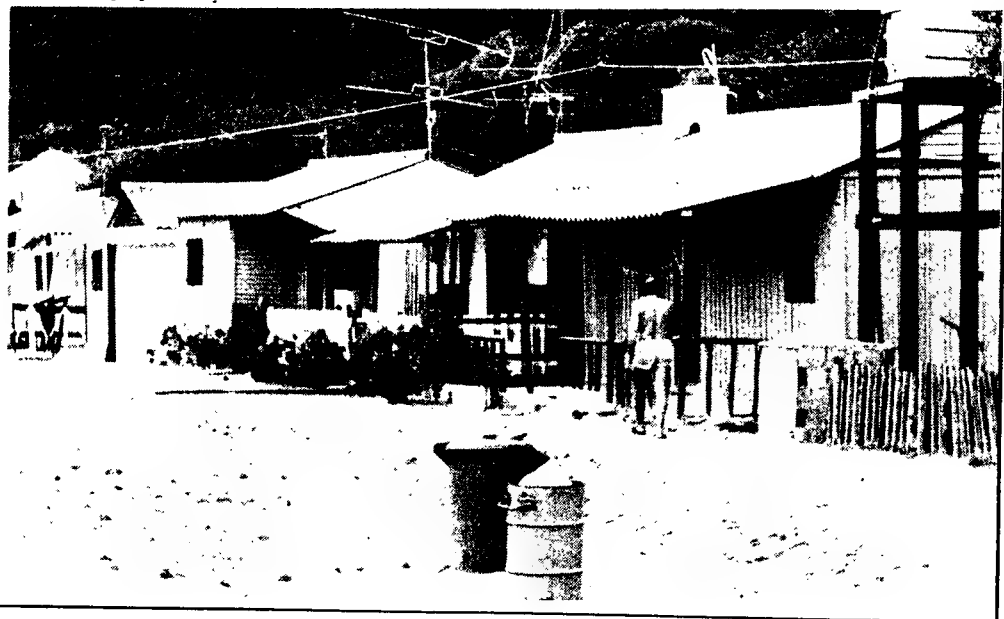
A reportagem do «Diário de Lisboa» falou com um outro utente da zona (que acabava à justa de salvar, com cinco amigos, o essencial do seu recheio), o qual manifestou o seu desalento pela prontidão da operação. Segundo Luís Filipe, do Monte da Caparica, o secretário de Estado ter-lhe-ia concedido mais 30 dias para retirarem os seus haveres. No entanto,

«esta manhã eu fui surpreendido pela rádio com a notícia de que se preparavam para demolir as primeiras casas do Portinho da Arrábida. Vim para aqui, bastante cedo, e consegui ainda salvar alguns haveres».

Uma força de 50 homens da GNR, representantes da capitania do Porto de Setúbal e da Câmara Municipal estão no local a coordenar a operação, a cargo de cerca de 30 homens de duas empresas de construção cada qual com o seu buldózer. Além disso, na demolição intervêm ainda dois tractores de uma camioneta de carga com a matrícula JO-57-76 e uma camioneta de carga.

No entanto, a operação, «Mar/Serra» deverá prolongar-se por toda a semana, uma vez que está prevista a demolição de 30 casas por dia, em média. «Caso o tempo melhore, é possível que o número aumente e que este trabalho acabe antes de sábado. De outro modo, poderemos até ter que continuar as demolições na próxima semana» — disse-nos o eng. Amílcar, que chefia a operação.

Inicialmente, o prazo de duração prevista para a demolição das 650 habitações é de 30 dias úteis.



Decidido em reunião da Câmara

Freguesias de Lisboa recebem 250 mil contos

As Juntas de Freguesia de Lisboa vão receber cerca de 250 mil contos da Câmara Municipal de Lisboa, segundo decidiu ontem a reunião do executivo camarário. A deliberação foi tomada por maioria, com a abstenção dos eleitos nas listas da Aliança Povo Unido.

De entre as freguesias da capital, a que recebe um montante mais elevado é a de Santa Maria dos Olivais, beneficiada com uma transferência de cerca de 20 mil contos, enquanto que no extremo oposto se situa a Junta de Freguesia da Madalena, «contemplada» apenas com 940 contos.

De acordo com o comunicado da edilidade que anuncia as transferências, a medida ontem decidida «consustancia um reforço da verba inicialmente atribuída» e foi tomada «por ocasião de uma alteração orçamental do ano financeiro de 1986».

Na reunião de ontem, por unanimidade, foi também aprovado um voto de pesar pelo falecimento do poeta Ruy Cinatti.

Lisboa quer linha de crédito

Por outro lado, o vereador do pelouro das Obras informou o Município de que foi solicitado à secretaria de Estado da Habitação a abertura de uma linha de crédito para 1987 ao abrigo do Programa de Recuperação de Imóveis Degradados (PRID) no valor de 430 mil contos.

Segundo os números avançados pelo vereador Vasco Franco, com aquela verba será possível realizar no próximo ano obras em 2.100 fogos, tendo o responsável do pelouro apresentado uma proposta para a afectação de mais 80 mil

contos no Plano de Actividades para 1987 para a realização de obras de benificação geral.

Neste campo, os vereadores Vasco Franco e Ana Sara de Brito anunciaram à Câmara a realização de obras urgentes no Bairro da Horta Nova para acorrer a situações de emergência até à reinstalação dos habitantes daquele Bairro que se prevê possa ocorrer no prazo de dois anos.

Obras ilegais: multas até 20 mil contos

Do mesmo modo, o vereador do pelouro das Obras apresentou uma proposta no sentido de se passar a aplicar o novo regime de contra-ordenações nos moldes previstos no Regulamento Geral de Edificações Urbanas, que se traduz num aumento das multas para as obras ilegais que pode atingir 20 mil contos.

Recorda-se que, até este momento, as coimas aplicadas nos termos de um Edital camarário de... 1962 variam entre um mínimo de 20 contos e um máximo de 500 mil escudos.

De acordo com o proponente, esta medida permitirá uma actuação muito mais enérgica por parte da edilidade face a obras clandestinas «cuja gravidade ultrapassava em muito o valor máximo anteriormente previsto para as coimas».

Regionalização em debate

AM de Vila Real de St.º António contra projecto-lei do PCP

A Assembleia Municipal de Vila Real de Santo António pronunciou-se contra o projecto de lei quadro das regiões administrativas apresentado ao Parlamento pelo Partido Comunista Português e remetido às autarquias para discussão.

Os autarcas de Vila Real consideram que o projecto de lei do PCP ao fazer coincidir a área das regiões administrativas com a actual visão distrital «conduz ao absurdo de criar nada menos do que 18 regiões».

«Não é convertendo mecânica e artificialmente os 18 distritos existentes em outras tantas regiões, necessariamente fracas e, logo dependentes do poder central que é condição indispensável do ser de uma verdadeira região», refere o documento aprovado por maioria. No mesmo documento salienta-se que «a divisão distrital assenta em pressupostos não compatíveis com a divisão regional» e que «sem uma adequada base territorial jamais existiria o suporte indispensável a um forte poder regional».

Rejeitando «liminarmente a filosofia e as soluções preconizadas no projecto de lei do PCP» a Assembleia Municipal de Vila Real de St.º António sugere que «enquanto não é feita a revisão constitucional» se crie uma «região administrativa piloto para o Algarve» dado que «é a única região que reúne o consenso de todas as forças políticas».

Esta posição dos deputados municipais coincide, na prática, com a proposta aprovada na Assembleia Distrital de Faro que está a elaborar um documento que «defina uma estrutura orgânica para a área administrativa do Algarve de modo a que, sem se ferir os preceitos constitucionais, de o arranque para a descentralização da província».

**Por um dólar de auxílio,
dois de dívidas**

Batalha contra a fome está a ser perdida

Por cada dólar doado a África o ano passado o Ocidente recebeu dois dólares em pagamento de dívidas, anunciou a Agência Internacional de Auxílio contra a Fome, (Oxfam).

Donativos voluntários e de governos para combater a fome totalizaram 2500 milhões de libras em 1985 — mas os países atingidos pagaram 5000 milhões a bancos, governos e instituições ocidentais, indica o relatório da Oxfam.

«Ninguém pode esconder a verdade: por mais bem sucedidos que sejam os projectos apoiados

por organizações como a Oxfam, a batalha global contra a pobreza está a ser perdida.

«Os pobres estão a ganhar algumas batalhas importantes mas há hoje mais pessoas famintas no mundo do que há uma década», afirma o relatório.

Condições desvantajosas de comércio, preços baixos das matérias-primas e economias agrícolas orientadas para a exportação mais do que para a produção alimentar destinada ao mercado interno são outros problemas sublinhados pelo relatório, que deve ser publicado em 30 de Outubro.

Durante o primeiro semestre

Saldo de 300 milhões de dólares nas transacções correntes

A Balança de Transacções Correntes atingiu, no primeiro semestre deste ano, um saldo positivo de 306 milhões de dólares contra um défice de 256 milhões de dólares no mesmo período de 1985, revelou o Banco de Portugal.

A acentuada redução do défice de Serviços e Rendimentos e a evolução favorável das transferências unilaterais foram as rubricas responsáveis pela melhoria registada, considera o Banco Central.

A balança de mercadorias apresentou um défice de 727 milhões de dólares no primeiro semestre de 1986, mais 6,2 por cento do que em idêntico

período de 1985.

Em termos de volume, as importações cresceram 13,3 por cento, enquanto que as exportações aumentaram 4 por cento.

No entanto, a taxa de cobertura das importações pelas exportações continuou a melhorar atingindo 81,3 por cento no referido semestre.

O Défice de Serviços e Rendimentos reduziu-se cerca de 53,3 por cento devido às receitas de turismo e à diminuição dos pagamentos ao exterior sob a forma de rendimentos de capitais.

As remessas dos emigrantes reflectiram-se positivamente

sobre o excedente das transferências unilaterais, assim como as transferências oficiais da CEE, com um aumento de 46,3 por cento.

O país prosseguiu a política de amortização da sua dívida externa, tendo em termos líquidos amortizado 839 milhões de dólares de dívida de curto prazo e 98 milhões de dólares de dívida a médio e longo prazo.

No final de Junho, o total da dívida externa ascendia a 16 566 mil milhões de dólares (cerca de 2478 milhões de contos), ou seja, 4,3 por cento acima do seu valor em igual mês do ano transacto.

O stock da dívida a curto prazo reduziu-se 829 milhões de dólares, enquanto que a dívida a médio e longo prazo crescia 774 milhões de dólares por efeito das flutuações cambiais associadas ao dólar.

No final do semestre, as disponibilidades líquidas sobre o exterior do sector monetário atingiram 7293 milhões de dólares (com o ouro ao preço oficial), tendo sofrido uma redução de 1,1 milhões de dólares relativamente ao final de 1985.

Os dados existentes sobre o mês de Julho apontam para um crescimento dessas disponibilidades em termos brutos e líquidos.

Oitenta mil automóveis vendidos em nove meses

Nos primeiros nove meses do ano venderam-se em Portugal quase 80 mil automóveis, mais 11 mil que no ano anterior — cinco mil comerciais ligeiros e cerca de três mil comerciais pesados.

A Renault mantém a liderança das vendas de automóveis, apesar de registar uma pequena quebra de quota de mercado relativamente ao mesmo período de 1985. Começa a notar-se a penetração dos automóveis espanhóis e nos comerciais dominam os japoneses.

Segundo as estatísticas da Associação do Comércio Au-

tomóvel de Portugal (ACAP), de Janeiro a Setembro, a Renault vendeu 25 472 veículos, à frente da Opel (10 341), da Fiat (8850), da Peugeot (6065) e da Citroën (5556).

A Renault detém 32,0 por cento do total das vendas de automóveis este ano em Portugal, menos 0,4 por cento do que acontecia no fim dos primeiros nove meses de 1985.

No mesmo período, de Janeiro a Setembro, a Opel e a Fiat perderam também terreno em termos de penetração: a Opel baixou a sua quota de vendas de 14,3 por cento para 13 por cento e a Fiat de 11,6 por cento para 11,1 por cento.

Nos 11 primeiros lugares da lista de marcas mais vendidas em Portugal surgem em posição de destaque, pelo salto de vendas que registaram, a Rover e a Seat.

A marca anglo-japonesa vendeu 3265 veículos de Janeiro a Setembro (mais 2172 do que no mesmo período de 1985) e a espanhola 1727 (mais 1585 do que no mesmo período de 1985).

Tanto a Rover como a Seat passaram a deter maiores quotas de vendas em Portugal na sequência dos veículos vendidos de Janeiro a Setembro: a Rover apresentava em Setembro 4,1 por cento (contra 1,6

por cento no mesmo período de 1985) e a Seat 2,2 por cento (contra 0,2 por cento no mesmo período de 1985).

No total venderam-se em Portugal de Janeiro a Setembro de 1986 um total de 79 530 automóveis, mais 11 056 do que no mesmo período de 1985.

Na área dos comerciais ligeiros é a Toyota que lidera o mercado com um total de vendas, de Janeiro a Setembro, de 5104 veículos (mais 2557 do que no mesmo período de 1985).

A Toyota detinha em Setembro de 1986 uma fatia de 30,3 por cento do total de ven-

das, contra 20,9 por cento no mesmo período de 1985.

Nesta faixa do mercado a liderança é dos japoneses já que o segundo lugar das vendas é da Nissan com 2250 veículos vendidos entre Janeiro e Setembro de 1986.

A Toyota e a Nissan detinham juntas, em Setembro de 1986, uma quota de vendas de 43,7 por cento.

Na área dos comerciais pesados são ainda os nipónicos quem mais vende em Portugal através da Toyota e da Mitsubishi que detinham, as duas, em Setembro de 1986, uma quota de vendas de 35,5 por cento.

Portline compra navio em segunda-mão

A Portline comprou por 1,2 milhões de contos um navio que permitirá reduzir em 7 por cento a dependência dos transportes marítimos portugueses relativamente a armadores estrangeiros, informou a companhia.

O navio, que, segundo a Portline, «é a maior e a mais moderna unidade de transporte de cargas secas da marinha mercante portuguesa», vem colmatar «uma grande lacuna» existente no sector dos transportes marítimos nacionais.

Com efeito, disse uma fonte da companhia, o navio, que tem uma capacidade de carga de 70 mil toneladas, permitirá reduzir em cerca de 7 por cento o défice de tonagem da frota mercante nacional, na classe de graneleiros.

Portugal, devido às importações massivas de graneis secos e à escassa frota mercante nacional, tem de recorrer a armadores estrangeiros para assegurar o transporte de grande parte das mercadorias compradas no exterior, muitas das quais consideradas estratégicas, como os produtos alimentares e os combustíveis.

Construído em 1983 em estaleiros britânicos, o navio, que tem navegado com bandeira e tripulação inglesas (23 elementos), está equipado com a mais moderna tecnologia — casa das máquinas totalmente computadorizada —, tem 228 metros de comprimento e uma capacidade de carga de 70 mil toneladas.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

	(Por Unidade)	
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	47\$50	53\$50
ALEMANHA FED. (marco)	72\$60	73\$90
ÁUSTRIA (xelim)	10\$25	10\$45
BÉLGICA (franco)	3\$291	3\$541
BRASIL (cruzado)	3\$900	6\$400
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	103\$60	106\$10
(notas de 5 a 1000)	104\$10	106\$60
DINAMARCA (coroa)	19\$25	19\$65
ESPAÑA (peseta)	1\$067	1\$187
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	143\$95	147\$45
(notas de 5 a 1000)	144\$45	147\$95
FINLÂNDIA (marka)	29\$70	30\$30
FRANÇA (franco)	22\$20	22\$90
HOLANDA (florim)	64\$30	65\$40
IRLÂNDIA (libra)	198\$45	202\$45
ITÁLIA (lira)	\$095	\$110
JAPÃO (iene)	\$889	\$944
NORUEGA (coroa)	19\$75	20\$25
REINO UNIDO (libra)	206\$95	211\$45
SUÉCIA (coroa)	21\$10	21\$60
SUÍÇA (franco)	89\$10	90\$60
VENEZUELA (bolívar)	6\$30	7\$30

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Citando informações da administração

Panasqueira: dois anos de vida garantidos por António Guterres

A empresa proprietária das Minas da Panasqueira, a Beralt Tin and Wolfram de Portugal, está disposta a manter as minas em funcionamento durante mais dois anos, revelou o dirigente nacional do PS, António Guterres.

Guterres falava num encontro com trabalhadores das Minas da Panasqueira este fim-de-semana, em São Jorge da Beira (Covilhã), durante a inauguração da secção local do Partido Socialista.

A Beralt Tin and Wolfram de Portugal não tomará medidas que afetem o funcionamento das minas, se, no mercado internacional, as cota-

ções do volfrâmio se mantiverem, e admite mesmo uma recuperação em 1987 — disse António Guterres, citando informações divulgadas pela administração da empresa.

O Secretário Nacional do PS para a organização lamentou declarações do secretário de Estado da Indústria, que admitiam o encerramento das minas, considerando que «essas declarações lançam o pânico entre os mineiros e as suas famílias».

Guterres referiu a importância das Minas da Panasqueira no desenvolvimento da região e o papel socioeconómico que desempenham nesta zona da Beira, salientando que

constituem a principal fonte de emprego nas áreas vizinhas.

Nas Minas da Panasqueira, 300 trabalhadores aceitaram já a rescisão do contrato de trabalho por mútuo acordo e um processo de despedimento colectivo já instaurado abrange mais 51 mineiros.

António Guterres manifestou o empenhamento do Partido Socialista na resolução dos problemas do sector mineiro e concretamente das Minas da Panasqueira.

Os mineiros, por outro lado, afirmam não compreender como é que as minas estão em crise e mantêm uma laboração de 80 por cento.

Calçado bate vinho do Porto em França

A França é, actualmente, o primeiro importador mundial de calçado português, tendo adquirido durante os primeiros seis meses deste ano 5,6 milhões de pares, no valor de 408 milhões de francos.

No ano passado, durante o mesmo período, as importações tinham totalizado 3,8 milhões de pares e 227 milhões de francos. Houve por isso um aumento este ano de 45 por cento na quantidade e de 80 por cento no valor.

O calçado passou assim a ser o quarto produto de exportação para França, com 10,5 por cento do valor total das exportações realizadas no primeiro semestre de 1986. Em 1985, o valor do calçado vendido em França fora de 498 milhões de francos (cerca de 11 milhões de contos) ultrapassando pela primeira vez o valor do vinho do Porto que foi de 475 milhões de francos, equivalentes a 10,5 milhões de contos em moeda portuguesa.

Cimeira de Reiquejavique

Posição moderada da URSS justifica optimismo de Reagan

Alerta em Espanha

As forças policiais espanholas continuam em estado de alerta máximo, sobretudo em Madrid e Barcelona, para evitar que a ETA-Militar realize um atentado terrorista de grandes proporções. Esta possibilidade continuará pelo menos até ao próximo dia 25 de Outubro, data em que a coligação basca Herri Batasuna organizará uma grande manifestação em Bilbao para reclamar ao Governo uma negociação política com a ETA. A manifestação foi proibida pelas autoridades espanholas mas tudo indica que Herri Batasuna não acatará esta decisão, o que provocará certamente incidentes. Herri Batasuna é considerada como a vertente legal da organização terrorista ETA-Militar.

Pretória nega planos

O ministério sul-africano da Defesa desmentiu que tropas sul-africanas se estejam a preparar para invadir Moçambique. Um porta-voz do Ministério considerou um disparate evidente as afirmações feitas durante a Cimeira da Linha da Frente, em Maputo, de que Pretória atacaria em breve o país vizinho.

Segundo a mesma fonte, a África do Sul quer viver em paz com os seus vizinhos.

Isabel II na China

A rainha Isabel II, recebendo um acolhimento régio prestado pelos seus anfitriões chineses, elogiou um pacto sino-britânico que devolverá Hong-Kong ao domínio chinês. A monarca britânica afirmou, num discurso proferido num banquete, que as relações entre Londres e Pequim nunca foram melhores. Referindo-se a Hong-Kong, a rainha declarou que «ambos os países estão empenhados em fazer todo o possível para manter a prosperidade e estabilidade contínuas de Hong-Kong». A rainha iniciou no domingo, em Pequim, uma visita de uma semana à China.

Mitterrand não se recandidata

O presidente socialista francês François Mitterrand disse que não tenciona candidatar-se a um segundo mandato de sete anos nas próximas eleições presidenciais, previstas para 1988. Mitterrand, falando a jornalistas depois de ter observado exercícios militares no sudoeste da França, não excluiu categoricamente a possibilidade de mudar de opinião mas disse não esperar que isso aconteça. O presidente, que faz 70 anos em 26 de Outubro, tem sido instado a recandidatar-se por destacadas figuras do Partido Socialista Francês.

Nobel da Paz

Distinguido o escritor

norte-americano Wiesel

O escritor norte-americano Elie Wiesel, considerado como «a voz espiritual» dos seis milhões de judeus mortos durante a II Guerra Mundial, foi hoje de manhã distinguido com o Prémio Nobel da Paz.

O anúncio foi feito, em Oslo, na Noruega, pelo Comité Nobel.

Com 58 anos, Wiesel, naturalizado norte-americano e vivendo em Nova Iorque, escreveu várias obras sobre as suas experiências em campos de concentração nazis durante o último conflito mundial, descrevendo o sofrimento dos judeus. A sua obra incide também sobre os temas relacionados com os direitos humanos.

«Elie Wiesel tornou-se um

dos mais importantes líderes espirituais e guia numa era onde a violência, a repressão e o racismo continuam a caracterizar o mundo», considera o Comité Nobel ao evocar as razões para a atribuição do prémio ao escritor, que é também professor na Universidade de Boston (Massachusetts).

O presidente do Comité Nobel, ao anunciar a atribuição do Prémio, tornou pública uma mensagem onde também se salienta que Wiesel «é um mensageiro para a humanidade, a sua mensagem é de paz, expiação e dignidade».

Natural da Roménia, Wiesel foi deportado, com a sua família e 15 mil outros judeus, para Auschwitz, em 1944.

Embora acusando os Estados Unidos do fracasso nos encontros de Reiquejavique, a Imprensa soviética encara com calma e serenidade os resultados das conversações Reagan-Gorbachev, salientando os progressos realizados.

A agência soviética de Imprensa Novosti escolheu como «cabeça» da notícia sobre a conferência de Imprensa de Gorbachev, no termo das conversações, afirmação do líder soviético segundo a qual «os entendimentos continuam possíveis» e a cimeira foi «amigável» e permitiu «aprofundar a compreensão de muitas questões da política mundial», criando as condições para «ultrapassar os obstáculos surgidos no fim do encontro».

A agência e os jornais soviéticos salientam a afirmação de Gorbachev, que disse: «Já chegamos a acordos sobre muitas coisas. Possivelmente, o presidente Reagan terá agora de consultar o Congresso, os meios políticos e a opinião pública. A América que pense. Nós esperamos, sem retirar nenhuma das propostas feitas».

A Imprensa soviética frisa ainda que a ruptura, provocada pelo projecto norte-americano de «Guerra das Estrelas», «não anula o facto de este encontro ter sido, no fundo, interessante, importante e promissor».

Depois de enumerar as propostas soviéticas e os três projectos que poderiam ser assinados durante a futura visita (de Gorbachev) aos Estados Unidos, a Imprensa soviética salienta que o projecto da cimeira não foi abandonado, mas que Moscovo reafirma que só se deve realizar quando sejam possíveis «resultados concretos, passos e mudanças drásticas, nomeadamente numa questão tão quente como o controlo das armas nucleares, o fim da corrida aos armamentos e a eliminação das armas nucleares».

A agência soviética cita ainda Gorbachev para afirmar que «as posições já estavam bastante próximas quando a ruptura surgiu por causa da defesa antimisséis. Suspendemos a discussão convidando os americanos e o mundo a ponderar a situação criada».

A Imprensa soviética salienta que a União Soviética foi tão longe quanto era possível ao aceitar a continuação das investigações do programa da Guerra das Estrelas «até ao nível das experiências de laboratório, para esclarecer o que é afinal a SDI, embora para muitos, e para nós também, isso já esteja claro».

Os órgãos de Comunicação soviética salientam que o mais grave, na insistência de Reagan em realizar provas no espaço, é «o aspecto político, porque faz renascer a desconfiança e as suspeitas, e então não se pode falar de reduções de armamento, que exigem outro clima».

A agência soviética cita, em conclusão, a frase de Gorbachev, segundo a qual «os americanos vieram para este encontro com as mãos vazias. Sentimos a falta de uma nova mentalidade».

Ontem o Presidente Ronald Reagan disse por seu turno que os Estados Unidos e a União Soviética estão mais próximos do que nunca de um acordo sobre desarmamento, apesar da ausência de acordos específicos na cimeira da Islândia.

Em declarações através da televisão, o chefe da Casa Branca revelou ter oferecido ao líder soviético, Mikhail Gorbachev, «a mais abrangente e generosa proposta da história sobre controlo de armamentos» na sua reunião de dois dias em Reiquejavique.

«Ao despedirmo-nos com esta

oferta americana ainda na mesa, ficámos mais próximo do que nunca em chegar a acordos que possam levar a um mundo mais seguro, sem armas nucleares», acrescentou o Presidente Reagan.

Tentativa de salvar resultado

É de referir que as duas posições (EUA-URSS) mostram que ambas as superpotências procuram salvar o que puderem do encontro de Reiquejavique. Assim a União Soviética disse que ia enviar o seu principal negociador de armas Viktor Karpov a capitais da NATO com o aparente objectivo de obter apoio para persuadir Washington a aceitar todo o pacote de armas de Moscovo.

Entretanto, o secretário de Estado norte-americano, George Shultz, informou os aliados da NATO em Bruxelas e afirmou mais tarde que recebera apoio à posição de Washington.

No primeiro comentário oficial soviético ao fracasso da cimeira, a agência noticiosa TASS disse que as «obstinadas ambições imperialistas do lado americano fizeram perder uma oportunidade histórica de alcançar um importante avanço no domínio do controlo de armas».

O lado soviético mostrou uma abordagem vigorosa e construtiva, mas os Estados Unidos não estavam preparados para renunciar ao seu sonho de superioridade militar, acrescentou a agência.

No voo de regresso a Washington, funcionários norte-americanos tentaram dar o melhor aspecto possível ao que Shultz descreveu como os resultados profundamente desapontadores das conversações.

Admitiram que a União Soviética apresentou «algumas propostas dramáticas», mas argumentaram que o principal objectivo do líder soviético, Mikhail Gorbachev, era matar o projecto «Guerra das Estrelas».

Reagan rejeitou isto liminarmente.

Os funcionários disseram que os Estados Unidos continuariam a exercer pressões para a obtenção de acordos sobre armas, sublinhando que o fracasso da cimeira «não foi o fim do mundo».

Previam todavia que o Presidente Reagan venha entretanto a ser alvo de críticas tanto de liberais como de conservadores sobre o modo como orientou as negociações e, disse um dos funcionários, «haverá alguma perturbação na Europa, mas por pouco tempo».

Uma das primeiras reacções da Europa Ocidental, a do ministro alemão federal dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher, pareceu fazer-se eco deste ponto de vista.

«Será agora preciso um grande sentido de Estado e muita responsabilidade para evitar uma situação que conduza a um recuo nas relações Leste-Oeste que poderá não ser superado durante muito tempo», disse Genscher.

Mas, em linha com a reacção mais optimista de outros aliados da NATO, Genscher teve uma reacção menos sombria depois da reunião com George Shultz, dizendo ser absolutamente necessário que as próximas conversações sobre controlo de armas devam decorrer na base do progresso alcançado na cimeira.

Outros aliados da NATO esforçaram-se por minimizar o colapso do encontro de Reiquejavik, sublinhando que produziu importante trabalho de fundo que poderá beneficiar futuras conversações sobre armas.

«Nada se perde se nos mantivermos frios», disse o ministro belga dos Negócios Estrangeiros, Leo Tindemans.

Forte sismo voltou a abalar São Salvador

A capital salvadorenha voltou ontem a ser abalada por um forte sismo, três dias depois de outro ter causado, segundo os números mais recentes divulgados pelo presidente Napoleon Duarte, 936 mortos.

O sismo abalou São Salvador durante cerca de três segundos pelas 16 e 29 de ontem (22 e 29 em Lisboa,) sem que haja conhecimento de vítimas nem danos.

O Instituto Sismológico da Guatemala informou que o abalo atingiu 4,5 graus na escala de Richter e se localizou a 250 quilómetros a Sueste da cidade da Guatemala, no oceano Pacífico.

Duarte deu a conhecer o novo balanço de vítimas numa conferência de Imprensa, havendo ainda a registar 8.176 feridos, 30.988 famílias desalojadas e 2.379 casas destruídas.

O presidente salvadorenho acrescentou que se registaram 1.075 réplicas do sismo de sexta-feira das quais 200 só ontem. Estas réplicas danificaram ainda mais os edifícios já abalados e levaram as equipas de salvamento a suspender por vezes os trabalhos devido ao perigo de desmoronamentos.

De referir que cerca de oitenta por cento dos edifícios da capital salvadorenha foram

destruídos ou seriamente danificados pelo terramoto que sexta-feira sacudiu a cidade.

«Não há dúvida de que para reconstruir São Salvador é necessário um enorme esforço», afirmou o vice-presidente Rodolfo António Castillo Claromoun, adiantando que para refazer o destruído pelo sismo são necessários pelo menos 2.000 milhões de dólares.

Suíça: quanto ganham "astros" dos estádios?

As relações entre a Televisão e a Liga de Clubes de futebol da Suíça atingiram um «ponto crítico» devido a uma reportagem sobre os salários e prémios auferidos pelas «estrelas» do campeonato helvético, noticiou o diário «La Suisse». Alguns clubes exigiram (mesmo) que os jornalistas da Televisão suíça (SSR) sejam impedidos de entrar nos estádios, enquanto não se aclarar a situação.

Freddy Rumo e Albin Kumin (presidente e secretário-geral da Liga Helvética de Clubes) pediram explicações à Televisão helvética e convocaram uma reunião do Comité Extraordinário e uma assembleia da Liga para examinar o conflito. Os dois dirigentes enviaram (também) uma carta aos membros de todos os órgãos da Liga Helvética de Futebol, «exigindo» em nome do Comité, que «**não respondam nem se pronunciem**» quando os jornalistas ou outros representantes da Televisão lhes coloquem qualquer pergunta.

A Televisão passou recentemente dois programas sobre o futebol helvético (um em francês e outro em alemão) em que participaram André Luisier (presidente do FC Sion) e Roger Schorer (membro da Câmara da Liga), a quem foram pedidas igualmente explicações sobre as declarações proferidas nas reportagens. André Luisier abordou os elevados prémios recebidos, por «debaixo da mesa», pelos futebolistas suíços de primeiro plano, enquanto Roger Schorer comentou os grandes ordenados auferidos pelas «estrelas», especificando que Heinz Hermann (do Xamax de Neuchâtel) recebe mais de 500 000 francos (cerca de 45 mil contos por época).

Peñarol vai a leilão?

O Peñarol (de Montevideo) um dos clubes mais famosos do Uruguai, pode ficar sem instalações para treinos e concentração, penhoradas por determinação judicial devido a uma dívida de 30 000 dólares (cerca de 4400 contos). O juiz que determinou a penhora intimou o Peñarol a entregar no tribunal o título de propriedade de «Los Aromos», considerado como um dos melhores centros de estágio desportivo da América Latina (localizado perto de Montevideo) a fim de continuar com o processo prévio ao leilão. A sede do Futebol Clube Atlético Peñarol (que lhe pertence) está actualmente hipotecada por 80 000 dólares (11 800 contos).

A acção de penhora dos bens do Peñarol foi posta pelo Clube de Futebol Sarandi Universitário (da cidade de Rivera) 500 quilómetros a norte de Montevideo. O Peñarol deve há três anos 27 000 dólares (3900 contos) ao Sarandi, pela transferência do avançado Walkir Silva.

«Recorremos à via judicial depois de fracassarem os nossos esforços no sentido de receber o que por lei nos pertence», afirma Federico Diaz, presidente do Sarandi.

«A situação está insustentável e não surge uma saída para a crise económica. Podemos mesmo suspender a nossa actuação no campeonato uruguaio de futebol», afirmou entretanto Carlos Lecueder, presidente do Peñarol. «Pagámos um só mês de ordenado em atraso aos jogadores, eles vão apresentar-se em campo hoje, mas para a semana o panorama será diferente», concluiu Lecueder.

FERNANDO MAMEDE: O regresso do campeão

Depois de quatro meses de ausência, Fernando Mamede regressou à cena da melhor forma ao vencer as «Dez milhas de Zaandam», na Holanda, com o tempo de 45.14.02 o que fica a constituir o melhor tempo mundial da distância. Nas posições seguintes situaram-se o belga Rousseau com 46.08.3 e o inglês Speliding com 46.14.4. A prova teve a participação de 7000 atletas de diferentes países. Saúde-se o retorno à competição do excelente atleta luso, mais ainda do

que o magnífico resultado agora conseguido.

Hora de mudança

Inicia-se amanhã a fase de transferências, e, para já, parece certo que Rafael Marques e Mário Matias vão trocar o Beirenenses pelo Benfica. Trata-se duma mudança de camisola de que se fala desde o começo da última temporada, pelo que não há lugar a qualquer surpresa quanto a estes.

Os clubes pequenos irão sofrer a habitual sangria nos seus quadros, pormenor tradicional e comum a todas as épocas. Vamos, pois, aguardar pelas «novidades» e naturalmente que uma ou outra irão dar lugar a acesa polémica e algum mal-estar entre os clubes. É normal.

Lopes e Aurora correm lado a lado

Carlos Lopes é cabeça de cartaz da sétima edição da «Meia-Maratona das Açóteias», a disputar no próximo dia 2 de Novembro.

Lara Ramos (membro da organização) referiu ainda que Aurora Cunha, na ocasião em estágio no Algarve, deverá ser, a nível feminino, a principal figura da prova.

O programa da corrida, bem como a relação completa dos participantes, vai ser divulgado em conferência de imprensa a realizar proximamente na Aldeia das Açóteias. João Campos (1980) Moreira (1981), David Tavares (1982), José Sena (1983) e Manuel Matias (1984 e 1985), já inscreveram o seu nome na lista de vencedores masculinos, enquanto que a nível feminino triunfaram: Rita Borra-

lho (1981 e 1982), Rosa Mota (1983 e 1984) e Manuela Machado (1985). O recorde masculino da prova pertence a José Sena, com 1.05.10 horas e o feminino a Rosa Mota, 1.13.53 (em 1984).

Na última edição da «Meia Maratona das Açóteias» participaram 320 atletas.

Seleção do Algarve vai correr «estafeta de Marselha»

Uma selecção de atletismo representativa do Algarve vai participar na próxima edição da «Estafeta de Marselha», a disputar no dia 2 de Novembro nas imediações do porto marítimo daquela cidade francesa.

O seleccionado algarvio, constituído pelos atletas Ezequiel Canário, João Campos, Luís Horta, José Neto, Orlando Encarnação e José Luís (ou Carlos Filipe), partirá de Faro no próximo dia 30, estando prevista uma apresentação pública no dia 31, durante o intervalo do jogo de futebol Olympic de Marselha-Nantes.

A estafeta tem uma extensão de 7 900 metros, dividida em dois troços de 450 metros, dois de 900 metros e dois de 2 600 metros.

Para além da equipa algarvia, participam na prova, formações originárias da Bélgica, Itália, Alemanha Federal e França, com destaque para a equipa Maringane e de Marselha, terceira classificada na última edição da Taça dos campeões europeus, por clubes, disputada nas Açóteias.

A «Estafeta de Marselha» foi ganha em 1985 pela representação portuguesa, constituída



Mamede: regresso que se saúda

pelos atletas algarvios Luís Horta, Ezequiel Canário, Humberto Sequeira, José Neto, Carlos Filipe e José Luís.



Rafael Marques: saiu de Alvalade, fez escala no Restelo e parte para a Luz

NATURA

FOI POSTO À VENDA O N.º 380
REFERENTE A SETEMBRO

Se desejais evitar a doença e curar-vos dos vossos males, pelos meios puramente naturais, assinal já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura integral podendo estar certos que pelos ensinamentos recuperais mais bem-estar e alegria de viver.

Director e Proprietário: Dr. INDIVERI COLUCCI

DO SUMÁRIO DESTACAMOS OS SEGUINTE ARTIGOS:

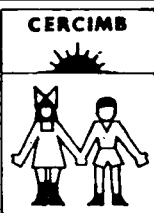
- Porque somos Naturistas?
- Raízes, folhas e frutos ricos em propriedades terapêuticas
- Segredos das plantas medicinais
- Tratamento natural da pele
- Conselhos para a preparação das tisanas
- Décima segunda entrevista com o Dr. Colucci
- A Vitamina C
- Tratamento natural da próstata
- A uva
- A Vitamina E
- Etc., etc.

RUA ANTERO DE QUINTAL, 35-1.º (ao Intendente)

Telefone 55 64 98

Assinatura Anual: 900\$00 • Semestral: 450\$00

Estrangeiro: 1500\$00 • Avulso: 80\$00



**CERCIMB — COOPERATIVA
PARA A EDUCAÇÃO E REABILITAÇÃO
DE CRIANÇAS INADAPTADAS
DA MOITA E BARREIRO SCARL**

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA ELEIÇÕES

Ao abrigo do Artigo 16.º e 20.º dos Estatutos da CERCIMB — Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas da Moita e Barreiro, convoco a Assembleia Geral Extraordinária (com finalidade eleitoral) para o próximo dia 14 (catorze) de Novembro de 1986 com início às 21.30 horas e encerramento às 23.30 horas na sede social da cooperativa — Bairro de Santa Bárbara, Rua de Stynville n.º 4 ex-Escolas da CUF 2830 Barreiro, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

OT

— Ponto único: Eleição dos Corpos Sociais para o biénio 87/89.

BARREIRO, 8 DE OUTUBRO DE 1986

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Rodrigo Francisco Valério Machado

COMUNA

TEATRO DE PESQUISA

ENCENAÇÃO - JOAO MOTA

TEXTO - ABEL NEVES

MUSICA - CARLOS MENDES

3.º MES

TERÇA e SABADO às 21.30

DOMINGO às 17 h

PRACA DE ESPANHA

tel. 726 08 10

SUB. S.E.C.M. 12

VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS terças, quartas e quintas

preço único 150.00

Governo açoriano abre a bolsa

O Governo açoriano atribuiu 2300 contos às associações açorianas de desporto para fazer face a despesas com realizações desportivas. Um terço deste valor foi atribuído às associações de futebol de Ponta Delgada, da Horta e de Angra do Heroísmo.

Foram ainda contemplados com subsídios governamentais a Associação de Vôlei de S. Miguel, a Associação de Desportos do Faial, a Associação de Ciclismo da Ilha Terceira, o Dojo Micaelense e a Comissão Organizadora do Torneio «Augusto Carvalho».

Hóquei em patins: Benfica e Sporting no Maputo

O Benfica e o Sporting participam num torneio internacional de hóquei em patins a ter lugar de 2 a 5 de Novembro, em Maputo, e no qual participam também as equipas do Desportivo de Maputo e a selecção da capital moçambicana.

O torneio insere-se nos festejos comemorativos do 65.º aniversário do Grupo Desportivo do Maputo.

Espera-se que na última jornada deste torneio participe uma equipa formada por antigos jogadores do Desportivo e outra por antigos jogadores portugueses.

Basquetebol: árbitros contestam Federação

Do Conselho Nacional de Arbitragem da Federação Portuguesa de Basquetebol recebemos um comunicado com o seguinte teor:

«Pesem embora todos os esforços do CNA junto da direcção da Federação, continuam os prémios devidos aos filiados de Aveiro, Porto e Setúbal ainda agora por pagar.

Se o problema em princípio nos surpreendeu e foi entendido apenas como mais um lapso a juntar a outros tantos em que os serviços são pródigos, agora, a este tempo, temos de convir que a questão será outra muito mais grave pelos objectivos que parecem querer atingir, os quais, aliás, já vão tendo contornos bem definidos.

A não ser assim, se tão insólito procedimento de pagar a uns e não pagar a outros não tem nada a ver com propósitos desestabilizadores, tratando-se apenas de uma levandade irresponsável, é imperioso que a direcção da FPB não só o diga claramente, como também envie de imediato os prémios que são devidos aos filiados de Aveiro, Porto e Setúbal.

Perante tão absurda como revoltante situação, o CNA não pode deixar de se solidarizar com os filiados lesados, e não só estes, ao recusarem-se dirigir jogos enquanto o problema não for resolvido.»

Guiné-Bissau condiciona saída de futebolistas

Da FPF recebemos um comunicado do seguinte teor: «Para conhecimento das associações, clubes seus filiados e demais interessados, se dá a conhecer que a nossa congénere da Guiné-Bissau põe alguns condicionamentos às transferências internacionais vindas daquele país.

Assim, não devem os clubes assumir qualquer responsabilidade antecipadamente com os jogadores oriundos daquele país sem primeiro contactar o clube guineense com o qual deverá chegar a acordo, para posteriormente e, através desta federação, solicitarmos o respectivo certificado internacional de transferência àquela nossa congénere.»

Cena de murro provoca renúncia

O futebolista internacional dinamarquês Jesper Olsen anunciou tencionar deixar o Manchester United, clube inglês onde actua, após ter sido agredido por um companheiro de equipa durante uma sessão de treino.

O avançado dinamarquês, de 25 anos, foi suturado com 11 pontos na cara em resultado de um incidente tido com Remi Moses numa sessão de treino.

Apesar de oficiais do clube referirem que o contacto foi accidental, Olsen assim não o entendeu e iniciou negociações com um clube alemão-federal.

Jesper Olsen representa o Manchester United desde 1984, ano em que o clube inglês pagou ao Ajax de Amsterdão 800 mil libras (cerca de 180 mil contos) pelo passe do jogador.

Futebol

Farense: treinadores oferecem-se e jogadores precisam-se

O jugoslavo Petrovick terá sido indicado como provável sucessor de Dinis Vital no cargo de treinador da equipa principal de futebol do Farense.

Petrovick foi eleito há algum tempo por representantes de quatro das seis repúblicas jugoslavas como supervisor do futebol jugoslavo, tendo na altura abdicado em favor de Miljan Miljanic, antigo técnico do Real Madrid e da selecção francesa.

Para além de Petrovick, é hipótese o alemão federal Virba, mas segundo Eduardo do Vale, director do departamento de futebol do Farense, tudo ficará decidido durante o dia de hoje.

Entretanto o presidente do Farense, Fernando Barata, continua no Brasil com o objectivo de contratar os jogadores

do Náutico do Recife, Baiano, Lourival, Ademir e Lobo, estando no entanto também o Espinho interessado nesses jogadores.

Guimarães-Boavista sábado ou domingo?

Depois de ter sido anunciado de que a FPF havia autorizado a realização do encontro V. Guimarães-Boavista no próximo sábado (dia em que igualmente se realizará o Sporting-SC Braga), chega-nos a notícia de que o órgão federativo dera o dito por não dito, voltando a marcar o jogo para as 15 horas de domingo. Esta circunstância provocou surpresa entre os dirigentes do clube minhoto e os seus protestos e contestação já chegaram à Praça da Alegria e apontam para que a FPF retome a decisão anterior.

Clube TAP promove turismo

Cerca de 250 participantes de vários países representando as principais companhias de

aviação irão ficar alojadas em Tróia nos fins-de-semana de 16 a 19 e 23 a 26 do corrente

com vista a participarem em dois fins-de-semana desportivos organizados pelo Clube TAP-Air Portugal.

Equipas da SAS, Lufthansa, Swissair, KLM, Air France, Sabena, British Airways, Aer

Lingus, Malasian, Austrian Airlines, Malev, Pan American e Jugoslavenska, de várias

idades, irão disputar, entre si e a equipa do clube organizador as seguintes modalidades: andebol, ténis de mesa, bas-

Espera-se que, na reunião directiva de hoje, os dirigentes federativos resolvam a questão por forma a acautelar os interesses (legítimos) do Vitória que, como se sabe, tem na quarta-feira difícil confronto com o Atlético de Madrid para a Taça UEFA enquanto o Boavista apenas jogará na 5.ª feira com o Glasgow Rangers.

Seleção de juniores em fase de diálogo

Os treinos da selecção nacional de futebol de juniores foram anulados devido a «questões técnicas», segundo informação dada pela Federação Portuguesa de Futebol.

«Só depois de uma série de reuniões da comissão técnica com todas as associações, que terminam dia 25, e todas relacionadas exclusivamente com o futebol juvenil, se começa a

trabalhar em força com vista ao jogo com a França», no dia 26 de Novembro, para o campeonato da Europa, acrescentou a mesma fonte federativa.

A comissão técnica, constituída por José Augusto, professor Queirós e Carlos Godinho reuniu-se ontem em Beja com as associações de Évora, Portalegre, Faro e Beja. As próximas reuniões serão nos dias 15, com as associações de Lisboa e Setúbal, 16 com Coimbra, Leiria, Guarda, Viseu e Castelo Branco, 20 com Santarém, e no dia 25 com Vila Real, Braga, Porto, Aveiro, Viana do Castelo e Braga.

Inicialmente, estavam marcados dois treinos da selecção nacional de juniores para ontem e hoje, mas devido a estas reuniões possivelmente «só amanhã ou quinta-feira» serão convocados os jogadores.

quetebol, badminton e xadrez.

Simultaneamente em Lisboa em 25 do corrente na carreira de tiro do Estádio Nacional decorrerá o torneio anual de tiro da associação dos diversos clubes de companhias aéreas europeias.

Ao conseguir trazer para o nosso país a realização destas

provas, o Clube TAP pretende divulgar, o nosso país, a nossa gastronomia e o nosso folclore a estes potenciais promotores de turismo que são os empregados das companhias aéreas pois, para além do normal convívio entre gentes da mesma profissão, o Clube TAP inclui no programa diversos circuitos turísticos.

«MACONAVE – ARMADORES DE NAVIOS, LIMITADA»

— Certifico narrativamente, para efeitos de publicação, que por escritura de ontem, lavrada de fls. 36 v.º a 38 do livro de notas para escrituras diversas n.º 533-A, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada Lídia Rodrigues Maia Devesa, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe e sede em Lisboa, a qual ficou a reger-se pelo pacto social constante da fotocópia anexa que, com esta, se compõe de três folhas e vai conforme ao original.

Lisboa e DÉCIMO SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL, aos dez de Outubro de mil novecentos e oitenta e seis.

O 3.º Ajudante,
Maria Isabel Lufinha de Vasconcelos
PRIMEIRO

— A sociedade adopta a denominação «MACONAVE – ARMADORES DE NAVIOS, LIMITADA» tem a sua sede em Lisboa, na Rua dos Fanqueiros número sessenta e cinco, quarto andar, letra A, freguesia de Madalena, sendo a duração por tempo indeterminado a contar de hoje.

SEGUNDO

— A sociedade tem por objecto: a Exploração de Navios Mercantes.

TERCEIRO

— O capital social, integralmente realizado em dinheiro é de DEZ MILHÕES DE ESCUDOS, e corresponde à soma de duas quotas, uma de nove milhões e quinhentos mil escudos pertencente ao sócio Francisco Martins Coelho, e outra de quinhentos mil escudos pertencente à sócia Maria Paula Mota Mateus Martins Coelho.

QUARTO

Um — A gerência e administração da sociedade, bem como a sua representação em Juízo e fora dele, activa e passivamente, fica a cargo de um ou mais sócios, nomeados em Assembleia Geral, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme vier a ser deliberado.

Dois — Fica desde já nomeado gerente o sócio FRANCISCO MARTINS COELHO bastando a sua assinatura para obrigar validamente a sociedade em todos os seus actos e contratos incluindo os de onerar e alienar bens móveis e imóveis da sociedade.

Três — Os gerentes podem delegar nalguns deles, competência para determinados negócios ou espécie de negócios; e, a gerência pode nomear mandatários ou procuradores da Sociedade para a prática de determinados actos.

Quatro — A sociedade pode constituir mandatários para os fins e efeitos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

QUINTO

— A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento da Sociedade, a quem fica reservado o direito de preferência em primeiro lugar e aos sócios não cedentes em segundo.

SEXTO

— A sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer dos sócios, continuando com os seus herdeiros ou representante, devendo aqueles nomear de entre si um, que a todos represente, enquanto a quota se mantiver indivisa.

SÉTIMO

— As Assembleias Gerais, salvo os casos em que a lei estabeleça outras formalidades e prazos serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com a antecedência mínima de dez dias.

D.L. 14/10/1986

1886 • 1986
CENTENÁRIO DO MUNICÍPIO

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES
Serviços Municipalizados de Habitação

AVISO

«CONCURSO PARA ATRIBUIÇÃO, POR VENDA, DO FOGO SITO NO EDIFÍCIO 13 A 6.º PISO – LETRA B – CIDADE NOVA – SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS»

Para os devidos efeitos se torna público que estará aberto **CONCURSO POR SORTEIO**, em conformidade com o Decreto Regulamentar n.º 50/77, de 11 de Agosto, pelo prazo de 15 dias (desde 13 a 27 de Outubro de 1986), para atribuição por venda de um fogo Tipo T 3, sito no Edifício acima referenciado, pelo preço de 3 218 000\$00 (três milhões, duzentos e dezoito mil escudos).

1 — O pedido de admissão ao sorteio é feito mediante requerimento dirigido ao Sr. Presidente da Câmara, acompanhado de documento comprovativo do pagamento da caução de 5%.

2 — Os concorrentes devem possuir rendimento mensal por cabeça de valor situado dentro dos limites mínimos e máximos previstos no quadro seguinte e definidos em função do salário mínimo mensal nacional:

N.º de pessoas do agregado familiar	Rendimento mínimo mensal (per capita)	Rendimento máximo mensal (per capita)
1	33 750\$00	90 000\$00
2	22 500\$00	56 250\$00
3	18 000\$00	39 375\$00
4	16 200\$00	33 750\$00
5	13 500\$00	28 125\$00
6	12 375\$00	27 000\$00

3 — O Programa do Concurso donde constarão todas as condições respeitantes ao mesmo estará afixado nos serviços Municipais de Habitação desta Câmara onde poderá ser consultado dentro das horas normais de expediente.

LoURES, 26 de Setembro de 1986
O VEREADOR DO PELOURO

Duarte Nuno Alves Climaco Pinto

Serviço de Informação e Relações Públicas (tel. 983 00 12)

A comodidade
dos Expressos

RN RODOVIA
NACIONAL

começa logo no
serviço de reserva
telefónica

54 54 39
54 58 26
54 57 75

Em Lisboa, disponha agora do nosso serviço de reserva telefónica que funciona para si todos os dias, das 09.00 às 13.00 e das 14.00 às 18.00. Marque o seu lugar através da simplicidade e rapidez dos telefones indicados até às 18.00 do dia anterior ao da viagem. E, para além deste serviço, beneficie da possibilidade de compra antecipada de bilhetes até 6 dias antes daquele em que viajará.

RN RODOVIA
NACIONAL

UMA GRANDE EMPRESA DE SERVIÇOS

EXPRESSOS R. N.
a comodidade começa antes da viagem.

DESPORTO

Jogos Olímpicos-92

O "grande palco" será escolhido na próxima sexta-feira

Um total recorde de 13 cidades em Lausana (Suíça) terão a honra de organizar os Jogos Olímpicos de 1992, decisão que depende dos 86 membros do Comité Olímpico Internacional. Cerca de mil delegados dos 13 países candidatos, seis para os «jogos» de Verão e sete para os de Inverno, saturam o Hotel Beaulieu Palace, em Lausana, onde o COI iniciou uma reunião anual cujo ponto «quente» terá lugar sexta-feira com a escolha das sedes das provas de 1992.

A necessidade de o movimento olímpico se adaptar a um mundo em constante mudança, como condição de sobrevivência, foi a tônica do discurso proferido pelo espanhol Juan Antonio Saramanch, presidente do COI, na cerimónia de abertura dos trabalhos. **Só alterando a nossa mentalidade, as nossas reacções, os nossos hábitos e, até mesmo, a nossa rotina, poderemos garantir a sobrevivência e a expansão do movimento olímpico**, disse Saramanch.

Esta afirmação do presidente do COI foi encarada como um sublinhar da sua intenção, obscurida por sectores conservadores, de abrir os «jogos» a atletas profissionais, assunto que igualmente será analisado durante o encontro de seis dias.

A ordem de trabalhos de ontem teve como «ponto alto» a apresentação de um relatório dos delegados de Seul, respeitante aos progressos na organização dos Jogos de 1988.

Entretanto, delegados sul-coreanos mostraram-se confiantes num parecer favorável, apesar dos problemas de segurança levantados pela cisão política entre as duas Coreias.

Os candidatos

Outro assunto incluído na lista de trabalhos por proposta do Comité Executivo do COI é a proposta de organizar os Jogos de Inverno e Verão em anos separados, mantendo a periodicidade de quatro anos para cada evento. Tal iniciativa, a ser aceite, implicaria uma alteração na Carta Olímpica para o que é necessário uma maioria de dois terços, de acordo com as disposições em vigor. No entanto, a escolha das sedes para os Jogos de 1992 constitui, sem dúvida, o ponto mais importante de uma agenda sobrecarregada, após os 13 países candidatos terem despendido mais de 100 milhões de dólares (cerca de 15 milhões de contos), nas respectivas campanhas publicitárias.

Paris, Amsterdão, Barcelona, Birmingham, Belgrado e Brisbane surgem como candidatos à organização dos Jogos de Verão mas o favoritismo é atribuído à cidade espanhola, local onde nasceu Juan Antonio Saramanch.

Entre as inscrições para os Jogos de Inverno, onde figuram Albertville (França), Sofia, Berchtesgaden (RFA), Lillehammer (Noruega), Falun (Suécia), Cortina (Itália) e Anchorage (EUA), constata-se uma «simpatia» generalizada dos delegados em relação à cidade francesa.

cia), Cortina (Itália) e Anchorage (EUA), constata-se uma «simpatia» generalizada dos delegados em relação à cidade francesa.

Formas de sensibilização

Os sete candidatos à prova de Inverno montaram elaborados aparatos coloridos no Beaulieu Palace, como último esforço de cativar os membros do COI.

Paris não se tem poupado a esforços e, na sexta-feira, o primeiro-ministro Jacques Chirac, que é ainda presidente da Câmara da capital francesa, estará presente na votação final.

A candidatura gaulesa centrou a sua linha de publicidade com a coincidência do 100.º aniversário da «Era Moderna» dos Jogos, (apadrinhada pelo barão francês Pierre de Coubertin) com a organização da prova de 1992.

Outros nomes «sonantes» são aguardados em manifestações de apoio às suas cidades natais, como é o caso da actriz Gina Lollobrigida (por Cortina), da rainha Silvia, da Suécia (Falun), e do príncipe Harald, da Noruega (Lillehammer).

Entretanto, holandeses distribuem cerveja grátis, enquanto o presidente da Câmara de Amsterdão, Ed Van Thyn, deslocou até Lausana uma frota de autocarros pintados de azul, para transporte dos participantes no encontro.

Enquanto delegados de 86 países vão debater a manutenção de um desporto «sem vícios» e o amadorismo se limita ao plano teórico, despendem-se verbas consideráveis, para organizar «desinteressadamente» uma manifestação de «fraternidade».

Colectividades

Academia Recreativa de Linda-a-Velha

Encontrando-se a comemorar o 93.º aniversário a Academia Recreativa de Linda-a-Velha resolveu levar a efeito uma série de iniciativas com destaque para um torneio de ténis de mesa reservado a jogadores não federados e aberto a todas as colectividades da freguesia de Carnaxide. O torneio terá início no próximo dia 18 terminando as inscrições amanhã (dia 15).

Quanto à ginástica, as aulas sob a direcção do professor Carlos Diniz tiveram o seu começo no dia 3 de Outubro bem como a iniciação musical.

Microscópio

BOXE: O venezuelano Bernard Pinango conservou o seu título de campeão do mundo de levíssimos (versão da Associação Mundial de Boxe) ao vencer em Turim, o italiano Ciro de Leva. Pinango derrotou o seu adversário por decisão do árbitro, ao 10.º assalto de um combate previsto para quinze.

Vela: classe "optimist"

Seleccção brilha em Cádiz

A selecção portuguesa de vela, da classe «optimist», teve excelente comportamento no «Trofeu de La Hispanidad», disputado no fim-de-semana na baía de Cádiz (Espanha).

Hugo Rocha, do Grupo Naval de Olhão, classificou-se em segundo lugar, depois de ter comandado a prova no primeiro dia de regatas, Martinho Fortunato, do Sport Algés e Dafundo, obteve a 3.ª posição.

O Troféu, integrado na «Terceira Semana Naval da Baía de Cádiz», foi ganho pelo espanhol Alberto Prado, do clube Belnalmadena e teve a presença de 89 embarcações, em representação de 11 clubes, para além do selecciona-

do português.

Os restantes «optimist's» portugueses estiveram igualmente em bom plano, ocupando posições honrosas: Henrique Machado, do Cimav (10.º), Guilherme Costa, do Paço d'Arcos (11.º), Gonçalo Horta, do SAD (12.º), Vasco Empis, C. Vela de Cascais (14.º) e Pedro Figueiredo, da ANL (25.º).

A actuação da equipa nacional portuguesa, dirigida pelo técnico António Vozzone, mereceu do comentador Sebastian Garcia do «Diário de Cádiz», elogiosas referências, salientando, em particular, o comportamento de Hugo Rocha, do GNO.

arco iris

CONCURSO



nome da equipa _____

chefe da equipa _____ idade _____

morada _____

localidade _____ cod. postal _____

telef. _____

2º elemento _____ idade _____

morada _____ cod. postal _____

3º elemento _____ idade _____

morada _____ cod. postal _____

RECORTA PELO TRACELADO
PREENCHA COM LETRAS MAIÚSCULAS Cole num Postal dos CTT e envie para CONCURSO ARCO IRIS
APARTADO 4 290 - 1507 LISBOA - CODER

Itália: fisco aperta o cerco

Inspectores de evasões fiscais informaram formalmente Enzo Bearzot, técnico da equipa italiana vencedora do «Mundial» de Futebol de 1982, que é suspeito de ter cometido irregularidades no pagamento de impostos.

Oficiais do «fisco» italiano convocaram igualmente os 22 futebolistas da selecção italiana finalista no «Mundial» de Espanha, para audições na próxima semana, com base em acusações de fugas que rondam os 14 mil dólares (cerca de dois mil contos) por elemento.

Basebol é modalidade olímpica

O basebol foi aceite no programa dos Jogos Olímpicos de 1992 como 25.ª especialidade desportiva durante a assembleia geral do Comité Olímpico Internacional que decorre em Lausanne.

Com esta decisão, o COI acabou por ceder à pressão feita pela Televisão norte-americana a favor da integração do basebol, a principal modalidade dos Estados Unidos, entre as modalidades olímpicas.

Connors adoece em Los Angeles

O norte-americano Jimmy Connors desistiu do Campeonato da Austrália em recinto coberto por se encontrar doente, afirmou o director do torneio.

O sueco Joakim Nystrom e o equatoriano Andres Gomez também desistiram com problemas no joelho.

Graham Lovett director do torneio disse aos jornalistas que Connors se sentiu indisposto no Aeroporto de Los Angeles, tendo chamado a sua mulher, Patti, para o transportar ao hospital.

De acordo com as normas internacionais, Connors, que era o terceiro cabeça-de-série, a seguir a Ivan Lendl e Boris Becker, terá de apresentar um atestado médico de forma a não sofrer uma multa pela sua ausência.

Quatro portugueses no "mundial" de golfe

Portugal estará representado com uma equipa de 4 jogadores, na próxima edição do Campeonato do Mundo a realizar de 22 a 25 de Outubro em Caracas, Venezuela.

A Federação Portuguesa de Golfe promoveu ao longo de 1986 um programa de preparação que incluiu 3 estágios, 5 provas de preparação e uma prova final de selecção envolvendo 15 jogadores pré-seleccionáveis.

A equipa constituída pelo seleccionador nacional, eng. João Mendonça, é formada por: Da-

niel Silva, do Lisbon Sports Club (LSC), 1.º classificado na Taça FPG 1986, 4.º classificado no Campeonato Europeu 1986; David Silva, do LSC, 2.º classificado na Taça FPG 1986; Silva Bento, campeão nacional em 1982 e vice-campeão em 1984; e José Sousa e Melo, do Clube de Golfe do Estoril, nove vezes campeão nacional, a última em 1986 e vencedor de vários campeonatos internacionais europeus.

Espera-se da representação nacional um dos melhores resulta-

Assim vai o futebol italiano

Agressões, saques e roubos tri logia de uma constante

O jogo medíocre e a brutalidade dos adeptos, dentro e fora dos estádios, converteram o campeonato italiano de futebol da primeira divisão no mais violento do Mundo.

Na quinta jornada, disputada domingo último, houve 6 feridos graves, 35 ligeiros e uma centena de detenções por diversos delitos, que vão desde o roubo à agressão à mão armada.

O episódio mais grave foi o anavalhamento de um adepto do Verona, em Udine (Norte de Itália), quando os entusiastas locais do Udinese não o deixaram abandonar a estação do caminho-de-ferro.

Mal acabava de sair do comboio, Luigi Zenato, de 20 anos, que tinha um bilhete para o jogo Udinese-Verona, que terminou com um empate, foi anavalhado por um grupo de adeptos do adversário do seu clube, que lhe provocaram ferimentos sérios.

Por outro lado, no estádio de San Siro, em Milão, várias

centenas de adeptos do Inter que não conseguiram obter bilhetes para o Milão-Inter (o tradicional «derby») local apedrejaram as portas do estádio e feriram gravemente na cabeça Claudio Canestro, de 22 anos.

Também o agente da Polícia municipal Gerardo Susino, que se aproximou de um grupo de jovens que numa praça próxima do estádio de San Siro lançava fogo a um monte de papéis, foi de imediato atacado por um deles que lhe partiu o nariz com uma cabeça. O agressor do agente foi deti-

do e identificado como Renzo Caldmiriola, de 27 anos, fanático do Inter.

Em Florença, onde o Fiorentina recebeu o Juventus, actual líder do campeonato, os confrontos entre os adeptos dos dois clubes começaram logo de manhã, nas ruas da cidade adjacentes ao estádio.

Durante o jogo, nas bancadas, chegaram a ser empunhadas pistolas e navalhas e um carabineiro, Giorgio Magliocca, de 23 anos, que interveio para separar dois dos grupos em confronto, foi atingido na cabeça por um objecto contundente, o que lhe provocou um traumatismo craniano.

Com o primeiro golo do Fiorentina, marcado pelo argentino Diaz, os conflitos aumentaram, e oito espectadores receberam tratamento na enfermaria do estádio, entre

eles Gianfranco Tognacci, de 22 anos, anavalhado com gravidade.

No final do jogo, que terminou empatado a um golo, grupos de adeptos do Fiorentina e do Juventus envolveram-se em autênticas batalhas campais e a Polícia teve de carregar nove vezes sobre eles para conseguir pôr termo aos combates.

As cargas policiais causaram, por sua vez, um ferido grave: Nicolo Battaglia, de 21 anos.

Também na segunda divisão italiana os incidentes aconteceram e em Cremona (Norte de Itália), quando fanáticos do Lázio, que empatou a zero com o Cremona, se dedicaram ao saque de estabelecimentos comerciais no centro da cidade e a roubar pulseiras e colares a jovens transeuntes.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 4.º JUÍZO ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda publicação do presente anúncio. Execução sumária n.º 2767 2.ª Secção Exequentes - Morvil - Equipamentos de Escritório, Lda com sede em Almada Executado - FRINIL - FRIO NAVAL E INDUSTRIAL, SARL, com fidal na Avenida 25 de Abril n.º 9-Almada Lisboa 1/10/1986

O Juiz de Direito
Fernando José Matos Pinto Monteiro
O Escrivão de Direito
(assinatura ilegível)
«DL» - 14/10/86 - 2.ª Pub

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 2.º JUÍZO ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda publicação dos anúncios citando os réus para no prazo de dez dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: Pagamento da indemnização ao A. da importância de 105 766\$20 acrescida da quantia de 1 500\$00 já pagos pelo A. aos Hospitais Cívis de Lisboa, no total de 107 266\$20 e legais acréscimos.

Acção Esp. Cód. Est. n.º 9306 3.ª secção. Autor: Pedro Manuel Martins Dinis. Réu: Aires Marques de Almeida, com última residência conhecida na Rua Antónia Pusich, n.º 1-1.ª Dt., em Lisboa.

Lisboa, em 30 de Julho de 1986
O Juiz de Direito
(assinatura ilegível)

Pel'O Escrivão de Direito
(assinatura ilegível)

«DL» - 14/10/86 - 1.ª Pub.

Na sua agenda

HÓQUEI EM PATINS: realiza-se hoje (pelas 21,30 horas), a primeira jornada da 2.ª. volta do torneio de abertura de hóquei em patins, com o seguinte programa (indicamos os resultados verificados na 1.ª. volta): Sesimbra - Benfica (0-4), Parede - Paço de Arcos (5-3), Cascais - Sporting (6-13) e Belenenses - Quimigal (7-8).

Máximos Ciclismo: Moser ainda mais veloz

O italiano Francesco Moser bateu o seu próprio recorde mundial da hora, ao nível do mar, com 49.801,93 quilómetros.

O ciclista italiano rodou a uma média de 49.153 quilómetros/hora.

"Mundial" de hóquei em campo

A União Soviética venceu o Paquistão, por 2-0, em jogo do «Grupo A» do «Mundial» de hóquei em campo, garantindo o apuramento para as meias-finais.

Pleshakov e Deputatov marcaram os golos da vitória da URSS, que concluiu na segunda posição, com o mesmo número de pontos que a Inglaterra e a Holanda, enquanto a Nova Zelândia obteve o seu único ponto ao empatar a um golo com a Argentina.

dos de sempre, entre as 42 equipas participantes naquela que é a mais importante e participada prova mundial do golfe amador.

A delegação nacional ao 15.º Campeonato do Mundo de Golfe tem como dirigente da Federação Portuguesa de Golfe o eng. Manuel Agrellos, o qual representará a FPG no Congresso do Conselho Mundial de Golfe Amador que se realizará em simultâneo, tendo por objectivo principal obter a realização do Campeonato do Mundo de 1988 para Portugal.

Inglese e soviéticos são os representantes do «Grupo A» nas meias-finais, enquanto no «Grupo B», só a Austrália garantiu já o apuramento.

A classificação final do «Grupo A» ficou assim ordenada:

	J	V	E	D	P
1.º Inglaterra	5	4	—	1	8
2.º URSS	5	4	—	1	8
3.º Holanda	5	4	—	1	8
4.º Argentina	5	1	1	3	3
5.º Paquistão	5	1	—	4	2
6.º N. Zelândia	5	—	1	4	1

Informação COMERCIAL

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 27 de Outubro de 1986, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de um pavilhão-bar na estação de Olhao.

A anuidade mínima a oferecer é de 100 000\$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C. P., a quantia de 16 700\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Olhão

Faro

Servico Comercial da Região Sul
BARREIRO

Direcção Comercial (Passageiros)
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida a Direcção Comercial (Passageiros) dos Caminhos de Ferro Portugueses, E. P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se aquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a instalação e exploração de um pavilhão-bar na estação de Olhao.»

Caminhos de Ferro Portugueses

Triffids, o grupo que vem da Austrália

«Born Sandy Devotional» é o título do novo álbum do grupo australiano Triffids que acaba de ser editado em Lisboa pela Transmédia.

Os Triffids são Martyn Casey (baixo), Alsy MacDonald (bateria), David McComb (voz e guitarra), Jill Birt (teclas), Evil Graham (guitarra), Robert McComb (guitarra e violino) e Adam Peters (piano).

Considerado pela crítica como a mais original das bandas oriundas da Austrália, os Triffids não

escondem, porém, segundo a mesma crítica, a sua admiração pela obra dos Doors e dos Velvet Underground.

Dez temas compõem este álbum, entre os quais «The Seabirds», «Esuary Bed», «Personal Things» e «Tender is the Night».

Diz David McComb, líder do grupo, que «cada canção tem de ser algo suficientemente extremo, capaz de invalidar por si as outras que escrevemos anteriormente».

Espólio de António Boto doado à Biblioteca Nacional

O espólio de António Boto foi doado em Setembro à Biblioteca Nacional e passará a integrar o arquivo da literatura contemporânea, actualmente em organização na instituição, informou a Secretaria de Estado da Cultura.

O acervo, de que fazem parte inúmeros manuscritos inéditos, encontrava-se, após a morte da viúva do poeta, em poder de João José de Oliveira Barros.

«António Boto, nascido em

Abrantes (Concavada) em 1897 — lê-se num comunicado da SEC à Imprensa — iria acabar no Rio de Janeiro os seus atormentados dias, vítima circunstancial de atropelamento mas vítima, primeiro, de uma sensibilidade cuja narcisíaca exploração acompanhada pela exibição dum transgressor confessionalismo amoroso («de Sodoma», se referiu então) iria contra ele congraçar a opinião da moral bem pensante.»



Dias 16, 17 e 18

«The Joyce Trisler Danscompany» em Lisboa para três espectáculos

Incluída na abertura da actual temporada musical de 1986/87, para o período de Outubro-Dezembro, a Fundação Gulbenkian, com o patrocínio dos Estados Unidos da América em Lisboa, vai realizar-se, nos dias 16, 17 e 18 do corrente, no Grande Auditório da Gulbenkian, a apresentação da conhecida e importante «The Joyce Trisler Danscompany» e cujos espectáculos se realizarão respectivamente às 21 e 30, às 18 e 30 e às 16 e às 21 e 30.

Aquela companhia apresentará no dia 16 os bailados «Dance for Six» (Joyce Trisler/Vivaldi); «Journey» (Joyce Trisler/Ives); Bagatelles (Milton Myers/Dvorak) e «Koan» (Gray Veredon/Stephan Milcus), programa que será repetido no dia 17; no dia 18 os dois espectáculos referidos incluirão os bailados «Sounds of Sand» (Milton Myers/Philip Glass); «Unseen Light» (Milton Myers/Vaughan Williams) e «Four Temperaments» (Joyce Trisler/Hindemith).

Algumas notas sobre «The Joyce Trisler Danscompany»

A companhia americana, mundialmente conhecida, principiou as suas actividades com um grupo de «Workshop», no ano de 1974 em Nova Iorque, tendo alcançado, apenas num espaço de um ano, um enorme sucesso. O grupo seria depois reorganizado, transformando-se



numa companhia a nível nacional. Começaram então a surgir sucessivos convites, num reconhecimento merecido do seu êxito artístico. Apresentou-se em diversos espectáculos no Ken-

dy Center, no Festival de Dança Jacob's Pillow na Academia de Dança de Berlim, na cidade de Denver, no Detroit Music Hall e no Festival de Woodstock, de Nova Iorque. A «Joyce Trisler

Danscompany» apresentar-se-ia depois em inúmeros festivais como de Spoleto, em Itália e em Charlestone, na Holanda, Polónia, Weisbaden, em Lisboa, onde volta de novo, em Chipre, Bruxelas e Luxemburgo, tendo realizado ainda digressões em França, Itália e Canadá.

Actuou também em Paris em 1980, no Centro Georges Pompidou e posteriormente no Festival dos Campos Elísios. Apresentou-se ainda no «Sadler Wells Theatre», de Londres e participou em Munique no programa do espectáculo comemorativo do 35.º aniversário da televisão bávara, assim como no Teatro Estatal de Ópera Cuvillies, onde alcançou um êxito sensacional.

A «Joyce Trisler Danscompany» apresentou-se também nas séries televisivas «Dance in America», da estação Wnet e foi convidada pelo governo dinamarquês para realizar um programa inteiramente dedicado às coreografias de Joyce Trisler.

A companhia tem recebido o apoio do «National Endowment for the Arts», de Washington e do New York State Council of the Arts», no âmbito da criação artística, como para a realização de digressões. É a única companhia de dança seleccionada pelo sétimo ano consecutivo para participar no programa educacional do «New York City Public School System's Arts Exposure» e desde a sua fundação que tem actuado anualmente em Nova Iorque nas temporadas do «Lincoln Center, City Center e Joyce Theatre».

**VESTUÁRIO EM CABEDAL
E ANTILOPE**

**CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
PINTAMOS E ARRANJAMOS
CASACOS DE CABEDAL**

CONFECCÕES STAHL, LDA.
AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º ESQ.

☎ 77 11 58 — 1000 LISBOA

**MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA**

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Benavente, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal-EP, Direcção Distribuição Tejo, a que se refere o processo 1/3248, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Benavente, de uma linha aérea a 30 KV com 882 metros, do poste n.º 8 da linha para a SE n.º 204-Barrosa ao PT n.º 1 da Sociedade Imobiliária do Freixial, S.A.R.L.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 1 de Outubro de 1986

pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

Galileu e as azeitonas

Carlos Porto

GALILEU GALILEI, de Bertolt Brecht. Tradução: Ivette Centeno. Encenação: Carlos Avilez. Música e canções originais: José Mário Branco. Cenografia: José Manuel Castanheira. Figurinos: João Quintão. Coreografia: Agueda Sena. Supervisão científica: Máximo Ferreira. Apoio vocal: Maria João Serrão. Apoio dramático: Tito Lívio. Interpretação: João Vasco, Paulo B., Anna Paula, Carlos Freixo, António Marques, Santos Manuel, Fernanda Neves, Luiz Rizo, Fernando Corte-Real, Augusto Leal, Paulo Lages, Cecília Guimarães, Ilda Roquete, Pedro Portela, Luísa Salgueiro. Músicos: Luís Pinto, Marília Peixoto e Luís Silva. Teatro Experimental de Cascais. Teatro Municipal Mirita Casimiro. Estreia: 19-9-86 (27-9-86).

1. Duas estreias por conta do TEC agora instalado em dois locais: conservando o seu espaço de Cascais, junto do Pão de Açúcar, o TEC inaugurou um espaço novo no antigo picadeiro do Largo do Cruzeiro, no Estoril, onde o grupo já representara.

Com um nome bonito porque é uma homenagem a uma mulher de teatro, Mirita Casimiro, o espaço do Estoril é um encanto por fora e por dentro. Rodeado de árvores, fazendo lembrar em mais pequeno um daqueles teatros novos da província inglesa ou dos arredores de Paris, a nova casa de espectáculos tem não apenas uma sala dimensionada para os projectos do grupo (talvez com uma teia demasiado baixa), com lugares confortáveis para os espectadores, como ainda uma outra sala, com bar e restaurante, que será também usada como café-teatro; e os bastidores, incluindo camarins, são amplos, têm espaço onde se respira. O teatro é arejado, elegante, moderno — como não saudar o acontecimento que foi a sua inauguração.

2. (Quando como azeitonas nunca estou distraído. Galileu de Brecht). Construir um teatro, imagina-se, é tarefa muito difícil. Fácil, é deitá-los abaixo não é, ó destruidores de teatros?

Mas ainda é mais difícil produzir simultaneamente um espectáculo como «Galileu Galilei». Digamos que, mesmo sem querer, o grupo sacrificou o espectáculo à sala, o que aliás seria praticamente inevitável. Às vezes cuidar das pedras mortas é também acudir às vivas. Por isso BB teria gostado de ver o seu «Galileu» inaugurar um teatro novo — que é um mundo novo, como o mundo novo que Galileu ajudou a abrir.

A peça de BB, tão difícil, continua assim por encontrar um corpo teatral satisfatório a falar português. A peça foi estreada em Portugal, nos idos de 75, entre Camões e o S. Luís, e servia de apresentação a um famoso grupo brasileiro. Oficina, dirigido por um dos grandes do teatro do Brasil, José Celso Martinez Corrêa («DL» — 14/4/75), um e outro a atravessarem uma grave crise de criatividade. Mas mesmo sem crise, no caso do Oficina, e sem construção do teatro no caso do

TEC, temos de reconhecer que o confronto de qualquer companhia de teatro com este texto será sempre de resultados duvidosos. Por culpa também do texto. Não que se trate de um mau texto, é até um dos textos mais fortes do autor, mas por ser daqueles que se defendem menos bem sob o ponto de vista da especificidade teatral.

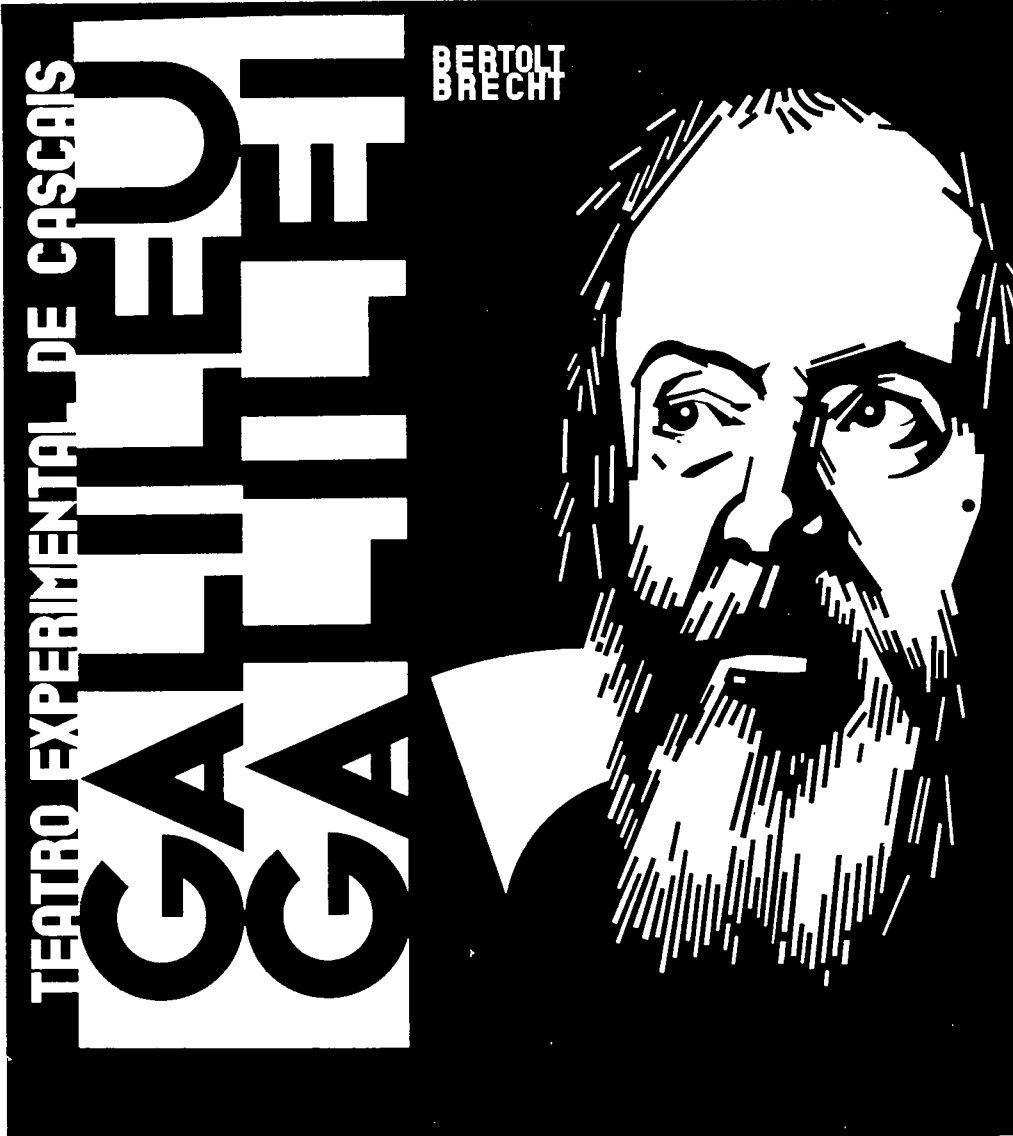
Brecht escreveu uma primeira versão de «Galileu» em 1938, no exílio. A peça foi estreada em Zurique em 1943. O próprio BB escreveu uma adaptação em inglês para uma encenação em Hollywood, em 1947, sendo a encenação do autor e a interpretação de Galileu do co-adaptador, Charles Laughton. Ernst Busch, um dos grandes actores do Berliner Ensemble, estava a ser dirigido por BB num novo espectáculo com a peça quando o autor morreu, em Agosto de 1956. Erich Engel continuou o trabalho de BB e o espectáculo estreou-se a 15-1-57.

A peça tivera uma versão anterior com o título «E no entanto gira...», o que prova o interesse que BB consagrava ao tema, tanto mais que trabalhava ainda na nova versão quando morreu.

O que a meu ver distingue esta obra das restantes peças do autor é o facto de BB não ter sido capaz, ou não ter querido, encontrar uma forma, uma história, uma fábula, capaz de caracterizar de um ponto de vista épico, e de distanciamento, a temática utilizada, exprimindo-a em termos teatralmente eficazes. Não há em «Galileu» uma fábula, uma parábola, uma ficção (como em «Mãe Coragem» ou «Arturo Ui», por exemplo) capazes de tornar teatralmente atraente, sem deixar de ser pedagógico, o conjunto de factos narrados.

Talvez, no entanto, este problema possa ser recuperado por uma leitura dramática e por uma encenação capazes de descobrir as linhas de força dramáticas que mais se aproximem de um levantamento lúdico e lúcido do texto. Foi essa a pista que José Celso procurou seguir no seu espectáculo do S. Luís, que continha excesso de samba, mas sem o rigor ou a qualidade que tal exigia.

Tanto quanto me pareceu, o espectáculo do TEC fragiliza-se



em duas vertentes: faltou-lhe uma leitura dramática minimamente capaz; a encenação não resolveu os problemas levantados pelo texto.

É certo que a ficha do espectáculo indica Tito Lívio como responsável pelo apoio dramático, mas numa acepção que nos parece muito vaga. Julgo que Tito Lívio se limitou a organizar um caderno de textos de apoio, demasiadamente volumoso e cujos textos não foram submetidos a um necessário trabalho de reelaboração. Nota-se a ausência na equipa dirigida por Carlos Avilez de alguém bastante conhecedor de Brecht

através dos originais, o que talvez fosse indispensável neste caso. Dir-se-ia, de resto, que Avilez se preocupou mais com os problemas de Galileu cientista do que de «Galileu», peça de teatro.

Estamos pois perante evidentes carências dramáticas: o texto representado foi trabalhado a partir da versão de Yvette Centeno e da versão inglesa, o que de resto não é clarificado, pelo que ficou bastante material de fora. Mas em que medida foi o texto respeitado? Lembro-me de uma frase: fora «Galileu foi um homem de série...», cliché que me cheira a

esturro.

Há, porém, outros problemas que têm a ver com as linhas, que me pareceram embaraçadas, seguidas pelo encenador. O cenário é uma dessas linhas insatisfatórias (mas a culpa seria do cenógrafo?). Não é suficientemente produtiva a cabeça do fundo, elemento cenográfico principal, começando por surgir como representando Galileu para se tornar puramente simbólica, o que não chega a ser justificado. As imagens projectadas, por sua vez, nem sempre conseguem criar o mundo desejado: o espectáculo não chega a levantar um universo teatral ve-

rosímil, mesmo no seu imaginário. O mesmo se poderá dizer da música de José Mário Branco e da interpretação vocal das canções. Cada canção é musicalmente forte e por vezes muito bela; o trabalho de Maria João Serrão com as vozes, geralmente imprevistas dos actores do TEC, conseguiu, a bem dizer, milagres, com uma ou outra dissonância. E, todavia, não se cria uma relação adequada entre o drama e a música, há qualquer coisa que falha.

E a música, injustamente para ela, acaba por prejudicar a criação de um ritmo, de uma representação do espectáculo, que se monotoniza excessivamente (o texto deveria ter sido mais cortado?).

Por fim, o grande trunfo do espectáculo acaba por ser a interpretação de João Vasco, embora outros intérpretes o apoiem eficazmente (António Marques, Paulo B., Fernanda Neves, ex-Comuna, ex-Teatro do Mundo). No entanto, João Vasco que faz de Galileu uma criação, como não podia deixar de ser, surge, também ele, vítima das contradições e das incoerências deste trabalho. Porque Galileu quando come azeitonas nunca está distraído, como ele diz. Ou seja, Galileu é ao mesmo tempo um gozador da vida e um cientista. Mas é quase só na primeira figura que ele surge neste espectáculo. Faltou-lhe, pelo menos em grande parte, a outra dimensão, a do homem que nunca está distraído mesmo quando come azeitonas porque as aprecia mas também porque se trata de um acto que o interessa, um acto de descoberta, duma técnica e duma arte.

Mas, suprema contradição desta leitura, o espectáculo não surge com a vivacidade, a energia do gozador da vida, mas sim como se o cientista, que quase não está lá, fosse um chato. Ficam então as cenas mais fortes e evidentes da peça: o Carnaval, a cerimónia de parabenizar o Papa (uma espantosa imagem de gestualidade), com as quais Carlos Avilez recupera o seu saber de criador de espectáculos teatrais.

CML

uma cidade limpa
é uma cidade viva

APOIO **Diário de Lisboa**

CALAMITY JANE

Uma Mulher de Armas
ou
O Monólogo da Vaqueira

De 3.ª a Sáb., às 21.30 h
Sáb. e Domingos,
também às 16 horas

A BARRACA
Rua Alexandre Herculano, 70 - 1200 Lisboa

RESERVAS - TEL. 686300

5.º Mês - últimas representações
só até dia 19 de Outubro

PROCURA-SE!

MARIA DO CÉU GUERRA

música

António Cardoso
 direcção

Helder Costa

0000\$00

Greta Garbo: a estrela mais misteriosa de Hollywood (3)

Não é totalmente correcta, a imagem de Greta Garbo solitária ao longo da vida. As multidões nunca lhe agradaram e é perfeitamente aceitável que, se quer passear, o faça sem chamar os fotógrafos. Viveu os seus amores, sem fazer o mínimo comentário público. Sabe-se que alguns terminaram porque ela o decidiu e supõe-se que outros porque a deixaram. A única explicação que deu foi «Nunca me casarei», o que não significava, que vivesse sozinha.

Uma das especulações, mais ou menos sérias, sobre a sua vida sentimental, gira à volta da sua possível bissexualidade. É evidente que no auge da sua carreira profissional, tal tema era absolutamente tabu. Contudo, o passar do tempo não trouxe qualquer luz ao assunto.

É certo que se conhecem muitas pessoas amigas de Greta Garbo, amigos estes com uma boa situação económica, que lhe permitem viajar em cruzeiros fabulosos e convidam-na para as suas casas, em todo o mundo. Talvez um dos mais conhecidos tenha sido Onassis. Sempre se disse que ele, depois do dinheiro, o que mais gostava era rodear-se de pessoas famosas, desejadas por todos. Quando nos lembramos de nomes ligados ao seu, temos todas as razões para o acreditar.

Greta quase nunca viveu só por muito tempo. Desde o seu engrandecimento profissional, misturaram-se na sua vida, os nomes do realizador Rouben Mamoulian, do fotógrafo inglês Cecil Beaton, do directo de orquestra Leopold Stokovski (casado na altura), do especialista em dietética Gayelord Hauser, do escritor Erich Maria Remarque e de George Schlee (que quando conheceu Greta, era marido de uma famosa modista). Este último foi quem viveu mais tempo com Garbo, quase 20 anos.

Amor e independência

Além de se constatarem as próprias relações, conhece-se muito pouco de todos estes amores. É conhecida a sua negativa ao matrimónio, a sua independência e o seu gosto por viagens, depois de se ter retirado do cinema. Contudo, não se conhece a marca que cada pessoa deixou na vida de Greta, exceptuando os

casos da morte de Mauritz Stiller, no princípio do estrelato americano de Garbo, e de George Schlee, quando o mito se encontrava já na meia-idade. Estes homens marcaram a vida de Garbo e o seu desaparecimento constituiu um obstáculo, que a sua combatividade natural talvez não tenha conseguido superar.

Outra das características da personalidade da actriz era a falta de confiança nas pessoas, incluindo as que trabalhavam com ela. Houve ocasiões em que se enganou. Uma disparidade de opiniões sobre se se deveria visionar ou não, diariamente, o que se tinha filmado, fez com que um realizador como King Vidor (que não era partidário do visionamento) se despedisse das filmagens de «Susan Lennox», por prevalecer a opinião de Garbo. Com a posterior substituição do realizador por Robert Z. Leonard, quem perdeu foi a actriz, já que o filme ficou sem o talento de King Vidor.

Talvez a única pessoa, depois de Stiller, autorizada a aconselhar Garbo tenha sido a sua grande amiga Salka Viertel, uma intelectual polaca, belíssima e com grande personalidade.

Greta caracteriza-se também pela sua perseverança. Prova disto, é que não se importava de passar a fome necessária para conservar a silhueta, que a havia feito famosa, chegando a desmaiar muitas vezes de pura debilidade, durante as filmagens. Perseverança foi também o que a impulsionou, anos antes, a aprender a vocalizar correctamente o inglês-americano.

Trinta filmes: a metade são mudos

Depois de rodar mais alguns filmes, todos mudos, chega o momento temido. A partir de então, o cinema será falado. Cai-

ram muitos dos nomes que, até então, tinham gozado dos favores do público e dos estúdios. Houve vozes que não correspondiam ao físico (como foi o caso de John Gilbert) e mudanças na maneira de actuar: agora, tinha que se ser actor, no sentido completo da palavra, dar uma entoação correcta a cada frase e obter uma maior naturalidade na expressão corporal. De nada valiam os exageros do cinema mudo, quando se estava apoiado na palavra. Os cinéfilos sabem de cor a primeira frase de Garbo na tela. A sua voz era grave e nada andina. Nos estúdios, receava-se a reacção do público. Mas, quando a personagem que interpretava entrava, pobremente vestida, numa tasca e pedida: «Dê-me um whisky com soda à parte... e não seja forreta», o público surpreendia-se e depois aceitava a sua voz profunda e invulgar. «Garbo fala!» foi o slogan de promoção do filme e o êxito continuou.

Muito se tem falado sobre as aparentes extravagâncias da actriz. Fazia jogging, quando isso era praticamente reservado aos desportistas. Tomava banho nua em águas preferentemente frias, embora os seus amigos soubessem que, se a convidassem para uma piscina, teriam que se afastar e não permitir que ninguém a perturbasse. Usava sapatos rasos em plena moda de saltos altos e, todavia, desconhece-se o fim que dava à grande quantidade de sal e azeite, ingredientes que pedia, sempre que voltava de um banho de mar, ao tempo em que residia na «villa Cimbrone» (Nápoles), na companhia de Stokovski.

Nunca foi extravagante no trabalho. A sua mente clara e lúcida compreendeu que, para ser a melhor, devia rodear-se dos melhores. Não arriscava a sua imagem com uma brusca mudança dos géneros em que trabalhava. Pedia, sempre que isso era possível, a Williams Daniels e Karl Freund para a fotografarem, pois sabia que eles o faziam melhor do que ninguém. Os seus vestidos eram desenhados exclusivamente por Adrian, pois era quem realçava mais a sua elegância. Foi uma profissional perfeita. Estudava e trabalhava ao máximo, sabendo que assim ha-

via muito mais possibilidades de tudo sair perfeito.

A sua vida profissional continuou com êxitos como «A Dama das Camélias», «Cristina da Suécia», «Ninotchka»... e, em 1941, roda, com a realização do prestigiado George Cukor, «A Mulher de Duas Caras», que, inexplicavelmente, resulta um fracasso. As críticas são unanimemente más e a então famosa Liga da Decência e o Arcebispo de Nova Iorque condenam a fita, considerando-a perigosa para a moral dos cidadãos.

O mistério continua

O final do seu contrato com a MGM coincide com o fracasso do filme. Tem-se especulado muito sobre o que, de portas adentro, disseram os chefes do estúdio e a actriz. Uma versão aponta para a existência de uma enorme indemnização, por se prescindir indefinidamente dos seus serviços, enquanto outra, mais realista, fala da oferta de renovação do contrato, desconhecendo-se, contudo, se respeitava o seu «cachet» de estrela ou se o baixava.

Também não se sabe se a sua retirada profissional tinha sido ponderada pouco a pouco, nem sequer se falou com algum amigo da possibilidade de deixar o trabalho.

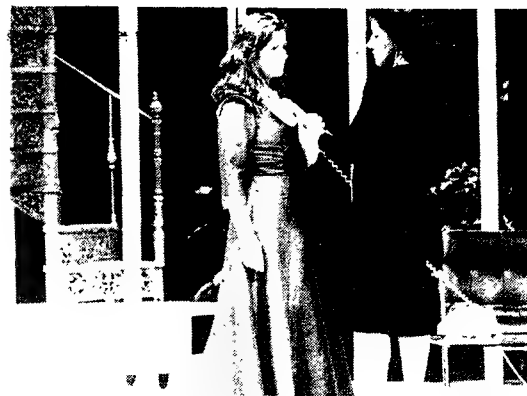
Foi-se simplesmente.

Desde então, Greta tem recebido propostas de profissionais novos e conhecidos, para voltar ao cinema e ao teatro. A resposta é sempre a mesma.

A única esperança de resposta consiste em esperar pelas suas memórias. Segundo o sobrinho, Suen J. Gustavson, estão já escritas. Primeiro, falou-se de uma cláusula, segundo a qual as memórias só seriam publicadas depois da morte de Garbo. Depois, surgiram rumores que a actriz tinha mudado de ideias e que autorizaria a publicação muito brevemente, para que os lucros fossem revertidos para uma associação benéfica que ela própria criaria. Até agora, nada de novo!

Só nos resta esperar a sua autobiografia, pois confiamos no carácter e firmeza de Greta Garbo. O que ela nos contar será, por fim, a verdade.

Heron Gabriel
Reportagens EFE



Lia Gama e Isabel de Castro numa cena de «As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant»

Teatro

● Encontra-se já em cena no Teatro da Graça, onde tem continuado a merecer o mesmo caloroso acolhimento do público alcançado aquando da sua estreia no Teatro da Trindade, a última produção do Grupo Teatro Hoje, a célebre peça de Fassbinder «As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant». Petra Von Kant, famosa estilista de alta costura, apaixona-se por outra mulher, e, ao fazê-lo, desequilibra irremediavelmente uma estabilidade adquirida à custa de um controlo nascido da desilusão e do cepticismo. Petra Von Kant é também uma alegoria política e social à Alemanha dos anos 70, do «boom» económico e da desumanização em cadeia. O espectáculo que já foi considerado pela crítica como um dos mais bem representados dos últimos tempos na história do teatro português, conta no elenco com um conjunto de actrizes raro e difícil de juntar nos palcos: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima, tem encenação de Carlos Fernando, cenografia de Dalton Salem Assaff e figurinos de José Manuel Gonçalves e Pedro Lata, Sessões todos os dias às 21.30 (excepto à 2.ª-feira, dia de folga da companhia) e aos domingos só às 16.00h. Marcações pelo telefone 87 56 26.

Exposições

● Na Galeria «A Janela Verde» (Rua do Olival, 9) é esta noite (às 21.30) inaugurada uma exposição de pintura de Inês Barahona, artista plástica que não expõe em Lisboa desde 1975, altura em que teve os seus trabalhos expostos na Fundação Calouste Gulbenkian. A exposição, patente até ao fim do mês, tem um interesse particular por agrupar trabalhos realizados entre 1975 e 1986. As obras mais antigas e mais próximas das que foram expostas em 75 representam vastas paisagens abstractas, labirínticas e simbólicas. Nas obras mais recentes, o espaço abstracto purifica-se ao mesmo tempo que nos fala do ambiente em que vivemos. Algumas notas sobre Inês Barahona: trabalhou pela primeira vez em Paris, em 1959, onde estudou gravura no Atelier 17 com S. W. Hayter e pintura na École Nationale des Beaux-Arts; participou em exposições colectivas e individuais de gravura em França, Grã-Bretanha, RFA, Jugoslávia, Canadá e EUA, foi-lhe concedida, em 71, uma bolsa de estudo da Fundação Gulbenkian; a partir de 73, expôs individualmente e com regularidade na Europa, no Japão, nos EUA, no Canadá na Austrália etc. Está representada em vários museus e colecções particulares. A mostra de Inês Barahona, que encerra no dia 31, pode ser visitada, de 2.ª a 6.ª, das 14 às 20 horas.

● Na Galeria Almada Negreiros, Av. da República n.º 16, é inaugurada amanhã, pelas 18 horas, uma exposição intitulada «Índia Latina nos Desenhos de Mário Miranda», promovida pela Secretaria de Estado da Cultura em colaboração com a Embaixada da Índia.

● Na Galeria de Arte do Centro Comercial Fonte Nova, patentes ao público até ao próximo dia 16, aguarelas do pintor António Colaço. Todos os dias das 10 às 24 horas.

Música

● O agrupamento português «Segréis de Lisboa» hoje apresenta nas VII Jornadas de Música Antiga, um concerto na Sala do Trono do Palácio de Queluz, às 21 e 30, onde interpretará música no tempo do Tratado de Windsor e música do período Isabelino, com obras, respectivamente de Vitry Dufay, Dunstable, Machault e anónimos e de Dowland, Holborn, Morley, Byrd, Tye e anónimos. Os «Segréis de Lisboa», com direcção de Manuel Morais, tem vindo a contribuir para o ressurgimento da música antiga (renascentista, maneirista e barroca), seu principal objectivo. Foi fundado em 1972 pelo alaúdistas Manuel Morais e compõe-se de cantores e instrumentistas, cuja preocupação essencial é fazer reviver esta música com a maior autenticidade possível, fundamentando-se nos conhecimentos históricos, musicólogos e estilísticos disponíveis, numa permanente criatividade.



Lisboa — PERMANENTE

— ALTO DO PINA: Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (T. 841912); **ALTO DE SANTO AMARO - RIO SECO:** Dileña, R. Aliança Operária, 49-A-B (T. 636620); **ALVALADE:** Roma, Av. de Roma, 85-B (T. 772466); **BAIXA:** Valadas, R. da Madalena, 235 (T. 872060); **BENFICA - IGREJA - CEMITÉRIO:** Lisboa, R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393); **CAMPO-LIDE:** Imparcial, R. General Taborda, 28-30 (T. 886860); **CHELAS:** Banha, E. de Chelas, 173-175 (T. 382241); **LAPA:** Mota Capitão, R. de São Félix, 45-B-C (T. 660720); **LUMIAR:** Alameda, Al. das Linhas de Torres, 202-B (T. 790942); **METRO - ANJOS:** Colonial, R. do Forno do Tijolo, 40 (T. 841122); **OLIVAIS SUL:** Higiene, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 310026); **SÃO SEBASTIÃO:** Sá da Bandeira, R. Marquês de Sá da Bandeira, 36-42 (T. 554672); **CARNAXIDE:** Central de Carnaxide, Av. de Portugal, célula 13-B, BL.1 lote B; **ODIVELAS:** Catela Tavares, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 24-A (T. 9815446); **PONTINHA:** Pimentel, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — AREIRO

— APEADEIRO: Chinde, R. Aostinho Lourenço, 6-B (T. 890331); **CAMPO DE OURIQUE:** Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 688857); **CAMPO PEQUENO - AVENIDA DE ROMA:** Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920); **CARNIDE:** Guimarães Moraes, R. Neves Costa, 33-35 (T. 7140081); **CHAFARIZ DE DENTRO:** Cruz de Malta, L. do Chafariz de Dentro, 36 (T. 866126); **CONDE BARÃO:** Moz Teixeira, R. do Poço dos Negros, 117 (T. 601961); **ENCOSTA DO RESTELO - MOINHOS:** Tanara, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 611814); **ESTEFÂNIA:** Universal, R. Actor Taborda, 5-7 (T. 544158); **MARQUÊS DE POMBAL:** Liberal, Av. da Liberdade, 219 (T. 543641); **MARTIM MONIZ:** Tavares, R. da Palma, 194 (T. 863350); **SAPADORES:** Branquinho, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725); **BRANDOA - AMADORA:** Brito, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **BURACA - AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Acores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA:

Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Permanente; **MONTE DE CAPARICA:** Guerreiro, lote 31, II, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA:** Chai, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO:** Moderna, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Santa Marta, R. Dr. Manuel Nobre, 44-B (T. 2072141). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Cardoso, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Universo, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA:** Nobre Guerreiro, R. Dr. Emílio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA:** Alves Velho, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTEJO:** Higiene, R. José Joaquim

Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; **MOITA:** União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL:** Nova, R. General Gome Freire (T. 22052). Permanente; Alice, P. do Quebedo, 6 (T. 23743). Permanente; Rosado Pinto, P. do Bocado, 98 (T. 22484). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS:

Almeida Nifo, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRÉS:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECE:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS:** Oeiras, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; **CARCAVELOS:** Vilar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PARADE:** Aisir, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **SASSOEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL:** Parque, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS:** Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

-p10Linha de Sintra — AMA-

DORA: Igreja, P. da Igreja, 22-A (T. 4937740). Permanente; **Flama,** R. Elias Garcia, 78-B (T. 4932485). Até às 22 horas; **DA-MAIA:** D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Permanente; **QUELUZ:** Pereira Dias, Monte Abraão (T. 4375566). Até às 22 horas; **CAMARATE:** Batalha, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM:** Rico, L. Adriano S. Gil, Agualva (T. 4312833). Permanente; **ALGUEIRÃO:** Vitor Manuel, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCÊS:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA:** Cargaleiro Lourenço, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **COLARES:** Abreja, (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA:** Valentim (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE:

Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Permanente; **SACAVÉM:** Lourenço, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas; **LOURES:** Sálvia, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas.

Porto — DAS 9 ÀS 12 E DAS

14 ÀS 22 HORAS — **SANTA TERESA:** P. Guilherme Gomes Fernandes, 100; **PADRÃO:** R. de Santo Ildefonso, 342; **SA:** R. de Vale Formoso, 181; **BOA-HORA:** R. da Boa-Hora, 80; **GUMARAES:** R. de Francos, 37; **QUELJA FERREIRA:** R. Vasques de Mesquita, 32. às Antas.

TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 54
De 3.ª a sáb., às 20.30 e 22.45; domingo às 16 h
“**LISBOA, TEJO E TUDO**”, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho, Alexandra Solnado, entre outros.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24, às Janelas Verdes — Tel. 60 72 99
De 3.ª a sábado, às 21.45; sábados, 18.00 e 21.45; domingos, às 18.00 h
“**A BELA PORTUGUESA**”, de Agustina Bessa Luís. Dram.: Eugénia Vasques. Enc./Cen.: Filipe La Féria. Inter.: Fernando Heitor, Júlia Correia e Monique Rutler.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 53 00
De 3.ª a sáb., às 21.30; sáb., dom., às 16 h
“**CALAMITY JANE — UMA MULHER DE ARMAS**”, dramaturgia e encenação de Helder Costa. Interpretação de Maria do Céu Guerra.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo Cruzeiro — Tel. 267 03 20
De 4.ª a sáb., às 21.30, sáb., dom., às 16 h
“**GALILEU GALILEI**”, de Bertolt Brecht. Encenação de Carlos Avilez. Interpretação de João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46
De 3.ª a sáb., às 21.30 h, dom., às 16.00 h
“**MÃE CORAGEM E SEUS FILHOS**”, de Bertolt. Enc.: de João Lourenço. Cen.: José Carlos Barros. Música: Paulo Dassau/Pedro Osório. Intérp.: António Anjos, António Banha, Barroso Lopes, Catarina Avelar, Eunice Muñoz, Irene Cruz, Mário Pereira, Rogério Paulo, Rui Carvalho, entre outros.

D. Maria II

Sala Experimental. Rossio — Tel. 32 22 10
De 3.ª a sáb., às 21.45, dom., às 16.30 h
“**O ASFALTO DOS INFERNOS**”, de Ricardo

Costa. Enc. de Manuel Coelho. Cen. e fig.: de Nuno Carinhas. Tradução: de Orlando Neves. Música: de Fernando Guerra. Interp.: de Ligya Teles.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17
De 3.ª a sáb., às 20.30 e às 22.45 h
domingo, às 16.00 h
“**ISTO É MARIA VITÓRIA**”, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação: de Ivone Silva, Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

Setúbal — Teatro de Animação

R. Balneário Dr. Paulo Borba — Tel. 29 11 30
De 5.ª a domingo às 21.30 h
“**ALVES E COMPANHIA**”, de Eça de Queiroz. Encenação: de Fernando Gomes. Intérpretes: Maria Simões, Isabel Gamilho, Filomena Gonçalves, João Manuel e Carlos Rodrigues, entre outros.

Teatro da Graça

T. de S. Vicente, 11 — Tel. 87 56 26
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00 h
“**AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT**”, de Fassbinder. Intérpretes: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima. Cenografia de Dalton Salem Asséf. Pelo Grupo Teatro Hoje.

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74
Sábados e domingos, às 16.00 h
“**NO REINO DA FANTASIA**”. Pelo TIL.

Porto — Cooperativa do Povo Portuense

R. de Camões
Todas as noites a Seiva Trupe apresenta
“**TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA**”, de Nelson Rodrigues. Enc.: de Angel Facio. Intérp.: António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, entre outros.

Cascais — TEC — Espaço 2

Av. Marechal Carmona, 6-B — Tel. 286 79 33
Dias de semana, às 21.30, excepto 4.ª-feira; domingos, às 16.00 h

“**FAÇA UMA CARA INTELIGENTE E DEPOIS VOLTE AO NORMAL**”, de Marcus Rey. Estreia a 25.

“**B... EM CADEIRAS DE RODAS**”, de Ronald Radde. Estreia a 27. Interpretado pelo Teatro Espaço, sob direcção de Agueda Sena.

Teatro Maizum

R. de São Bento, 75 — Tel. 60 18 66
Sábados, às 16.00; domingo, às 11.00 h
“**RUA DOS FANTASMAS**”, de Xavier Villapañe

Porto — Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550
De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00 e 21.30 h
“**UM CORONEL EM DOIS ACTOS**”, inter.: por Camilo de Oliveira, Natália de Sousa, António Feio, Dulce Guimarães, entre outros.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 72 60 818
De 3.ª a sáb., às 21.30, domingos às 17.00 h
“**O TOURO**”, de Abel Neves. Enc.: de João Mota. Mus.: de Carlos Mendes. Intérp.: Abel Neves, Alfredo Brissos, Almeno Gonçalves, Cecília de Sousa, João Mota, entre outros.

Realejo

R. dos Mercadores, 132, à (Ribeira) Tel. 38 36 42
De quarta a domingo, às 21.30.
“**DRÁCULA JÚNIOR**”, de Fernando Gomes, pela Casa da Comédia. Int.: Fernando Gomes, Fernando Luís, Lucília Telmo, Maria Vieira, Pedro Advirta e Sílvia Sequeira.

Porto — Arvore — Cooperativa de Actividades Artísticas

R. Azevedo de Albuquerque, 1 — Tel. 31 72 35 / 38 38 67
De 2.ª a sábado, às 21.30; domingo às 17.00
“**MINHA MÃE E SUAS QUATRO FILHAS**”, de Maria Moraes. Intérprete: Maria Moraes (Oficina do Grotesco). Até 18 de Outubro.

Teatro Municipal de São Luiz

R. António Maria Cardoso — Tel. 32 71 72

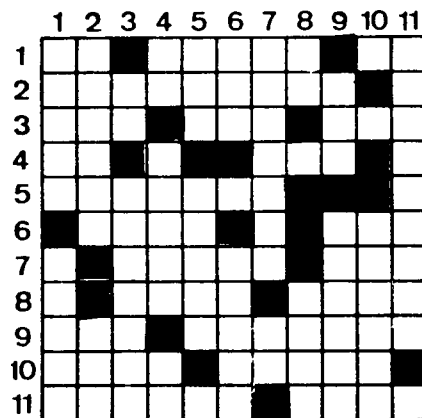
“**CHECK-UP**”, uma peça de Paulo Pontes. Com o Grupo de Teatro Gamba.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 858

HORIZONTAIS:

- Preposição. Escureção.
- Crença.
- Tomaras loiro.
- Fluido aeriforme. Antiga capital da Birmânia. Donzela de Orleães.
- Sufixo que designa estado. Ave brasileira semelhante ao zabelê.
- Antiga colónia alemã da África Austral submetida a mandato da República da África do Sul em 1920.
- Oportunidade. Marisco do Senegal e Cabo Verde.
- O bicho-da-seda. Espécie de pandeiro usado pelos povos do Norte de África.
- Rosto. Rã (pop).
- Clareza. Metido em atoleiro.
- Edifício. O pôr do sol.
- Apelido. Nome de flor



VERTICAIS:

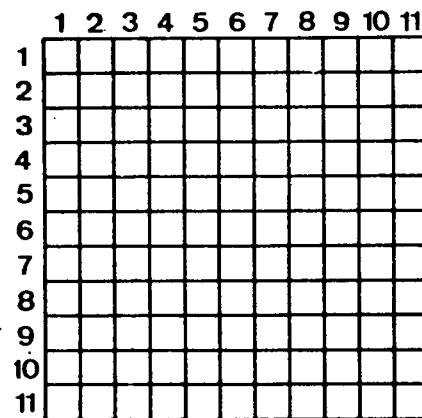
- Deus agrário dos filisteus e fenícios. Completos.
- Prenderam com elos. Concelho do distrito de Cabo Delgado.
- Artigo definido. Cidade da Argélia.
- Níquel (s.q.). O Arão da Bíblia. Clima.
- Agora. Voga.
- Tempo do verbo ir (inv). Serra do estado da Baía.
- Imperador romano sucessor de Nerva. Ondas curtas.
- Dois vogais desiguais. Içar.
- Sadio. Demora.
- Cor entre o preto e o branco (pl).
- Tirarão as escamas a.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 687

HORIZONTAIS:

- Divindade. Percebe.
- Espreite. Nome de planeta.
- Sentidas condolências. Sadio.
- Basta. Fruto da ateira. Magne.
- Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Elo. Letra grega.
- Imperador romano célebre pela sua crueldade. Cantiga.
- Sufixo que designa abundância. Macacos americanos.
- Punhados.
- Quantum satis. Nome da planta de cujo grão se obtém farinha que se emprega no fabrico do pão. Vossa Santidade.
- Voz do lobo e de outras feras. Clima. Bismuto (s.q).
- Meteras em mala.



VERTICAIS:

- Fim. Pronome relativo.
- Pertences. Pássaros. Consentimento.
- Corcovo. Lavram. Vossa alteza.
- Nota musical. Ilha de coral que forma um anel mais ou menos contínuo.
- Tempo do verbo estar. Preposição.
- Cidade da Galileia. Fechar as asas para descer mais depressa.
- Antes do meio-dia. Época. Grande.
- Romance de Eça de Queirós.
- Estavam. Fruto da ateira.
- Trovejar. Caminhar para cá.
- Nome de letra. Pronome possessivo (pl).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 857

HORIZONTAIS:

- DE. MAU. GRÃO.
- Assaltaram.
- Aliarás.
- Aditar. Na.
- Se. As. Garbo.
- Cia. Mad. Or.
- Olaia. Na. Mr.
- Arcole.
- Noa. Sica. Pr.
- Ultra. Ma.
- Ou. AAA. Amos.

VERTICAIS:

- Damascos. NÃO.
- Es. Deilão.
- SAL. Aarau.
- Malta. Cl. La.
- Alías. Aosta.
- Utar. Lira.
- Ar. Ganeca.
- Granada.
- Rasar. Mm.
- Am. BOM. PÃO.
- Ocorrer.

PROVÉRBIO: De mau grão não sai bom pão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 686

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- | | |
|------------------|-------------------|
| 1 Gola. Safa. | 1 Gordura. Não. |
| 2 Obi. Maridos. | 2 Obi. Mafra. |
| 3 Ria. Azo. Ar. | 3 Liam. Fim. Na. |
| 4 Mel. Átomo. | 4 Ecam. Lás. |
| 5 Um. Chama. Oc | 5 Malhe. VA. |
| 6 Rafael. Lusa. | 6 Faz. Alfama. |
| 7 Afim. Fão. Ui! | 7 Roam. Alala. |
| 8 Rm. Val. Ura. | 8 Si. Talo. As. |
| 9 Na. Lama. La. | 9 Adão. Ulos. |
| 10 Na. Alão. | 10 Formosura. |
| 11 Ocaso. Assis. | 11 As. Ocaia. VS. |

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

ASES INDOMÁVEIS

(m. 6 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

AS FORÇAS DO UNIVERSO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

UM DIA A CASA VEM ABAIXO

(maiores 6 anos)

13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

T. 763319

REVOLUÇÃO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

ASES INDOMÁVEIS

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

INO DO DRAGÃO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

UM DIA A CASA VEM ABAIXO

(maiores 6 anos)

13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

A VERDADE DOS FACTOS

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Ávila

O MOMENTO DA VERDADE II

(maiores 12 anos)

14.45, 17.10, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

EMANUEL - A ANTIVIRGEM

(maiores 18 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA

(maiores 16 anos)

15.00 e 21.00 h

Capitolio

AMANDA-PERIGO SEXUAL

(int. a m. 18 anos)

15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

(n/acons. 13 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h



Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA CHUVA», realizado por Alan Rudolph, em exibição no cinema QUARTETO. Filme de qualidade.

Cinebloco

— T. 556824

LAÇOS DE TERNURA

(maiores 16 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

ADEUS AMIGOS

(int. 13 anos)

24 h

Cinebolso

A BALADA DA CASA DAS GATAS

(int. men. 18 anos)

12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões

T. 324194

ATOR-O CONQUISTADOR

(n/acons/m. 13 anos)

14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

NOITES ESCALDANTES

(n/acons. a men. 18 anos)

14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

O HERÓI DA RUA

(maiores 12 anos)

16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

LOBIJOVEM

(maiores 12 anos)

15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

GENTE GIRA N.º 2

(maiores 6 anos)

14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h

RAIVA SILENCIOSA

(n/acons. a men. 18 anos)

23.45 h

Condes

FIX — EFEITOS MORTAIS

(m. 12 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

ROCKY III

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

MOMENTO DA VERDADE II

(m. 12 anos)

14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

HISTÓRIA DO SOLDADO

(m. 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

NOVA IORQUE FORA DE HORAS

(maiores 16 anos)

15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

(maiores 18 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

O RAPAZ DA COCA-COLA

(maiores 12 anos)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

VIVER E MORRER EM LOS ANGELES

(m. 16 anos)

14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas

— T. 541037

FILMES DE ANIMAÇÃO - Integrados no Salão Internacional de Filatelia Europex-86 — Entrada livre

Gemini

— T. 734009

ASES INDOMÁVEIS

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

FIX — EFEITOS MORTAIS

(m. 12 anos)

14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

O SONHO AMERICANO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Império

— T. 555134

ACADEMIA DE DOUTORES

(maiores 12 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

FIX — EFEITOS MORTAIS

(m. 12 anos)

14, 16.15, 18.45 e 21.30 h

ANA E AS SUAS IRMÃS

(m. 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

ANA E AS SUAS IRMÃS

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Encerrado para remodelação

Nimas

— T. 574362

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

A ARCA DE FOGO

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

SEXO ASIÁTICO

A partir das 14 horas

Sessões contínuas

Filme pornográfico (int. a men. 18 anos)

Pathé

— 821933

O ÚLTIMO TANGO EM NOVA IORQUE

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama

T. 326305

ACADEMIA DE COMANDOS

(maiores 16 anos)

14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

O NAVIO FAROL

(m. 16 anos)

15, 17, 19 e 21.30 h

O CONTRATO

(m. 16 anos)

23.30 h

REBECA

(n/acons. men. 13 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

FOME DE VIVER

(m. 16 anos)

24.00 h

NOVA IORQUE FORA DE HORAS

(m. 16 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

VÍTOR, VITÓRIA

(m. 16 anos)

23.30 h

Sala 4

O PASSAGEIRO DA NOITE

(m. 16 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

NOVA IORQUE 1997

(m. 16 anos)

23.30 h

Roma

T. 889192

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

MANHÃ ATERRADORA

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

ASES INDOMÁVEIS

(maiores 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

ÁFRICA MINHA

(maiores 12 anos)

14.15, 17.30 e 21.00 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro

«Revolução», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio

«Um Dia a Casa vem Abaixo», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

AMADORA — Babilónia

«Paródia de Férias II», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores

«Missão Final», às 15 e 21.30 h (m. 16 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby

Descanso

16.00: A gaita dos sete foles; 17.00: Pequeno jornal; 17.15: Musicomania; 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.15: No estúdio e no estúdio; 20.35: Catequese semanal; 20.45: Música portuguesa; 21.00: Movimento; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 16.30: Trechos de óperas; 17.00: Integrais; 17.30: Música de todos os quadrantes; 18.00: «La Mer», de Claude Debussy; 18.40: Cantata, de Pietro Antonio Cesti; 19.30: As cores e as formas; 20.00: Variações e fuga, sobre um tema de Mozart, de Max Reger; 20.40: A voz de Roma; 21.00: Música portuguesa; 21.30: Novos intérpretes; 21.55: Música de câmara; 23.00: Intercâmbio musical; 00.40: Passacaglia, BWV 582, de Bach; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média

15.00: Dora a hora; 16.00: A feira mágica; 19.15: Musical; 20.00: Conta-corrente; 21.00: Discos pedidos; 22.00: Portugal e a CEE; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora; 02.00: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo

16.00: O som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazz; 22.00: As mil e uma noites; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Diário do desporto; 22.30: Clube dos coleccionadores; 23.30: A vez e a voz; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; 18.30: Ligação à rede nacional; 19.00: Jornal das regiões; 19.30: Ligação à rede nacional.

Voz do Alentejo

14.00: Sopa dourada; 15.00: As boas tardes da Renascença; 18.30: Ligação à rede nacional; 19.00: Alentejo em notícia; 19.30: Diversos; 20.00: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 23.30: Diário do desporto; 23.57: Meditando.

RTP/1

18.02 — Sumário

18.07 — Brinca Brincando

«Feira de Bonécos — O Cavalo das Crinas de Ouro»

18.50 — Show Bis

19.15 — Boletim Meteorológico para Agricultura

19.30 — Telejornal

20.00 — Corpo a Corpo

(episódio 156): Teresa pede a Osmar que aconselhe Heloísa, no caso de ela aparecer em casa dele. De facto Heloísa procura o pai para lhe pedir a opinião sobre a sua demissão da Vitavideo. Alfredo diz a Rafael que gostaria de os ajudar na compra de um apartamento, mas ele recusa. Teresa janta com Osmar, que a beija apaixonadamente, dizendo que precisa dela.

21.10 — Portugal Sem Fim

22.05 — 4.º Andar

(1.º episódio): Sete telefonemas anónimos denunciam sete traficantes de droga. Todos eles são apanhados na alfândega do Aeroporto de Heathrow. Transportavam droga no valor de 19 milhões de libras. Os principais papéis estão a cargo de: Christopher Fullford, Richard Graham, Kenneth Haigh, Geoffrey Whitehead, Brian Cox.

23.10 — 24 Horas

23.45 — Remate

RTP 2

14.47 — Agora Escolha

16.30 — Informação

16.35 — Europa TV

O Tempo
Tempo dos Mais Pequenos

Count Down

Connexions

Almanaque

O Tempo

O Mundo Amanhã

Eurodesportos

Actualidades

Euroreporter

20.00 — Informação

20.05 — Twilight Zone

20.30 — Profissões

21.00 — Jornal das Nove

21.30 — Cinema Dois

Alphaville: Este filme projecta a sua acção num futuro mais ou menos indefinido e ameaçador, com os homens sujeitos ao poder de «Alpha 60», um computador que controla todas as actividades de uma grande cidade. Realização: Jean-Luc Godard; Intérpretes: Eddie Constantine, Anna Karina, Akim Tamiroff, Howard Vernon, Laszlo Szabo.

23.10 — É de Ler



Em estreia no canal 1, por volta das 22.05, a série filmada «4.º andar»



Eddie Constantine é o principal intérprete do filme de Jean-Luc Godard «Alphaville», no 2.º canal às 21.30, em «Cinema Dois»

Amanhã

RTP/1

18.07 — Brinca Brincando

18.50 — Show Bis

19.20 — Quim e Filipe

19.30 — Telejornal

20.00 — Boletim Meteorológico

20.05 — Mafalda

20.10 — Vamos jogar no Totobola

20.20 — Corpo a Corpo

21.05 — História Infantil

21.10 — Lotação Esgotada

00.05 — 24 Horas

00.35 — Remate

RTP 2

15.02 — Agora, Escolha!

16.30 — Informação

16.35 — Europa TV

20.00 — Informação

20.05 — Twilight Zone

20.30 — Profissões

21.00 — Jornal 2

21.30 — Ópera

00.30 — É de Ler

ENSINE
O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1

22.05 — 4.º Andar

RTP 2

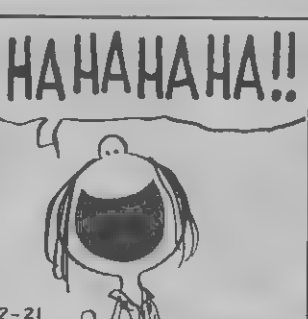
21.30 — Cinemadois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570



«Corpo a Corpo»



Especulação voltou à Bolsa

Continuação da pág. 1

O ex-secretário de Estado do Tesouro reconheceu que «há alguns exageros nos preços, ainda que não estejamos numa situação de desproporção entre estes e o valor real das empresas que represente perigo». Tavares Moreira vincou que «estamos muito longe da situação especulativa de 1971/72» e rejeitou terminantemente a eminência de qualquer rotura da Bolsa de Valores, eventualidade que, no entanto, foi aventada há duas semanas por um alto dirigente do PS, em conversa com um grupo de jornalistas. Segundo essa fonte, «o mercado está a viver uma situação de bolha especulativa, sem que estejam reunidas as condições necessárias para a sua progressão gradual e sólida». Na opinião deste analista qualificado, «um dia destes a bolsa vem por aí baixo».

O Governador do Banco de Portugal considerou que a solução do problema não será obtida apenas por via regulamentar, mas avançou a hipótese de se baixar o actual limite máximo de 5% nas variações diárias das cotações, como forma de travar a subida dos preços. Tavares Moreira, insistiu porém na ideia de que a subida resulta da pressão da procura - que de dia para tem menos possibilidades de recorrer às aplicações tradicionais em depósitos a prazo e em obrigações - e da escassez da oferta de títulos. Em seu entender, só o aumento da oferta de acções, através de emissões públicas, e o relançamento das emissões de obrigações pode resolver o problema.

A questão das emissões de acções supostamente públicas, mas que são na realidade reservadas, foi igualmente abordada, afirmando o Governador do banco central que nos casos em que isso se verifique, haverá que suprimir os incentivos fiscais destinados às emissões públicas. Este ano já houve sete emissões de acções, anunciadas como públicas, mas a oferta tem que ser reforçada com novas emissões, com a admissão de novas empresas na Bolsa e, insistiu Tavares Moreira, com a venda de acções representativas da participação de empresas públicas no capital de outras sociedades. Em sua opinião os gestores públicos têm frequentemente residido às orientações da tutela nesse sentido.

Outras formas de dinamização do mercado de capitais defendidas foram o lançamento de obrigações convertíveis em acções, e a criação de incentivos fiscais («a que a Assembleia da República se poderia mostrar favorável») para emissões de obrigações a prazos mais longos que o habitual. Para já, disse Tavares Moreira, a entrada de capitais estrangeiros no mercado de capitais português não poderá ser encarada porque «seria muito fácil criar situações extremamente especulativas».

Falando da situação da Banca o ex-responsável da pasta do Tesouro disse que o decreto de transformação da UBP em SARL de capitais mistos ainda está em Belém para ratificação e acrescentou que, por agora, não será criada mais nenhuma SARL na banca nacionalizada. Tavares Moreira disse também que a «transformação em SARL não é uma solução acabada» e que «a evolução natural desta fase seria mesmo a abertura de capital ao público, tal como estava previsto no projecto que o anterior Governo chegou a apresentar à Assembleia da República».

Quanto à dívida externa disse que nos primeiros seis meses deste ano já foram feitos cerca de 930 milhões de dólares de pagamentos antecipados de dívidas de curto, médio e longo prazo, e que se prevê que esse valor atinja, no total do ano, o montante de 1700 milhões de dólares. Tavares Moreira defende no entanto que a redução da dívida externa seja acelerada, e admitiu que o ritmo de amortização venha a ser acelerado. Apesar dos pagamentos efectuados, a redução da dívida externa, quando expressa em dólares, não tem sido muito significativa, por via da desvalorização do dólar perante moedas em que são expressos cerca de 48% do seu valor global. Segundo o Governador de Banco de Portugal, essa razão explica que a dívida total fosse de 16,6 mil milhões de dólares em 31 de Dezembro de 1985 de 16,5 mil milhões em 30 de Junho passado.

D/CARAS



AMÁLIA dará no sábado, em Londres, um espectáculo de fado no «Longan House». A primeira parte do concerto é preenchida com Jorge Fernando, antigo guitarrista de Amália. Jorge Fernando está a promover o seu último álbum, intitulado «Apaixonado», cujo single «Mulata» é estreado hoje na rádio portuguesa. O guitarrista abandonou a companhia de Amália para se dedicar a uma carreira a solo, voltando agora a estar com a fadista mas em partes diferentes do mesmo espectáculo.

ORSON WELLS, actor e realizador norte-americano, deixou grande parte da sua fortuna à amante, a actriz e escritora jugoslava Oja Kodar - informa o último número do semanário «Parade». A publicação, um suplemento de mais de 300 jornais norte-americanos, diz que Oja Kodar era o amor secreto de Orson Wells e que os dois trabalharam juntos em vários projectos. O testamento de Wells foi impugnado judicialmente pela sua terceira e última esposa, Paola Mori



Wells, antes de morrer num acidente de trânsito em Las Vegas, em 12 de Agosto.

MARIA SANTOS, a deputada do partido «Os Verdes», foi convidada a presidir a um debate sobre desenvolvimento e ecologia pela organização do Congresso Mundial da Paz - anunciou o gabinete de Imprensa do partido. Maria Santos fará parte da delegação portuguesa ao Congresso, que se realiza de amanhã a domingo, em Copenhague. O Congresso Mundial de Copenhague integra-se na celebração do Ano Internacional da Paz, que se comemora este ano, organizado pelas Nações Unidas, e nele vão participar cerca de dois mil delegados de 90 países.

MELO ANTUNES, ex-conselheiro da Revolução, confirmou à Anop que foi convidado para integrar a comissão directiva do PRD, a eleger na próxima convenção. Melo Antunes disse, no entanto, que não tenciona revelar ainda se irá ou não aceitar o convite que lhe foi feito.



ISABEL PERON, viúva do presidente Peron, foi obrigada por sentença do Supremo Tribunal de Justiça da Argentina a entregar às irmãs e mãe de Eva «Evita» um total de 6,48 milhões de dólares. O litígio entre Isabel, terceira mulher de Peron, e as duas irmãs e mãe de «Evita», segunda mulher do presidente, morta de uma leucemia aos 33 anos, em Julho de 1952, teve origem na posse, por desconhecimento, por parte da viúva e ex-presidente argentina de vários dos bens que pertenciam à falecida.

ALBERTO JOÃO JARDIM encontra-se em Estrasburgo a participar nos trabalhos da sessão plenária da conferência dos poder local e regional do Conselho da Europa. Além de reuniões das delegações nacionais, organizações europeias de poder local e regional, será apresentada durante a conferência uma comunicação do comissário da CEE responsável pela política de ambiente.

TEMPERATURAS DO AR AS 6 h:

BRAGANÇA	10°
VIANA DO CASTELO ..	15°
VILA REAL	14°
PORTO	17°
COIMBRA	16°
CABO CARVOEIRO	17°
CASTELO BRANCO	17°
PORTALEGRE	13°
LISBOA	16°
ÉVORA	15°
BEJA	15°
FARO	17°
SAGRES	19°
PONTA DELGADA	13°
FUNCHAL	19°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
01.16 3,80 m	07.00 1,20 m
13.29 4,10 m	19.27 1,00 m
Dia 16	
01.55 3,90 m	07.37 1,10 m
14.10 4,20 m	19.59 1,00 m

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Temperaturas mínimas e máximas previstas para amanhã, 17 de Agosto, em graus Celsius. Nublado de noite. Nebulhas ou nevoeiros matinais.

Governo atribui 150 mil contos aos Municípios

O Governo vai atribuir aos municípios «dentro de poucos dias» uma verba de 150 000 contos para compensação das suas despesas com os transportes públicos urbanos, revelou ontem uma fonte do Ministério dos Transportes.

A mesma fonte acrescentou que essa verba é a segunda parte de um montante de 350 000 contos consagrados no Orçamento de Estado para esse fim, e dos quais foram já entregues 200 000 contos em Abril.

As verbas foram integradas no Orçamento de 1986 porque faziam parte de um conjunto de ajudas preparadas pelo Governo anterior aos transportes públicos municipais, uma vez que «o Governo não pensa continuar a suportar despesas com a ajuda aos 'preços sociais' dos transportes urbanos fora de Lisboa e Porto», acrescentou a mesma fonte.

«O Governo considera que os preços dos transportes públicos urbanos fora de Lisboa e Porto são da responsabilidade das autarquias que estabelecem os «preços sociais» a praticar», disse a mesma fonte, sublinhando que «tanto a Lei do Orçamento como a Lei das Finanças Locais são muito claras a esse respeito».

«De acordo com a lei, fora das zonas da Grande Lisboa e do Grande Porto, são as autarquias que são responsáveis pelos preços dos transportes urbanos, sejam eles feitos por empresas concessionárias ou pelos serviços municipalizados», acrescentou a mesma fonte.

A fonte do Ministério das Obras Públicas contactada pela Anop referia-se a reivindicações da Câmara e da Assembleia Municipal de Coimbra, que exigiram do Governo o pagamento de indemnizações compensatórias para os transportes públicos urbanos daquela cidade.

Assistente morto e deputado ferido

Um acidente de viação ocorrido perto de Salamanca, em Espanha, morreu o assistente da Faculdade de Direito de Coimbra, Caseiro Alves, e ficou gravemente ferido o deputado do CDS, Manuel Queirós.

México, Polónia americana?

Um artigo de André Fontaine na pág. 2



Paris — a desconfiança no dia-a-dia

O tempo passa sobre a última bomba que explodiu d'ant: dos armazéns Tati. O comboio das 8h04, habitualmente à cunha, deixa o estranho perfume misto de batatas fritas e chocolate da gare Du Midi, em Bruxelas. Metade dos lugares estão vazios. Um nevoeiro turneriano envolve os campos em que o comboio pára, entre a Bélgica e a França. Eisonos bloqueados em plena natureza durante hora e meia. A mulher à minha frente olha nervosamente o seu relógio. Já está! Demasiado tarde! Ela já perdeu a sua correspondência em St. Quentin. A tiazinha, ao meu lado, angustia-se: será que vão prevenir as pessoas deste atraso, na Gare do Norte? Os funcionários da alfândega francesa chegam, por fim. Todo aquele que não exibe um passaporte europeu é um terrorista em potência. Todo aquele (ou aquela) que é um pouco mais escuro é feio. E o mais escuro do compartimento serve de bode expiatório. Falta de sorte

da grande mamã do Congo-Brazaville no seu hubu amarelo e castanho: ela estende-se sobre dois lugares e meio (ao lado da que já falhou a sua correspondência) e levanta-se penosamente para abrir o saco que um funcionário zeloso tem vontade de examinar. A esperança faz milagres, e os funcionários felicitam-se: «Ah, aí está algo de nada normal!» «...Foi o meu irmão que me confiou este saco» «...Ah, mas a senhora é responsável pelo que transporta!»

Os circunstantes esperavam, no mínimo, ver surgir do saco em questão 10 quilos de droga ou uma pistola.

«Não é normal isto, catorze pares de sapatos para homem iguais uns aos outros, do mesmo modelo e do mesmo tamanho... O seu irmão não é lá muito original...»

O apaixonante inquérito sobre o destino afro-europeu dos catorze pares de sapatos dura pelo menos um quarto de hora.

Toda a gente percebe, então, que a busca visa efeitos mais psicológicos do que materiais, porque o tempo perdido com um compartimento faz crer aos outros passageiros que uma investigação minuciosa está talvez em curso.

Paris: a cidade tem um ar normal para quem esperava ver polícias por todo o lado e o cartaz já célebre das cabeças a prêmio dos irmãos Abdallah. Do cartaz nada, a não ser nos correios (e, sem dúvida, nas esquadras). Ao fim de dois dias, começamos a aperceber-nos de pequenos pormenores que, de facto, constituem uma mudança... há um pouco mais polícias, e os CRS circulam em lugares «estratégicos»; na Étoile, no Odéon, em Saint Michel. Por outras palavras, os bairros turísticos, snobs, certos bancos e edifícios públicos estão sob vigilância, o resto parece-se com o que sempre foi. Há mais gente nos autocarros, menos no Metro.

E depois, sobretudo, há os peque-

nos sinais quotidianos da desconfiança: pessoas revistadas à entrada dos grandes armazéns, das bibliotecas, dos correios, dos bancos... Câmeras por toda a parte, até nas esplanadas dos cafés. Detector de notas falsas no Monoprix, sistemas anti-roubo na mais mínima das boutiques.

Mais do que nunca, o dia-a-dia torna-se o tempo da representação. É-se muito bem educado mas desconfia-se de tudo, de toda a gente e a toda a hora.

Duas donas-de-casa insurgem-se «Eles revistam sempre os sacos das mulheres, mas nunca os dos homens»; em compensação, os homens são apalpados, e não as mulheres. Alguns fazem humor de mau gosto: «atenção à bomba», grita, por exemplo, um jovem assexuado e punkóide.

Há também quem tente sossegar-se com o argumento seguinte: desde que o clá Abdallah se mostrou no Líbano e permanece visível, as bombas

pararam. Portanto, não há dúvidas de que eram eles que punham as bombas. No entanto... as salas de cinema estão desertas, e as esplanadas de Saint Germain desesperadamente despovoadas. Há poucos turistas nos cais do Sena apesar da ótima temperatura outonal; alguns japoneses, aglutinados a dois metros do seu autocarro, fotografam a Notre Dame o mais depressa possível; um casal de texanos corajosamente inconsciente prospecta roupa «chique» nas galerias La Favette, um jovem casal alemão erra no Quartier Latin... Quanto aos parisienses, decidiram viver «normalmente», quer dizer, representam a normalidade, lendo, como sempre, Libé, Le Monde ou France-Soir no Metro, sem prestarem grande atenção aos poucos graffittis, magros e inestéticos, com os dizeres «Viva Le Pen», que esperam impor-se em algumas estações.

Chaké Matossian
em Paris

México, Polónia da América?



Foto Bernard Plossu

TODAS as cidades do México têm o seu *zocalo*, quadrilátero que é o seu inevitável centro e em torno do qual se distribuem os principais edifícios públicos e, por vezes debaixo de arcadas, lojas e cafés. O *zocalo* maior é, naturalmente, o da própria capital. Num dos seus lados desenvolve-se, ao longo de mais de 200 metros, a magestosa fachada do Palácio Nacional, lugar de trabalho do chefe de Estado e do governo. As paredes que dão para os pátios interiores estão cobertas de frescos imensos, *murales* pintados, na sua maioria, por Diego Rivera, cujo centenário o México está à beira de celebrar.

Estas pinturas retratam, com grandes traços fortes, a história, muitas vezes sangrenta, do que dantes se chamava Nova-Espanha e que é hoje, com os seus 80 milhões de habitantes, o mais povoado dos países de língua espanhola. Estes *murales* dizem mais sobre o fundo da identidade nacional do México do que vinte volumes dos tratados mais sábios, e situam-no sem margem para dúvida, dada a sua relativa — e não fatal — pobreza, no Terceiro Mundo.

Os mais reveladores mostram os horíveis maus tratos infligidos aos índios pelos seus conquistadores, vigorosamente denunciados na própria época, por personalidades como o dominicano Bartolomeu de Las Casas e por Montaigne. Eles significam, na sua ingénua crueldade, que os mexicanos de hoje, apesar do orgulho de pertencerem à *hispanidad*, a essa civilização espanhola que cobriu o continente de tesouros artísticos incomparáveis, se sentem tanto ou mais descendentes dos conquistados do que dos conquistadores.

Uma estrela proclama, aliás, numa língua soberba, na cébre praça das Três Culturas duramente atingida pelo sismo de Setembro de 1985, que a derrota do ano da graça de 1521, nestes lugares de Cuauhtémoc, último imperador dos astecas, não marcou a vitória de uma na-

ção sobre outra, mas o «nascimento de um povo mestiço».

Ao tomar, na pessoa de Malinche, uma amante índia, o conquistador Hernan Cortes, que tinha vindo, como os seus companheiros, sem mulheres, contribuiu fortemente para generalizar essa ideia — ou, dir-se-ia melhor, esse mito, sem dúvida o mais forte entre os mitos mexicanos, que compensa assim a sua frequente falta de alimentos terrestres. Imaginemos com que se pareceriam os Estados Unidos e o Canadá hoje se, em vez de se basearem no domínio de uma raça branca que não quis ver nos primeiros ocupantes senão selvagens e animais, os «peregrinos» do *Mayflower* e os colonos franceses tivessem desfeito as suas camas para nelas receberem índios *hurones* ou *comanches*...

O resultado está à vista de todos: basta olhar os rostos, no México, para constatar que o sangue índio está em toda a parte. O presidente da República chama-se La Madrid e fez os seus estudos em Harvard, falta-lhe um pouco de carisma (ou talvez muito), sente-se melhor em discussões privadas do que em público, mas reclama tanto a herança dos seus predecessores Mocdtezuma e Cuauhtémoc como a dos vice-reis espanhóis. Um grande hispanista francês, Jacques Lafaye, consagrou um livro apaixonante ao modo como o culto da Virgem de Guadalupe substituiu, na consciência nacional, o da deusa Tonantzin, mulher da serpente. «Nossa Mãe» para os astecas, enquanto São Tomás se via assimilado a Quetzalcoatl, a serpente emplumada, ou melhor, segundo Sandoval e Zapata, «a eternidade alada do vento», personagem central da mitologia do império desaparecido.

Uma diferença fundamental

Sincretismo, integração levadas ao extremo de duas civilizações, por um lado, e substituição pura e simples de uma raça por outra, noutra caso; nin-

guém melhor que Carlos Fuentes pôs em evidência essa diferença fundamental entre as nações separadas pelo rio Grande. Ela é a chave da relação difícil que sempre mantiveram e continuam a manter o México e os Estados Unidos.

Diferença tanto mais sentida quanto o inglês se tornou, na nossa época, no que o latim e depois o francês foram em séculos passados: milhões de emigrantes vindos da Europa ou, mais recentemente, do Sudoeste Asiático, encontraram, de Nova Iorque à Califórnia, uma pátria alternativa de quem aceitaram sem problemas — em contrapartida de uma melhor sorte — a língua e o sistema hegemónico. O inglês tornou-se assim, pelo mundo fora, o instrumento privilegiado da unificação política e cultural, o que ajuda a compreender a sua espantosa vitalidade. Além disso, o inglês beneficia do que subsiste da antiga preponderância britânica, e nada há de estranho no facto de todos os dias ele robustecer um pouco mais a sua posição, num mundo que se tornou cada vez mais uma aldeia. Tomou-se partido por ele em Tóquio como em Roma, em Pequim como em Moscovo, e até nos estados-maiores de numerosas administrações de empresas francesas. Saber inglês, é hoje, como passou a dizer-se, um *must*.

Ora eis que existe na fronteira Sul dos Estados Unidos um povo que passa a vida com o nacionalismo e o patriotismo na boca, e que vê na defesa da sua identidade e da sua cultura a melhor maneira de as proteger. Um povo que, além disso, não tem razões de monta para alimentar boas recordações das relações passadas com o seu grande vizinho do Norte, visto que este nunca deixou de se meter nos seus assuntos internos, chegando a tomar-lhe *manu militari*, no século passado, Estados como o Texas, a Califórnia ou o Novo México, que se contam hoje entre os mais vastos e mais prósperos da União.

Se acrescentarmos que o nível de vida de um mexicano é exactamente sete vezes menor do que o de um cidadão dos Estados Unidos, e que esse mesmo mexicano vê, de manhã à noite, na rua ou na televisão dos *gringos*, os indícios de uma opulência que insulta a sua pobreza, não estranharemos que — como confirma uma sondagem recente do *Excelsior* — 40 por cento dos mexicanos considerem os americanos pura e simplesmente como *inimigos*.

Inimigos ou não, os Estados Unidos aparecem ao mesmo tempo aos mexicanos como o *Eldorado*: no México há 40 por cento de desempregados e subempregados. Dia após dia, centenas de mexicanos esperam que a noite chegue para tentarem passar ilegalmente a fronteira que os separa dos *States*. Há de tudo entre os que se infiltram em casa do vizinho do Norte, incluindo mulheres grávidas que pretendem ver o seu filho nascido sob a bandeira das estrelas — o que lhe confere automaticamente a cidadania americana.

A acreditarmos num estudo recente da *Time*, os guarda-fronteiras impediram, só em Abril último, a entrada ilegal de 72 000 *imigrantes*. Segundo a mesma revista, que divulga uma sondagem, 79 por cento dos administrados pelo presidente Reagan pensam que o problema da imigração clandestina é muito ou bastante (very or fairly) sério.

Sério o suficiente, em todo o caso, para que o monopólio do inglês esteja a ser posto em causa no seio da própria União: actualmente seria impossível fazer votar pelo Congresso uma lei que declarasse língua oficial, o que ele não é senão em parte dos cinquenta Estados que a compõem.

Os emigrantes ilegais, muitos dos quais são operários ou artesãos muito capazes e encarniçados no trabalho, contentam-se, na maior parte dos casos, com salários e condições de vida que os tornam concorrentes pouco

apreciados pelos sindicatos americanos. Outros há que se dedicam a contrabandando vários, nomeadamente de drogas, que se tornaram, como toda a gente sabe, numa das maiores dores de cabeça da Casa Branca. Como, além do mais, o México se tornou no segundo principal devedor (depois do Brasil), ao mundo capitalista, sendo que o principal credor são exactamente os Estados Unidos, é natural que a mesma sondagem da *Time* revele que, para nada menos de 69 por cento dos americanos, o México é um país mal governado (poorly governed).

Este parecer é, em muitos aspectos, excessivo. O México é um dos muitos raros países da América Latina que não conheceram, desde há mais de 50 anos, nem golpes de Estado nem guerras civis. Além disso, quase marginalizou por completo o analfabetismo e desenvolveu consideravelmente as suas infraestruturas. Conseguiu também em vinte anos, descer de 3,5 para 2 por cento a taxa de crescimento da população.

Perseguição sangrenta

O Estado normalizou as suas relações com a Igreja Católica, cujo peso continua a ser enorme, como se não tivesse suportado no México, nos anos 20, a sangrenta perseguição que inspirou a Graham Greene as páginas escalantes de *O poder e a glória*. Esse peso está bem patente na inacreditável multidão de casais que leva os seus filhos a baptizar, ao domingo, à igreja do *Sagrario*, mesmo ao lado do catedral do México.

Note-se que se a hierarquia se mantém, no conjunto, pré-conciliar, filiando-se na tradição do «catolicismo da Nova Espanha», que era, como sublinha Jacques Lafaye, «o da Contra-Reforma».

No entanto, ela convenceu-se da necessidade absoluta, para o México, de



Foto Bernard Plossu

limitar o crescimento da sua população. E assim pudemos ver, nos claustros de um desses magníficos conventos fortificados de que o Yucatan se orgulhava, apóstolos do método «natural» do controlo dos nascimentos explicando o seu uso a pequenos grupos de camponeses *mayas* que os escutavam... religiosamente.

Eis o lado positivo das coisas, que é certamente considerável. E não se pode tornar o actual governo do México responsável por essas duas catástrofes maiores que foram o tremor de terra e a queda brutal, desde Janeiro passado, do preço do petróleo. Aliás, é até preciso reconhecer o mérito dos seus esforços, por mais tímidos que sejam, para limitar a corrupção, essa praga do Terceiro Mundo, e para racionalizar a gestão do país.

Resta dizer que um erro capital foi feito há alguns anos, e que não o compensa admitir que o México não tem o monopólio desse erro.

Um triplo número cem

Como tantos outros, de facto, os dirigentes da época viveram um período em que o petróleo lhes deu volta ao miolo. Tratando-se de um produto fósil e, portanto, por definição, não renovável, acreditaram que a sua raridade não poderia senão acentuar-se, e os preços, por isso, subir. Cometeram portanto a imprudência maior de se colocarem numa total dependência face ao petróleo, que representava, no início de 1986, nada menos do que 74 por cento do total das exportações mexicanas. Além disso endividaram-se até mais não poderem para investirem em si próprios, apostando nos fabulosos lucros que haveria a esperar, segundo julgavam, da venda do ouro negro. Ora o preço deste caiu para metade, como todos sabemos, desde o princípio deste ano.

Resultado, uma série de valores desagradáveis com base cem triplicaram

no México: Cem mil milhões de dólares de dívida, uma taxa de inflação que parece ir atingir os cem por cento, este ano, e portanto uma taxa de juro de mais de cem por cento sobre todo o mercado interno, que torna as empresas desejosas de se desenvolverem incapazes de contraírem empréstimos.

Disto resulta uma inevitável recessão, tanto mais sensível quanto o governo, que tem problemas de tesouraria, aceitou uma política de restrições draconianas imposta pelo Fundo Monetário Internacional — política que implica um regresso, tanto quanto possível, à verdade dos preços: por exemplo o bilhete de metro, artificialmente mantido, durante muito tempo, a um peso, foi multiplicado por... vinte. Por exemplo a gasolina, que até agora era educadamente desperdiçada, passou a custar mais 50 por cento. Cereais que eram, desde antes da chegada dos espanhóis, a alimentação de base dos mexicanos, triplicaram de preço em quatro meses. A carne e o peixe, esses, desapareceram pura e simplesmente da dieta habitual da grande maioria da população. E se, a acreditar nos dados do governo, o desemprego foi mais ou menos contido até agora, é difícil acreditar que ele não comece a galopar a curto prazo.

A produção de automóveis, por exemplo, declinou muito sensivelmente e o recente encerramento das fábricas de aço de Monterrey acarretou o desaparecimento de oito mil postos de trabalho. Também é previsível que a passagem, para o sector privado, de empresas estatizadas como as companhias de aviação, implicará, em nome da rentabilidade, sérias compressões de pessoal.

O problema do endividamento do Terceiro Mundo, espada de Dâmocles desde os anos do sistema bancário mundial, não pode, naturalmente, ser devidamente apreciado senão tendo-se em consideração o movimento de reciclagem quase automático dos empréstimos a que também se chama *evasão de*

capitais. Um estudo publicado em Março na revista *World Financial Markets*, e reproduzido no princípio de Setembro pelo *Excelsior*, o grande diário da capital, avalia em mais de 50 mil milhões de dólares o montante que será atingido por esse movimento no México, num período de dez anos. Esse valor representa metade da dívida externa do país. Parece que o facto de as taxas de juro terem disparado, provocou um certo movimento em sentido contrário, mas seria necessário acentuá-lo muito mais para colmatar a hemorragia.

De facto os países emprestadores, ou pelo menos alguns deles, vêem algum interesse neste imbroglio, porque nele encontram compensações para o mal-estar causado pelos montantes excessivos dos créditos atribuídos. O facto é que são eles os principais responsáveis pela situação gerada, porque incitaram os seus clientes a endividarem-se o mais possível a fim de conseguirem colocar os seus produtos.

Isto, para não falarmos do peso considerável representado, nos movimentos de capitais, pelo repatriamento, por parte dos investidores estrangeiros, dos juros da dívida.

A situação é, no mínimo, má. Dela decorre um sentimento de fragilidade, de insegurança, extremamente prejudicial tanto à economia do México quanto à do mundo desenvolvido. Foi nesta perspectiva que, com o forte apoio de James Baker, secretário do Tesouro americano, o FMI elaborou um plano de socorro no montante de 12 mil milhões de dólares, destinado a permitir-lhe servir, pelo menos, os juros da dívida.

Uma discrição exemplar

Este plano é, evidentemente, acompanhado por condições draconianas, entre as quais a revisão da redução massiva do défice orçamental, por exemplo, foi já feita. Neste contexto, a esquerda (tanto os partidos de oposição como a

que está a estruturar-se, neste momento, no seio do próprio partido governamental, o Partido Revolucionário... Institucional, sob a batuta do seu antigo presidente Porfirio Muñoz Ledo) converteu-se de que este plano supõe contrapartidas políticas. Quais? A cabeça, a adopção, pelo México, de uma atitude muito mais dócil em todos os conflitos da América Central, particularmente no tocante à Nicarágua. O facto é que o presidente De La Madrid foi, a este respeito, de uma discrição exemplar na mensagem — bem longa — que dirigiu ao Parlamento quando este reiniciou os seus trabalhos. O tema da mensagem presidencial era a situação do país...

A esquerda não se limita a exigir o apagamento puro e simples de uma dívida externa acerca da qual diz, não sem verosimilhança, que ela nunca poderá ser paga. No seio do partido governamental, é reclamada mais democracia interna, no preciso momento em que, pela primeira vez, o PAN (direita pró-americana), sobretudo implantado no Norte, assina com três partidos mais ou menos marxistas uma «plataforma comum» em que se denuncia a manipulação dos boletins de voto. É um assunto sobre o qual há certamente muito a dizer, apesar de um grande número de observadores considerarem que, quando da eleição, em Julho, do governador de Chihuahua — eleição muito contestada — o PRI não teve o monopólio dos «golpes de urna» e que, em todo o caso, a direita teria mostrado ser francamente minoritária.

O facto é que, com o seu sistema, único no mundo, de autocracia limitada a seis anos, e com o presidente que sai designando, na realidade, o seu sucessor, o México perdeu o avanço que detinha em matéria de democracia sobre a maioria dos outros países da América Latina, onde o multipartidarismo, implicando uma real capacidade de alternância, se tornou de regra, nos últimos anos.

No entanto, apesar dos seus evidentes defeitos, muitos mexicanos hesitam em pôr em causa um sistema que conseguiu ao mesmo tempo manter a paz civil, garantir as principais liberdades, desenvolver o País e, numa medida insuficiente embora, reduzir as fantásticas desigualdades de rendimentos que cortam a nação em estratos tão contrastados que chega a parecer impossível que entretenham, entre eles, quaisquer relações.

No livro, voluntariamente espalhafatoso, que acaba de publicar a meias com Christine Ockrent (*Dans le secret des princes*, Stock), Alexandre de Marenches compara o México com uma bomba pronta a rebentar sobre o «ventre mole» do crocodilo americano. Talvez a explosão não seja fatal, quanto mais não seja porque os mexicanos ainda presente, como os espanhóis contemporâneos, o preço que pagaram pela sua propensão para a guerra civil. Mas também é verdade que, por detrás do México, está essa América Central onde as armas disparam com facilidade. Em todo o caso, os Estados Unidos terão de não subestimar a importância do desafio que lhes é colocado pela coabitação com este povo cujo destino está cada vez mais ligado ao seu próprio, e cuja paixão pela independência e pela identidade é tão grande que o próprio Zbigniew Brzezinski, conselheiro de Carter, que era, como se sabe, de origem polaca, pôde dizer dele que era a Polónia da América...

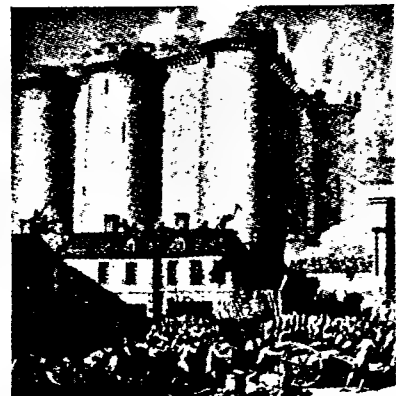
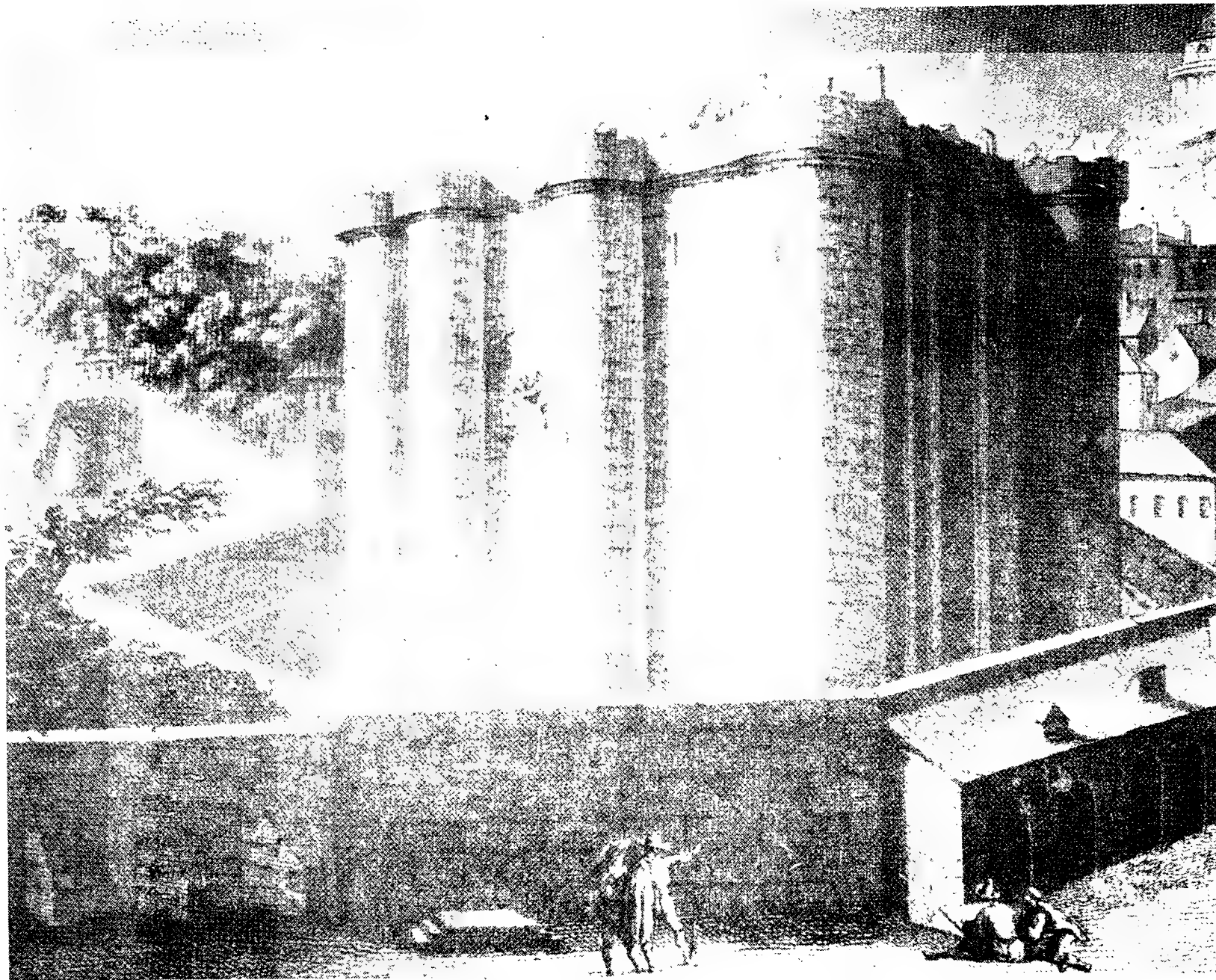
André Fontaine

Notas

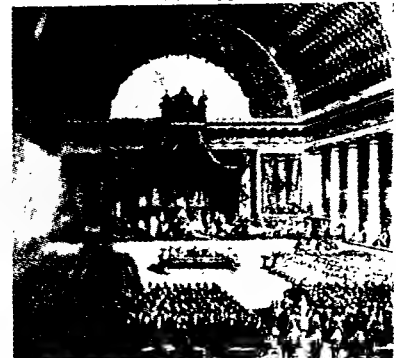
(*) O livro citado de Jacques Lafaye é *Quetzal coatl e Guadalupe*, publicado na Gallimard.

(*) A expressão *gringos*, correntemente utilizada para designar, na América Latina, os cidadãos dos EUA, vem do facto de os invasores vindos do Norte cantarem, dantes, «Green grow the lillies».

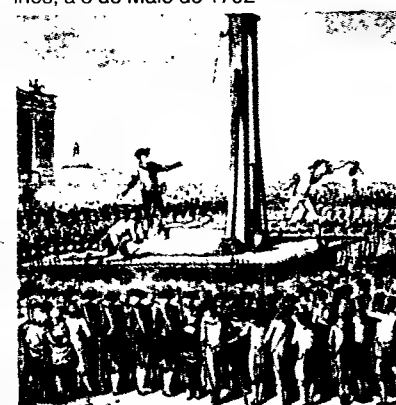
Sobre o bicentenário da Revolução Francesa



A Bastilha antes do assalto (à esquerda) e a 14 de Julho de 1789



Abertura dos Estados Gerais em Versalhes, a 5 de Maio de 1792



A execução de Luís XVI, gravura anónima

89.89

Aí vem ele, esse bicentenário da Revolução Francesa. Dentro de menos de três anos — como diríamos querendo utilizar uma expressão barulhenta — a França será o estúdio central de um *Mundial* da História. Haverá então dois séculos que os tetravós dos franceses terão inflectido a marcha da humanidade.

Os direitos do homem, a bandeira tricolor, os Estados Gerais, a Assembleia Nacional, Luís XVI, La Fayette, Mirabeau, Barnave e já então o obscuro deputado de Arras, Robespierre, o Juramento do *Jeu de Paume*, a tomada da Bastilha, a noite de 4 de Agosto, a marcha dos parisienses e das parisienses sobre Versalhes, o reino unificado dividido em departamentos, a abolição dos privilégios, a primeira grande emigração, a Europa inquieta. No fim daquele ano, nada terá ficado como era antes.

Como se passará, em França, essa comemoração? À medida que a data fatídica se aproxima, os franceses começam a interrogar-se sobre que postura assumir, um pouco como pessoas convocadas para uma cerimónia excessivamente oficial. Que dizer, que não seja secundário ou polémico? Que farão os franceses às mãos, às palavras, aos olhares? Como pôr o passado no presente ou, pelo contrário, como evitar a interferência incómoda dos tempos actuais e dos seus problemas imediatos nas referências celebradas? A aspezeza das querelas do momento arriscam-se a dar, e já

estão a dar, singulares colorações à história de ontem.

Já há quem avance mascarado com as vestes rituais: jacobinos uns, tradicionalistas outros. Grandes palavras e recordações brilhantes, facilmente deformados à luz de factos e de teses muito posteriores, vão fazer com que os franceses atirem à cara uns dos outros com Lenine, Trotski, Mao, De Gaulle, Churchill, ou até com Reagan, Gorbachev ou João Paulo II. A resistência e a

colaboração, o liberalismo, o socialismo e o comunismo estarão sob o luar dos grandes antepassados. E talvez Hitler sob o de Bonaparte, a Nicarágua sob o da Vendeia, o *apartheid* sob o de São Domingos, e o Gulag e Dachau sob o dos massacres de Lyon e o dos afogamentos de Nantes.

No coração dos fogos cruzados entre os atalhos e as aproximações demasiado fáceis, conseguirão os franceses resguardar a razão? Os perigos de um duplo

deshio do bicentenário é maior para os franceses do que para a maioria dos países democráticos, visto que se tratará de evocar as chagas e as monstruosidades da sua própria história, ainda vivas na sua própria carne. Já se ouve o ruído fino do afiar das facas: a Esquerda Ideológica prepara as suas liturgias, cheias de litanias aos santos laicos e de *clichés* mobilizadores, respondendo assim, verdade seja dita, ao tiro de barragem preparado e já iniciado por historiadores saídos da linhagem dos Bainville e dos



Tomada do Palácio das Tulherias, 10 de Agosto de 1782, por Jean Bertaux

Gaxotte, sobre temas como «o genocídio franco-francês» e sobre a decadência francesa irremediavelmente iniciada em 1789. Socorro, Jaurès! Taine voltou.

Talvez haja mais que fazer, em 1989, do que reavivar as questões quereladas dos gauleses. Talvez eles consigam, depois de tanta biografia, tanta tentativa de historiografia moderna, fazer melhor do que nos aniversários solenes que recentemente celebraram. Já não é preciso restaurar a Torre Eiffel. Em 1889, no primeiro centenário, marcado pela grande exposição universal, tudo se passou com um fervor um pouco exaltado, e poucas preocupações de rigor histórico.

A Terceira República, ainda nos seus primeiros passos, endurecia o seu radicalismo, em contrapartida à sucessão caótica dos dois impérios, da Restauração, dos dezoito anos de Luís Filipe, e da tentativa falhada do conde de Chambord. Os pais da Terceira também tinham de fazer esquecer a repressão sobre a Comuna.

Quanto aos 150 anos da Revolução, festejados em 1939, com um discurso a 14 de Julho do presidente do conselho Edouard Daladier no Palácio de Chailot, debaixo de chuva torrencial, já estavam ensombrados pela guerra que subia no horizonte, entre Munique e a Polónia.

Um forte partido reacçãoário, brilhantemente conduzido pela Action Française, travava combate contra a celebração da Revolução, e a equipa turbulenta de *Je suis partout*, que iria tornar-se no semanário da colaboração, fazia aparecer um número especial, composto sob a direcção de Robert



Robespierre



Danton



Marat



Brissot



Saint-Just

89.89

Brasilach, para enxovalhar as recordações de 1789. Esse número era dedicado «à gloriosa memória de Charlotte Corday».

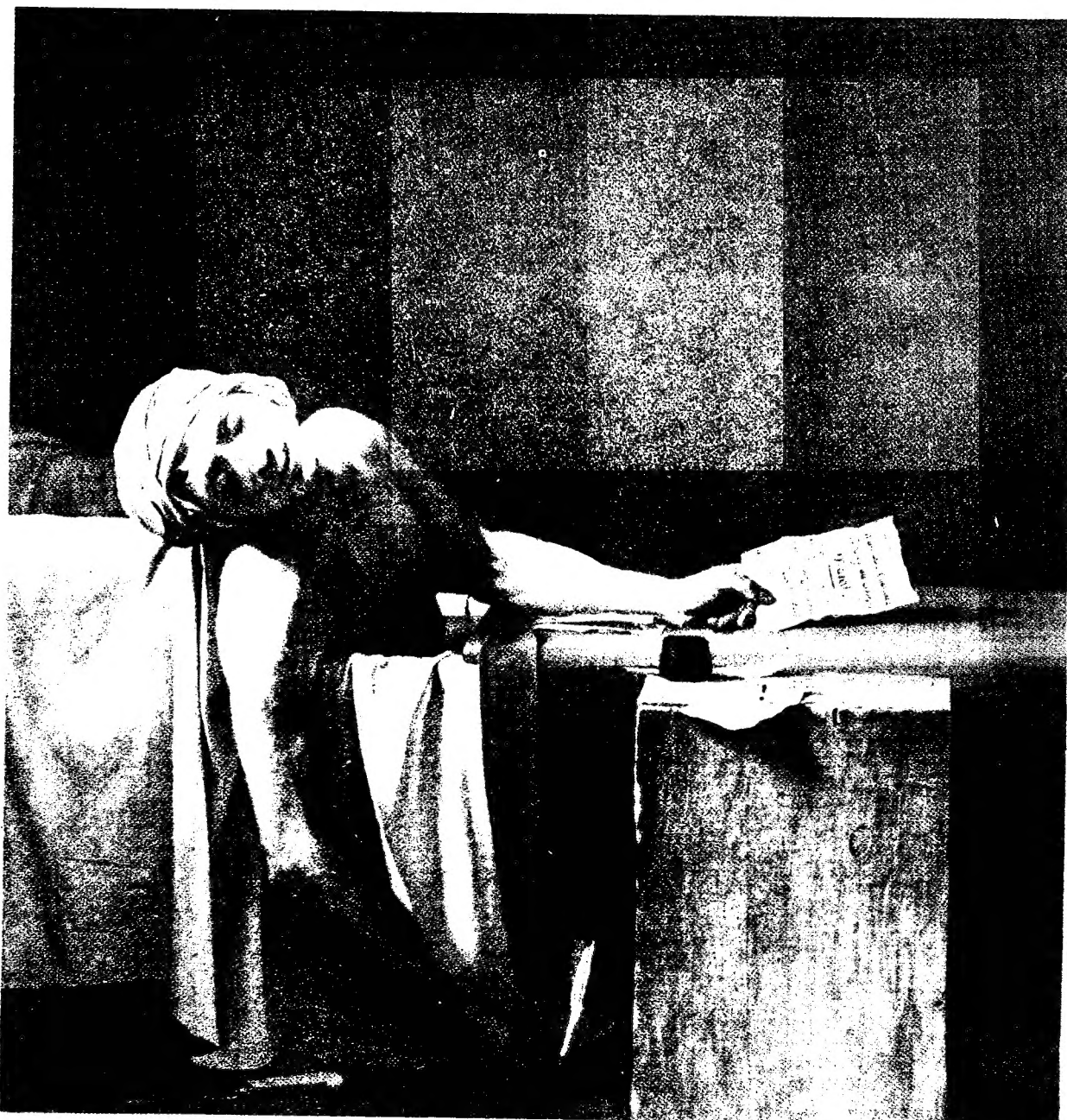
Talvez ainda haja tempo para fazer valer, em França, apelos à serenidade e à objectividade. Os franceses poderão talvez ultrapassar o desencadeamento das paixões. Talvez possam evitar a invocação de factos reais para afirmarem as suas convicções. Eis chegados os tempos das confrontações, mas, para entrar nele e nele se fazer obra útil, sobretudo obra útil para a juventude, muito ávida de verdade, é preciso ter a coragem de ceder em alguma palavra, recordando o famoso paradoxo de Clemenceau: não, a Revolução Francesa não é «um bloco que é preciso aceitar ou rejeitar em conjunto». O que há de enriquecedor na sua comemoração, é que o seu desenrolar apresenta a gama completa das virtualidades humanas, como um imenso drama vivido de Shakespeare: heroísmo e cobardia, grandeza e baixaza, amor e crueldade, dum profético e vistas curtas, drama e opereta.

O esforço principal poderá incidir na *objectividade* à falta de *imparcialidade*, sempre incerta em matéria humana. A *nuance* entre estas duas noções é capital. Pouco importa, de facto, que o historiador tome partido, quer dizer, que ele confesse as suas opções pessoais e reclame para si uma herança conservadora ou revolucionária. Na verdade, isto é até inevitável, porque o que seria um historiador neutro, senão um eunuco ou uma moeda falsa? Como não comprometer-se moralmente, mesmo controlando as paixões próprias e respeitando os contraditores, quando se trata de acontecimentos em que estão em causa a carne, o sangue, o espírito dos homens?

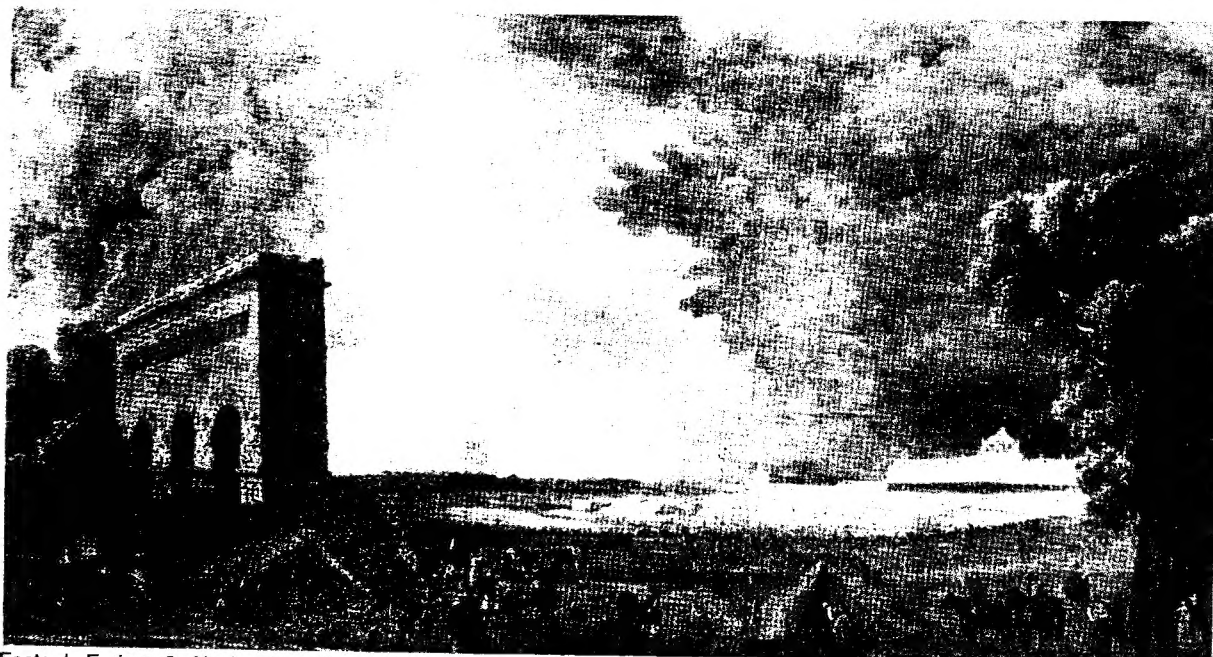
Mas seria desejável que 1989 trouxesse um progresso na objectividade, quer dizer, na exposição dos factos. Poderiam acabar as trucagens e as invenções sobre o número de massacrados de Setembro, das vítimas da Vendeia, dos guilhotinados do tribunal revolucionário, sobre as fortunas dos emigrados, os progressos, os recuos, o recrutamento ou o armamento dos voluntários do ano II, a actividade dos padres clandestinos, etc. etc... Poderia dizer-se não à tolerância e à calúnia a respeito do que se pode realmente saber sobre a vida privada das personalidades de todas as cores! A *historieta* prolifera como erva daninha nas áleas da História. Ora, ela não tem interesse a não ser quando é *significativa*.

O bicentenário de 1789 deveria permitir aos franceses a abertura de todos os cortinados, Como respirariam melhor!

Claude Manceron
historiador



«Marat assassinado» (óleo de David)



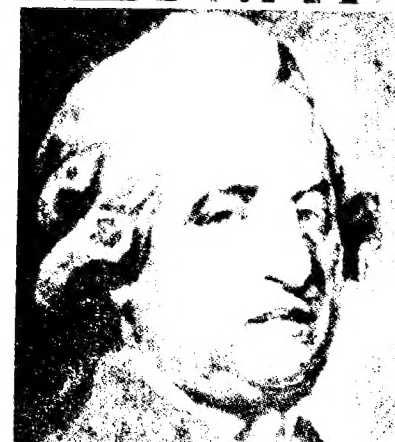
Festa da Federação Nacional no Champ de Mars (14 de Julho 1790), óleo de Hubert Robert



Mirabeau



Maria Antonieta



Luis XVI representado por Houdon e por Ducreux

A propósito de «O Movimento do livre-espírito», de Raoul Vaneigem

Vida contra sobrevivência

DISSE-SE demasiado, e demasiado depressa, que 1968 contaria para o enriquecimento da história das ideias. Esse ardor trai bem os medos retrospectivos, e parece um exorcismo. É verdade que a nova geração parece glorificar mais ou menos todos os valores que a precedente atirou aos cães, mas esta pressa, ela também, lembra mais a abolição das modas de vestuário do que a possibilidade de evocar uma corrente duradoura do pensamento.

Os verdadeiros inspiradores do movimento de estudantes deixaram os bobos adornarem-se dos méritos usurpados. Por verdadeiros inspiradores entendendo nomeadamente os «situationistas» em que as análises e as prescrições, infiltraram o discurso de 68 mais profundamente que os «slogans» *traskistas*. Se a história está bem escrita, Debord e Vaneigem deverão figurar entre os pais do «espírito de Maio».

Justamente, um deles, Vaneigem, define-se depois de um longo silêncio. É interessante ver que a reivindicação do inatigível resta a marca da sua diligência intelectual e das suas recomendações. A propósito de investigações históricas sobre as heresias libertadoras combatidas pela Igreja no fim da Idade Média, o autor agarra-se ao credo mais ancorado do nosso tempo, o da sobrevivência, da liberdade e do desejo de ressuscitar económico.

A sua tese é a seguinte: o discurso sobre a sobrevivência espiritual ou material deslocou-se, depois de milénios onde o espírito de rendibilidade excluía o prazer de viver. As sociedades estão cansadas de se baterem pelo capital em nome do progresso, contra o capitalismo em nome do proletariado, pela burocracia em nome da revolução, e, em todos os casos, pela sobrevivência em nome, da vida, à custa da vida.

O tempo parece vindo, de nada se colocar por debaixo da vontade do gozo, só o humanismo digno desse nome. O economista corrompe o que é vivo, e o pensamento religioso da sobrevivência contaminou o discurso laico e racionalista sobre a primazia do intelecto. O corpo não tem mais recursos que no recalamento e no mal-estar. A maioria das pessoas, mesmo «isentas» de fé, perdem a sua vida a tentar ganhá-la, em cálculos monetários; de culpabilidade, de poder, com a ideia de uma condição humana irremediavelmente miserável. Indignando-se que se fale de determinismo económico, os detentores de um espírito puro entregam-se ao jogo das escondidas nos tráficos da sobrevivência.

Ora, eis que o engano do pensamento mercantil se esgota. Com o fim das ideologias coincide a falibilidade da grande intendência, onde acaba a

empresa totalitária sobre o planeta. A «crise» mundial é uma oportunidade a agarrar. As religiões não estando mais em condições de recuperar a velha crença da fraqueza humana, ficaremos desembaraçados da mentira que nos separa de nós mesmos e colocados em frente da obrigação que jamais teremos dúvidas de que nos tirem: ter a possibilidade de criar a nossa própria vida, tendo em conta um corpo que a mística do trabalho tinha castrado.

Mesmo para Marx, viver era produzir. Todas as civilizações mercantis, capitalistas ou outras, tiveram em conta o descrédito deitado pelas religiões sobre os prazeres, condenando o homem a viver no pecado, separado de si mesmo, e a explorar a natureza tão desumanamente como o próximo.

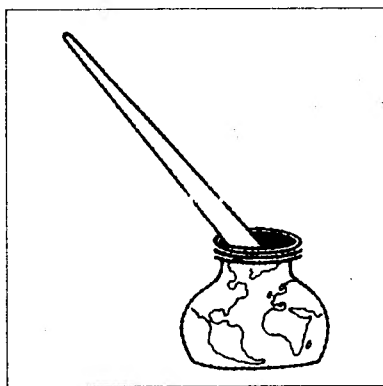
Os deuses exprimiram o domínio do valor de troca o valor de usufruto. Reis e padres aproveitaram-se das fortunas para se fazerem pagar aqui em baixo o preço da eternidade. A linguagem religiosa recuperou as palavras da revolta, as astúcias dos escravos, a fim de controlar o sentido dos signos. O discurso dos chefes impôs a todos o recalamento mórbido que o inspira.

O cristianismo assegurou até ao fim do séc. XVIII uma ponte entre a austeridade da economia celeste e as facilidades mercantis da economia terrestre. Agora, já não há papéis a jogar, a industrialização tendo adquirido o enraizar na terra da universalidade mercadora. A modernidade capitalista não tem nada a fazer da transcendência divina.

Se a Igreja romana reinou tanto tempo, é porque ela exprimia melhor o futuro da economia. Fora do económico, nada a fazer! Tal era o sentido da célebre divisa. Cristo, depois de Prometeu, oferecia a sedução de consagrar o preconceito absoluto, e no fundo, tranquilizante, da fraqueza humana. Mas faltou a Roma, para ocupar os tempos do espaço, a arma da linguagem teológica. E Vaneigem de concluir a sua diatribe voltariana com este traço terrível: «A Idade Média foi cristã como os países do Leste são comunistas. Bem se pode dizer: contra a sua vontade!»

Há resistências? O propósito de Vaneigem é de demonstrar que sim, e que uma cadeia de refúgios libertadores atravessa a instituição religiosa. Depois de tudo, Paulo diz aos Coríntios: «Onde está Deus, aí é a liberdade do espírito»; e Agostinho: «Ama e faz o que quizeres». A maioria das heresias combatidas por Roma mais não fizeram que aplicar estes preceitos.

Quase todas as dissidências aparecidas entre o séc. XI e o Renascimento, giram à volta de uma mesma rejeição da



autoridade, da lógica economista, do pecado da carne e da Penitência. É o caso da heresia valdense, cerca de 1770, das comunidades de mendicantes espalhados no séc. XVIII da Suábia à Flandres. Dos processos instaurados pela Inquisição sobressai que todos os desvios se dirigiram contra o mercado da falta, do medo, da morte.

Outra ressurgência desta corrente oculta do vivente, da parte de vida irredutível à economia: os «amauricianos», os discípulos de William Cornelisz, de Marguerita de Hainaut, chegada de Mestre Eckhart, de Bloewardinne, os «beghards» de Trêves, diversas comunidades da região de Spoleto. Com pequenas variantes, todos negam o Inferno e o pecado, recusam o trabalho e

reivindicam o livre usufruto do seu corpo, donde as acusações de preguiça parasita e de orgias... Vaneigem cita mais uma vez Jean de brunov em Cplónia, Schweidnitz na Silésia, Thomas Scoto, Johannes hartmann, Willem Van Hildersnissem, Jan Hus, os taboristas, Herman de Rijswijk, os «alumbrados» em Espanha dos finais do séc. XVI, Eloi, o telhador de Anvers que, talvez, encontre Lutero...

Não nos enganaremos sobre a ideia central do livro se o incluímos no martirólogo da liberdade donde Vaneigem tira a esperança, para amanhã, duma revolução individual antimercedora. Lutero, e mais tarde o livre-pensamento, não fizeram mais, segundo ele, que prolongar a nossa separação com a vida, a intelectualidade tendo herdado em nós as supremacias religiosas.

Como sacudir hoje o jugo economista aparentemente invencível, à semelhança dos mendicantes do prazer da Idade Média? Persuadido de que este último período está mais próximo de nós que o Renascimento, Vaneigem vê na ocasião para agarrar na actual falência das ideologias e dos meios de subvencionar a sobrevivência. Ele convida-nos a criar as condições para o gozo, a descobrir o território da vida que nos dissimularam vinte séculos de pensamento comercial, a não mais aceitar nenhuma tutela; nomeadamente aquela dos guias intelectuais, a não escutar senão a nossa vontade individual e imediata de viver, a re-

jeitar as ilusões do ganho e do poder, a aumentar o nosso desfrutar, que quer ser protegido somente do economismo e dos garantidos divinos.

Não se trata de negligenciar a vida mas de a transportar a uma consequência, não a uma condição, da vontade de viver. Rejeitando toda a ciência fundada na desgraça individual e no enfraquecimento de tudo, Vaneigem propõe abordar as vias condenadas pela economia: o gaio saber, o conhecimento pelo princípio do prazer. «A exigência amorosa de ser tudo, em todo o momento e em todo o lugar» é a única alternativa à sociedade mercantil.

O mundo nada mais fez que se transformar segundo as leis da economia. Vieram os tempos de criar segundo a harmonia dos prazeres. O «movimento do livro-espírito» colocou a questão no momento histórico em que o processo mercantil refreia a sua aceleração. O fim do séc. XX entenderá a resposta no rebrandamento final da máquina de descarregar o indivíduo... Um «ciclone» do gozo pode limpar a história. Um amor a inventar na «pura matéria» do humano será a «medida universal» de uma sociedade radicalmente nova...

Que utopia, dirão vocês! É certo, é bem verdade que uma utopia é o que resta quando tudo o mais falhou!

Bertrand Poirot-Delpech

O Movimento do Livre-Espírito, de Raoul Vaneigem, ed. Ramsay

Vaneigem e a «eructação literária»

Na Coleção «Le Regard Littéraire» que lançam as Edições «Complexe», Raoul Vaneigem apresenta o livro de Léon Bloy sobre Huysmans. Publicamos aqui extractos do seu prefácio.

«**P**OSTOS à parte os admiradores consequentes consigo mesmos — devotos da Imaculada Conceição, anti-semitas, militaristas e masoquistas de esquerda, os mais numerosos — os Bloy, Céline e outras ruínas inalteráveis da eructação literária guardam sobretudo o favor de um público em razão de uma escrita onde a vivacidade passa por escusa. «Ídolo duma existência curti na beatice ou penhorada pelo mal de antigos combatentes.

«Tão ridículos que parecessem os seus afrontamentos de negreiros no túnel do obscurantismo, não resta mais que a arte do canto então praticada, que acentua o amolecimento retórico que ilustra os nossos dias.

«Entretanto, sobre a recriação estética, o sentimento vale-se de uma indisposição (...), que ninguém ignora no quotidiano e que cada um sabe contornar com mais ou menos habilidade segundo a oportunidade do pretexto (...)

«Não há muito tempo, as palavras creditavam-se ainda duma credulidade alimentada pelas ideologias de massas, o seu poder justificava o plebiscito ou o cadafalso. Mas, cada vez mais, o ridículo arrasta-as para a costa onde os valores da civilização não camuflam o apodrecimento da sua realidade económica (...)

A vaidade da linguagem

«A desvalorização da linguagem seguiu irresistivelmente a depreciação do sistema económico-social, onde se exprime a abstracção imperativa (...). Tanto que dominou o poder do abstracto — do que separa o indivíduo ao usufruto de si para o remeter a combater na frente

da auto-destruição —, a linguagem ignorou a vida na medida mesmo em que a consciência menosprezou o corpo.

«Que satisfação que a súplica da liberdade outorga à secreta solicitação dos prazeres, ao exagero emocional, engendrado precisamente pelo medo do gozar, entrava a lucidez que exige a criação do destino individual (...)

«A falar de liberdade com um tom militar e com a nuca rapada, os pregadores da emancipação puseram-se a andar de lado. Os que andam ao passo dos seus «slogans» andam visivelmente «conjuntamente com os seus esplendores». O intelectual encaixou, doravante, no visto e sabido — por intelectual quero dizer (...) todo aquele (...) que se remete ao pensar separado da vida, à função que oprime o corpo porque ele é o único espaço onde nascem as fruições (...)

«No universo em perigo, onde a sobrevivência chama por socorro, a vaidade da linguagem, entendida como uma última mensagem do infortúnio, acrescenta o desespero de não mais se acreditar em nada, ao desespero de nunca ser ter acreditado em si, se bem que a opção suicidária (...) trabalha para perpetuar a velha confusão entre o mundos vivos e o mundo das mercadorias, destinado ao seu fim. A parte da morte tem para ele a força da sua inércia. As palavras poluídas continuam a matar, mas elas matam com conhecimento de causa (...), porquê esperar que uma Humanidade que não cessou de sobreviver contra o que ela tem de mais humano, tome a defesa da sua sobrevivência ameaçada? à falta de ilusão, a decrepitude económica tem o último recurso de vender as suas desilusões (...)

«Portanto, acontece que o exagerado absurdo duma lógica que foi de todos os tempos aquela da mercadoria sacudi a aparente indolência do vivente (...). Defendendo os seus corpos, muitos se apercebem bruscamente que os desejos da infância se encontram investidos em empreendimentos onde não há nada a fazer (...). As banalidades captam a atenção até esse dia reservado ao trabalho e à promoção social: que o amor não se compra, que a vida não tem preço (...)

A única alternativa

«Os tempos dos alibis pertencem ao passado. A imprecação, a ironia morosa, a veemência indignada confirmam suficientemente a consciência infeliz de uma oportunidade falhada, de um gesto incumprido no seguimento do qual a existência se feriu na sua própria negação.

«As palavras que insuflam uma tal violência não têm mais existência (...). A aspiração a se sentir bem na sua pele parece-me de natureza a despedir, sem rodeios, todos os discursos e atitudes que não reconduzam a isso.

«As palavras da sobrevivência são como pedras tumulares sobre a carta de Tendre, onde os desejos nos guiam porque eles se nos oferecem o mais autenticamente satisfatórios (...). Nós sabemos que a vida, guardada no fresco, protegida das poluições, é, na sua promessa de expansão, a única alternativa ao podreiro económico.

Raoul Vaneigem

Na quinta-feira

TER-ESGREVER

Com Paulo Quintela à mesa da tertúlia

Há dias, por acaso, ao passar os olhos, distraidamente, pelas obras expostas numa livraria amiga, encontrei um livrinho de Cristóvão de Aguiar chamado «Com Paulo Quintela à Mesa da Tertúlia».

Agarrei-o sofregamente. Acontece que Cristóvão de Aguiar foi meu colega de curso na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, nos idos de 60, e Paulo Quintela mestre de ambos...

O livrinho tem quase 100 páginas e foi subsidiado pelo Serviço de Publicações da Reitoria da Universidade de Coimbra. É uma obra de amor e de amizade, sem outra pretensão que não seja a de dar a conhecer aspectos da personalidade do velho e querido mestre.

Cristóvão de Aguiar, de resto, avisa logo no princípio, em «Algumas Notas Prévias», que com este trabalho pretende apenas evocar Paulo Quintela «nos prodigiosos instantâneos à mesa da tertúlia, nos curtos passeios ao longo da Avenida em dias ensolarados, nas tardes de convívio, em sua casa, onde o velho relógio de repetição se desunha em horas abreviando o tempo...»

Ora, o livro é isso mesmo: lê-se de uma assentada, a prosa é simples como convém a quem cavaqueia, ao longo das páginas vão passando certos momentos mais ou menos anedóticos ou folclóricos e certas amizades que preencheram a vida do velho mestre. Ficamos a conhecer as suas origens humildes, a sua passagem pela Alemanha, as suas posições ao lado dos estudantes, o seu amor

a Gil Vicente, a sua paixão pelo teatro que levou à criação do TEUC, as suas tomadas de posição cívicas e políticas, a sua filiação no PS depois do 25 de Abril, algumas incompreensões e até uma certa solidão.

Lembra Cristóvão de Aguiar: «Nessa altura (Dezembro de 75, mês em que deu a sua última lição na Faculdade de Letras) Paulo Quintela já está um pouco sozinho. Os tradicionais amigos da cavaqueira, aqueles que durante anos e anos o rodeavam reverentemente presos da sua palavra passaram a evitá-lo. Claro que houve excepções. Divergências políticas. Ele que durante toda a sua vida acamaraou com pessoas que não comungavam das mesmas ideias, viu-se de repente relegado para uma prateleira onde apenas se trocam impressões sobre o tempo... Na verdade, mudava-se a conversa quando ele chegava. Paulo Quintela ficou chocado com tamanha ingratidão e aos poucos foi deixando de aparecer à mesa da tertúlia.» Claro que esta solidão a que se refere Cristóvão de Aguiar, terá a sua pontinha de exagero. Lembro a homenagem recente a Paulo Quintela ou a Medalha de Ouro do Município de Coimbra que lhe foi entregue no dia da República, envolta no calor de muitas amizades.

Mas no livro de Cristóvão de Aguiar o que ressalta é a personalidade vibrante de Paulo Quintela, não tanto enquanto professor, mas «fora da Universidade, à mesa do café, no bar das Letras, em qualquer sítio de convívio». Aí, diz o autor deste livrinho que todos os que um



dia passaram por Coimbra lerão com agrado, «Paulo Quintela excedia-se a si próprio, mostrando o quanto sabia, o quanto gostava de ensinar. Muitos com ele aprenderam o que nenhuma Faculdade podia ensinar».

Paulo Quintela, afirma ainda Cristóvão de Aguiar, «foi, é e será sempre um homem de lampejos que, num repente, iluminam e condimentam a conversa, tornando-a de uma transparência que

magnetiza. Pessoas há que tiveram a dita de nascer com o dom de encadear as palavras numa encantatória toada de factos, recordações, divagações, reflexões, crítica e, por que não dizê-lo, de má língua também... Paulo Quintela conta-se entre elas. É um homem da palavra sem nunca ter deixado de ser um homem de palavra».

Cristóvão de Aguiar lamenta depois o facto do velho mestre ser «avesso à es-

crita», pois «teria muito que contar da sua infância, da vida transmontana dos primeiros decénios deste século (nasceu em 24 de Dezembro de 1905, na freguesia da Sé da cidade de Bragança), e recorda que pelas mãos lhe passaram «levas de estudantes, tanto da Faculdade de Letras como dessa outra escola não menos importante e talvez mais transformadora — o TEUC». Por fim, afirma:

«Difícil será não lembrá-lo. Com amor ou com ódio. E é natural que assim aconteça. A sua estatura nunca se compadeceu com a mornidão das meias-tintas sentimentais. Entre dois extremos não cabe nenhum outro afecto de segunda grandeza.

É este o preço que têm de pagar os que se aventuraram a galgar certos degraus interditos à maioria. E quando se é grande, é-se grande no verso e no reverso.»

Limitado à partida nos seus objectivos, «Com Paulo Quintela à Mesa da Tertúlia», de Cristóvão de Aguiar, é, pois, um livro de amor e de amizade que merece ser lido pela possibilidade que nos dá de conhecer melhor a personalidade do velho e querido mestre Paulo Quintela, um homem que diz de si próprio: «Pois que tenho sido eu, senão almocreve? Levo e trago — não os botos de azeite ou as canastras de sardinha, por montes e vales, à chuva e à neve e à torreira do sol, mas a veniaga cultural de francês e aragãças.»

Ribeiro Cardoso

A crise da France-Press vai acelerar o monopólio anglo-saxão na informação?

A crise da Agência France-Press (AFP) persiste. Provocada pelo plano de reestruturação proposto em Julho último ao Conselho de Administração da agência pelo seu presidente-geral Henri Pieat, ela deu lugar a negociações entre sindicalistas e a direcção. Um novo conselho de administração toma posse em 15 de Outubro para tentar a realização deste plano.

Mas o aumento dos horários de trabalho dos jornalistas está suspenso e os escritórios alemães, da América Latina e África-Ásia organizaram cada um, um memorando onde se critica um plano que resulta de «decisões tecnocratas» mais do que duma verdadeira reflexão sobre uma política redactorial. A essas críticas acrescentam-se inquietudes sobre o prestígio mundial da agência.

Entretanto, o conselho superior da AFP rejeitou, em 28 de Setembro, a queixa dos sindicatos de jornalistas a propósito de um acordo ratificado por Henri Pieat («não há nenhuma razão natural que faça que uma agência seja internacional»), que deverá acontecer em breve.

Prova do desacordo no seio da AFP, vinte e quatro jornalistas resolveram sair. Outras partidas estão previstas.

A agência France-Press, uma das quatro agências mundiais de informação, está em perigo. As paradas não são pequenas. A crise nasceu em Julho, com o anúncio de medidas brutais destinadas, dizem-nos, a reduzir as despesas. Elas compreendem, entre outras, o despedimento ou a saída voluntária de mais de 20% dos jornalistas e a transferência fora de França de serviços (1), com efectivos reduzidos na ocasião.

O serviço África-Ásia, que confeciona os despachos em francês destinados a estes continentes, será desmantelado: um escalão será criado em Nicósia para o Próximo-Oriente. O serviço de língua inglesa, reduzido, repartir-se-á entre Paris, Washington e Hong-Kong. Igualmente vítimas de supressão de empregos, o serviço da América Latina e o alemão serão transferidos para Washington e Bona.

O presidente director-geral Henri Pieat, segundo o qual este plano constituirá a «última oportunidade» para a

AFP tem intenções ambíguas, não vendo, diz ele, nenhuma «razão natural» para que uma agência de imprensa francesa seja internacional, ou afirmando que a «França pode viver sem uma agência de imprensa mundial». Pieat declara-se pronto a tudo fazer para evitar o pior mas essas asserções traduzem um inquietante cepticismo quanto à missão que lhe confia a lei. A lei de 10 de Janeiro de 1957 criou a AFP enquanto organismo independente, à falta de ser «natural» para o seu presidente, a vocação mundial da agência é bem legal, o texto devidamente votado pelo parlamento, assinado pelo presidente do conselho da época e também pelo ministro da Justiça de então, François Mitterand.

O Japão ou a RFA não têm agência de imprensa mundial, diferentemente da França, Estados Unidos (agência AP e UPI) e a Grã-Bretanha (agência Reuter), diremos, certo! Mas isso não é devido que à dificuldade de criar uma empresa

tão complexa e requerendo muita experiência. A AFP é herdeira dum saber-fazer baseado num século e meio de informação e de gestão de uma rede de transmissões planetárias. A conclusão a tirar não é que a França possa dispensar isso, como o Japão ou a RFA, mas que esse capital que nos enviam, é uma oportunidade única que deve ser defendida.

A sobrevivência da AFP passa agora pela supressão de um posto de jornalista sobre cinco?

Se golpes severos são vibrados nos «postos» da redacção, quem poderá garantir que o volume e a qualidade dos serviços fornecidos serão mantidos, melhorados, assim como as receitas que daí derivam?

Pode-se igualmente duvidar de que os planos de descentralização se limitem às economias. Eles foram já visados, e quase sempre abandonados em razão dos seus custos. Teremos descoberto subitamente a receita de uma regionalização, sem infra-estruturas nem despesas?

Ou tomado rentável em 1986 o que não o foi dois anos antes?

A direcção da AFP pensa sobretudo que, transformando os seus serviços, ela poderá confiar nos jornalistas locais, menos numerosos e «menos caros» que os que trabalham em França.

O plano não ataca os verdadeiros problemas da AFP. Ele arrisca-se a agravá-los com erros fatais. A transferência do serviço alemão é talvez justificada, mas essa «aproximação» dos clientes alemães consistirá sobretudo em responder à sua demanda duma melhor cobertura da actualidade do seu país.

Mas a decisão mais espantosa e nefasta é a de instalar o serviço latino-americano em Washington sob o pre-

texto de o «aproximar» dos seus «clientes». Ela testemunha um desconhecimento total da América Latina que fez que os especialistas se indignassem, começando por todos os chefes de posto da AFP ao sul do Rio Grande.

Pergunta-se como cada um dos quinze administradores da AFP pôde ratificar semelhante equívoco. Se há uma imagem de agência que a América Latina aprecie, é a de uma agência europeia, aberta à «latinidade» e sobretudo não norte-americana.

A decisão está tomada, agora que Washington está em conflito aberto com a Nicarágua, Panamá, Cuba, Bolívia, Peru, onde a opinião pública não diferencia o FMI do governo americano. Sem contar, na outra extremidade do espectro, por razões opostas, com o Paraguai e o Chile. As posições históricas da AFP na América não resistirão e os clientes não verão mais motivo para conservar o seu aval (...)

É longa a lista de ocasiões perdidas às quais se vai juntar a reestruturação pretendida. Falta recordar o precipício financeiro que é o recente serviço de telefotos, cujo deficit se estenderá sem dúvida por um decénio. Mas a AFP nada fez, enquanto agências fotográficas foram lançadas com talento (e por vezes sem grandes capitais) como Sygma, Gama, Sipa, Vu e outras. A agência lançou-se na aventura no pior momento: aquele onde a Reuter chegou ao mercado repagando na rede mundial da UPI com uma enorme rodagem.

A AFP poderá também estar em atraso numa guerra: como conceber hoje um serviço de telefoto sem o acoplar, como fazem os concorrentes, com os filmes de actualidades para a televisão?

As reformas anunciadas põem em perigo a imagem da AFP, a sua quali-

dade e existência de agência mundial. O orçamento da AFP com 100 milhões de dólares, situa-se longe e atrás do da Associated Press americana e a britânica Reuter, que têm orçamentos oito e nove vezes superiores. A agência UPI, mutilada, sobrevive nem bem nem mal. O que põe em perigo a AFP é um desmantelamento progressivo e uma tendência para se fechar na França. Vai deixar criar-se um monopólio anglo-saxão da informação? Tal está a parada. Todos os que no Mundo, contaram, graças à AFP com a pluralidade da informação, serão cruelmente abandonados e rejeitados pelos gigantes anglo-saxões.

Os três sectores representados no conselho de administração da AFP, devem, agora, pesar as suas responsabilidades. Sabemos que os jornalistas da agência defenderão a casa e a sua missão. É também assunto do governo, da imprensa e dos «media» franceses. Mesmo se o interesse imediato de uma AFP mundial pode não aparecer claramente, eles devem ser capazes de ver a longo prazo. E depois, dirija-se, sem ênfase, mas nitidamente, a existência da France-Press decidida pelo parlamento em 1957, é também assunto de todos os franceses.

Jean Huteau

antigo director de informação da AFP

(1) Os escritórios são serviços sedentários que seleccionam, traduzem e adaptam as informações entregues em permanência ou abonadas pelo tele-escriptor.

No fim dos anos 60 foi posto a correr o rumor de que Paul McCartney tinha morrido carbonizado ao volante do seu carro. Mas afinal está bem vivo, como prova o seu álbum recém-lançado, Press to Play.

Viver e deixar morrer

Live and Let Die é a canção, composta por Paul McCartney, para o genérico do filme de James Bond do mesmo nome.

UMA noite de Novembro de 1966, Paul McCartney sai do estúdio de gravação. Vem a encontrá-lo um pouco mais tarde, carbonizado ao volante do seu Aston Martin. Os Beatles estão então no apogeu da sua glória. Heróis de todas as categorias, fenómeno social e símbolos da juventude planetária: receiam-se suicídios organizados dos seus fãs e pensa-se, de passagem, nas cifras do negócio das sociedades APLE e EMI, que ficam em risco de levar um rude golpe. É preciso a todo o preço guardar segredo, o grupo continuará com ou sem Paul. Substituem-no por um sósia na pessoa de William Campbell. John compõe só, e o clone de Paul aprenderá a jogar às escondidas. Em 1966, os Beatles anunciam que abandonam a cena.

Eles vão tornar-se o maior grupo do mundo e de todos os tempos.

O drama será abafado e todas as fugas colmatadas até ao dia em que, em 1970, depois da separação dos Beatles, Russ Gibb, animador de uma estação de rádio (WKMR) em Detroit, revela todo este caso. Pois se os três famosos companheiros de Paul seguiram o seu caminho sem ele, tiveram, com a cumplicidade do seu sósia, que o associar ao destino do grupo e a perpetuar a sua memória com a ajuda de todos os tipos de homenagens camufladas.

Começaremos pela capa de Abbey Road, pois que foi esta que pôs Russ Gibb na pista: a rua da Abadia, onde estão os escritórios da APLE, a companhia dos Quatro de Liverpool, John, Ringo, Paul (?) e Georges atravessam-na da esquerda para a direita sobre uma passagem de peões: à esquerda, um cemitério, à direita, o outro lado; é a passagem do rio da morte. Abrindo a marcha, o prior: John está de fato branco, cor do luto nos países nórdicos. Atrás dele, o gato-pingado: Ringo, está vestido de preto. Paul (!), em seguida, vai descalço (os mortos são enterrados assim na Grã-Bretanha). Cigarro na mão direita (ele é canhoto). O coveiro por último: de jeans, Georges fecha a marcha. O número da matrícula da «jolinha» (VW) estacionada no passeio: LMW 28 IF. «Living McCartney was 28 if» (se McCartney fosse vivo teria vinte e oito anos). Estacionada à direita, a viatura da polícia é uma furgoneta da morgue municipal.

Em «Come together», a primeira canção do álbum é «one and one and one is three» (um mais um mais um são três — e não são quatro!).

Voltemos agora à continuação do trágico acontecimento: A transição deve fazer-se suavemente. Discretamente as fotografias do falso Paul começam a ser difundidas a conta-gotas entre as verdadeiras. Primeiro indício: na capa do álbum «Yesterday and Today», Paul (?) está sentado numa mala meio fechada e acompanhado dos outros três. Naquela de «Revolver» (!), nenhuma foto recente mas uma ilustração a que se junta uma colagem de «negativos» remontando a 1964.

Em Fevereiro de 1967, o 45 rotações «Penny Lane — Strawberry Fields» sobe em flecha em todos os tops. No final de «Strawberry Fields», na gravação original, percebe-se vagamente



Um «rapaz» ainda na moda

John dizer «I buried Paul» (eu enterrei Paul). O texto, quanto a ele, vale pelo peso das metáforas: «living is easy, with eyes closed/misunderstanding all you see/ It's getting hard to be some one/ But it all works out (É fácil viver com os olhos fechados uma má interpretação do que se vê — isso torna-se complicado ao ser alguém — mas tudo se arranja).

Na capa do «Sgt Peppers and the lonely hearts club Band», a acumulação de indícios mórbidos é embaraçosa. Primeira página: Por baixo da cabeça de Paul (?) a mão da morte (na tradição celta); à direita do grupo: a esfinge dos quatro em estátuas de cera. Esta «fanfarra de corações solitários» (!) posa emoldurada sobre uma tumba. Nesta tumba, sob o nome de Beatles, uma coroa de flores amarelas, figura uma guitarra de quatro cordas (Paul tocava baixo), com a forma de um P. Sobre a direita uma boneca de caracóis loiros (Jane Asher, primeira mulher de Paul, era loira e, na época, ele ainda não conhecia Linda) tem um carro-miniatura (o Aston Martin de Paul).

Na fotografia interior da capa, numa tarja cosida na manga esquerda de Paul (?), podem ler-se três letras: OPD (Officially Pronounced Dead). Enfim no verso da capa, Paul (?) está de costas enquanto os outros três estão de frente.

O jogo de pistas continua no interior do «Magical Mystery Tour», o filme, o disco e antes de tudo a canção-título com o refrão: «The Magical Mystery

tour is Waiting to take you Away» (o MNT espera para vos levar — o «vos» pode ser tomado no singular). Na página três do álbum de fotos encontrado na capa do disco, pode-se ler «I Was» (eu fui) em frente de Paul. Na quinta página, os Beatles estão escondidos por máscaras: morsa (a única máscara negra), é Paul. Este último está descalço nas páginas 10, 12 e 13. Página 25, Paul tem um olho negro na casaca, os dos outros três são vermelhos. Quanto ao filme, onde o tema pode ser interpretado como a viagem ao outro lado, ele multiplica as provas. Que seja suficiente nomear a hospedeira do carro: Wendy (end: fim) Winters (inter: enterrar, Winter: Inverno, o acidente foi em Novembro).

No duplo álbum branco (cor de luto), joga-se com o trecho «Revolution Number 9» (o número de letras do nome McCartney) ao contrário, pode-se entender todo o tipo de coisas insólitas como klaxons de viaturas, ruídos de travões, acidentes, assim como frases como «Turn me dead man» (deixa-me homem morto). Continuando a ver ao contrário, entre «I'm so tired» (!) e «Blackbird» (!), é possível perceber: «Paul is dead, miss him» (Paul morreu, sentimos a sua falta).

Enfim, em forma de participação, a capa bordada a negro, «Let it Be» será o último álbum dos Beatles. Nas fotografias, Paul (?) não olha na mesma direcção que os outros.

Inquietante, não O assunto fez bastante barulho nos anos 70, ao ponto de Paul se sentir obrigado a afirmar que era bem ele, vivo, e não um duplo (!) e não seguramente esse obscuro William Campbell. Russ Gibb foi obrigado a apresentar desculpas. As provas não tinham consistência (2). Golpe publicitário ou enorme calúnia imaginada pelos Beatles eles mesmos (sabe-se que a sua carreira está cheia de brincadeiras que fazem as delícias dos colecionadores)? E se Paul McCartney, convidado um pouco por toda a gente, fosse realmente um sósia? E se o jovem Philippe Manocuvre, que sempre militou nos Rolling Stones contra os Beatles nesta guerra determinante entre «fans» dos dois grupos, não fosse senão um impostor?

Alain Wais

Notas

- (1) Ele encetou uma carreira a solo onde o novo álbum («Press to Play») é decididamente uma proeza sagrada em relação ao primeiro Campbell aparecido.
- (2) «Yesterday and Today» e «Revolver» saíram antes do presumível acidente. OPD: Ontario Police Department. «Abbey Road» saiu em 1969; nascido em 1942, Paul tinha 27 anos, o 1 é um 1, o cemitério uma casa de idosos, a viatura da polícia é uma de verdade, Paul tem o hábito de se descalçar quando tem calor, etc.
- (3) «Viver e Deixar Morrer», canção, composta por Paul McCartney para o genérico do filme de James Bond «Life and Let Die».

Mensagens Pessoais

O Diabo (1934-38)

«O Diabo», semanário de crítica literária e artística. Completo. Encadernado em percalina (4 vols.) e em bom estado. Base de licitação: 10 000\$00. Vende-se pela melhor oferta. Tel. 043/51130.

Colóquio/Letras

«Colóquio/Letras», vindo dos números 1 a 78 telefone n.º 548537.

Quarto criança

Vendo mobília de quarto de criança, em tola, c/ duas camas, roupeiro c/ sete gavetas e escrivaninha. Tel. 705632

Filtro de Água

Filtro de água, novo, «Lar-ozon», eléctrico. Relógio pulso, novo, «Roxlex». Tel. 837054, até às 10 h depois das 20 h.

Arame de cobre

1 lote arame de cobre esmaltado para bobinadores vende-se urgente. Tel. 535870

Benavente

Vende-se lote de terreno urbanizado em Benavente, 300 m². Informações pelo tele. 529834, Armando Ferreira Aires

Caravana residencial

Caravana Residencial. Para colocar em terreno. Bom estado. 8,5x300m 6/7 pessoas. Vendo Telef. 2903021 — 2903078, das 9 às 21 horas.

Cadeira de rodas

Compro em 2.ª mão. Telef. 520050.

Mecânico — Oferece-se

Competente, trabalha em todas as marcas, 20 anos de prática, procura trabalhar à obra ou percentagem ou à sociedade, em oficina de bate-chapa ou pintor onde haja serviço que compense. Rua Teófilo Braga n.º 3-B cave 1200 Lisboa.

Desemprego

Sou uma das vítimas dos contratos a prazo. Faço: instalações eléctricas, montagem de antenas também canal espanhol, reparação de electrodomésticos e máquinas de tricotar. Contactar: A partir das 19 horas Tel. 66 13 01.

Aos Colégios

Mobiliário e instrumentos musicais vendo, destinados a classe pré-primária. Contactar com Telef. 847622. Dias úteis das 10 às 21 horas.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o «Sete Ponto Sete» publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o «Sete Ponto Sete» nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», «Sete Ponto Sete», «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.